Viajantes da Via Láctea

Uma aventura no Caminho de Santiago

Albino Neves

Viajantes da Via Láctea
Uma Aventura no Caminho de Santiago
Albino Neves

Registro 244.235 - Livro 433 - Folha 395
Fundação Biblioteca Nacional - FBN/MC

Chácara Luz da Manhã - Caixa postal 16
Carangola - Minas Gerais - Brasil - 36800-000

Capa
Wellington Vilela

Fotos
Albino Neves

Contra capa
XXXXXXXXXX

Revisão
Alcina Drumond
Carla Chabuder da Costa

Correspondência para o autor
E-mail: albinnonerves@yahoo.com.br

Desde que resolvera percorrer o Caminho de Santiago de Compostela, propusera-me a uma busca solitária. Busca da essência de meu próprio ser, cuja bússola de orientação não fixava nenhum ponto definido, mas abria latitudes e longitudes de minhas entranhas e de meu horizonte mental.

O Caminho foi surpreendente a cada passo e eu convido ao amigo leitor a fazer esta viagem na rota iluminada pela Via Láctea.

O Autor

Agradecimento

Agradeço a Deus por ter-me concedido vida e saúde para percorrer, sob o teto da Via Láctea, o Caminho de Santiago de Compostela, ao Apóstolo Tiago por ter-me chamado àquela via, aos meus filhos Karina, Vitor Hugo, Agatha e Vinícius, aos meus netos Lucas, Maria Gabriela, Bernardo, Matheus e Ana Luíza que esta chegando, aos meus familiares e amigos que me incentivaram, aos peregrinos, aos hospitaleiros, a Leda Nardelli, aos meus irmãos Vitor Manuel, Edouard Murer, Ana Nardal e Sebastian, aos amados primos Fernanda, Conceição, Vitor e Jorge e seus filhos, que me acolheram na Europa com carinho e amor, e aos membros da medieval Ordem Templária, que, ao longo da jornada, fizeram-me compreender que e alguma forma estamos ligados através dos séculos. Vocês deram um brilho e sentido ao meu Caminho. A vocês, minha gratidão e um beijo no coração.

Prólogo

De repente, sem que menos esperasse ou mesmo imaginasse, comecei a ser atraído pelo Caminho de Santiago de Compostela. Sem saber o porquê, aquela força se apossava de mim aceleradamente, a cada instante, e aumentava na mesma proporção.

A atração me levou a questionar sobre o caminho, e, desde aquela hora, começaram a surgir informações seguidas vindas de várias direções sem que eu mesmo as procurasse ou esperasse obter.

Um fato marcante das informações que recebera era o de que o ano de 1999 seria o último Ano Santo do século e do milênio; ocasião em

que a Porta Santa, onde se encontra a urna com os restos mortais do Apóstolo de Cristo – Tiago,estaria aberta.

Independente dos dogmas da Igreja Católica que asseguram, através de uma Encíclica Papal do século XII – onde o Papa Calixto II instituiu o Ano Santo todos os anos em que o dia 25 de julho coincidisse com um domingo, tendo sido o primeiro deles comemorado em 1126 –, que todo aquele que percorrer o caminho em um Ano Santo e passasse pela porta estaria perdoado de seus pecados, o caminho me atraía por sua força e magia como um ímã.

Desde que resolvera percorrer o caminho, propusera-me a uma busca solitária. Busca da essência de meu próprio ser, cuja bússola de orientação não fixava nenhum ponto definido, mas abria latitudes e longitudes de minhas entranhas e de meu horizonte mental para que pudesse perceber porque fora chamado a percorrer o 'Caminho das Estrelas' onde, em 813 d.C., um eremita chamado Pelayo descobriu a urna com os restos mortais de Tiago e seus discípulos – Atanásio e Teodoro.

Em 1999, segundo informações da Associação do Caminho, em Santiago, milhares de pessoas percorreram a rota iluminada pela Via Láctea de janeiro a 20 de novembro; e, desta data até 31 de dezembro, quando a Porta Santa foi fechada, o número de peregrinos não chegou a cinqüenta, isso porque a temperatura na época variou de cinco graus Celsius positivos a dez graus negativos na Cruz de Hierro. E, entre eles, eu era o único sul-americano, tendo começado a caminhada no dia 26 de novembro e concluído em 24 de dezembro.

Pude, a cada passo, compreender o porquê de o caminho me atrair. A princípio, a primeira impressão foi a do desapego das coisas mundanas e da libertação do excesso, visto que cada grama a mais que carregamos ao longo do caminho representa dores e sacrifícios. A seguir, da introspecção provocada pelos sucessivos passos solitários que me atiravam em um profundo mergulho na essência de meu próprio ser, e, ao mesmo tempo, na análise independente e imparcial de tudo que vira e sentira no decorrer da jornada.

Os menus do peregrino ingeridos ao longo do caminho, muitas vezes repetitivos, sempre regados a pão e vinho, eram a certeza da manutenção da energia do corpo para empreender a caminhada. O frio, a neve, o vento, a chuva e a lama, formada pela neve derretida serviram como incentivo a prosseguir num percurso aquecido pela força do caminho que pulsava incessantemente a bombear o sangue que fazia bater o coração do peregrino.

A estada com Padre Javier, em Roncesvalles; com os *alcades* Santiago de Zubiri, em Larrasoaña, e Eloy, em Portomarín; com Juan Ramón Corpas Mauleón, *Director General do Departamento de Educación y Cultura do Gobierno de Navarra*; com Carlos e sua família, em Estella; com María Tobías, em Azofra; com Marcela, em San Juan de Ortega; com Victoriano, o *mensonero* de Hontanas; com Pablo, o *mensonero mayor del camiño*, em Villalcázar, que me ofereceu um livro aberto pelo Rei Juan Carlo e a Rainha Sophia para deixar uma dedicatória; com as monjas, em Carrión de los Condes; com o artista plástico Monsenhor, em Villar de Mazarife; e com inúmeros membros da Ordem Templária me ligavam a uma corrente cujos elos compõem a história do caminho.

O encontro com os peregrinos Edouard, Vitor Manuel, León, Ana Nardal, Sebastian, Tony, Rosário,Tomy, Andréa, Carmen, Carlos, Jean Pierre, Mark, José Valderrabano, Gauthier, e outros reforçaram os princípios da fraternidade.

Os templos, monumentos, obras-de-artes e estruturas medievais me atiravam a um passado que, apesar da brutalidade muitas vezes empregada, como na época da Inquisição, assegurava a sensibilidade de outros que com sua arte adornaram o caminho com obras que perduram através dos séculos.

O ritual da queimada com Jesus Jato, em Villafranca del Bierzo; o encontro com Luiz, em Ruitelán; as belezas da natureza que se multiplicavam no trajeto do Cebreiro, da Cruz de Hierro; e o encontro com o Templário Tomás, em Manjarín, eram a coroação dos portais da Galícia que se abririam repletos de inúmeros outros lugares de significativa magia e beleza.

Os cantos gregorianos ao longo do caminho se sintetizavam na voz da monja, na Catedral de Santiago, a coroar a chegada do peregrino na missa a ele dedicada e na noite comemorativa ao nascimento do menino Jesus.

Além de toda magia vivida passo a passo da fronteira da França com Santiago, outras seriam vivenciadas em Finisterre no ritual da queimada dos pertences que acompanharam o peregrino, e, posteriormente, na entrada em Portugal, onde o Caminho de Santiago teve continuidade na visita a Fátima, a Oliveira de Frades, e ao Castelo Templário de Tomar; lugares que, a exemplo de Santiago de Compostela, encontram-se em um mesmo eixo de forças telúricas propícias à meditação e às teofânias.

É esse trajeto, repleto de surpresas a cada passo, documentado amplamente com mais de mil fotografias, que guardo vivo na lembrança e que me proponho estender de forma sintetizada àqueles que, de algum modo, pretendem cruzar os portais de sua própria existência, na busca do seu 'eu interior' a fim de descobrir o Deus que em si habita, como fazem aqueles que adentram nos portais das grandes ordens exotéricas e mergulham nos conhecimentos existentes aquém da literatura das prateleiras, em um contexto de séculos e milênios de estudos e meditações guardados pelos guardiões das bibliotecas das ditas ordens.

O Autor

"É me dado todo o poder do céu e da terra. Portanto, ide e fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado." (Mateus 28:16-20)

Desde a hora sexta até à hora nona houve trevas sobre toda a terra. Por volta da hora nona, exclamou Jesus em alta voz: "– Eli, Eli, lemá, sabactâni", que quer dizer: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" 1

Naquela hora "o centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e as coisas que haviam sucedido, tiveram grande temor, e disseram: "– Verdadeiramente este era Filho de Deus." 3

De longe, muitos assistiam e entre os que assistiam "estavam Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu." 4

"Passado os três dias, Jesus ressuscitou pedindo às três Marias que anunciassem aos seus discípulos o feito e que ele iria ter com eles." 6

"Os onze discípulos partiram para a Galiléia, para o monte em que Jesus lhes tinha designado. Quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram."

Chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: "– É me dado todo o poder do céu e da terra. Portanto, ide e fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado. E

certamente estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos.” [7]

Ao receber na Montanha Sagrada o cajado, não tinha idéia do que me esperava pela frente, principalmente por que aquela Viagem que havia terminado de fazer, tinha me encantado com suas maravilhas, belezas naturais e magias.

De posse do cajado, segui de volta ao meio em que vivia, nas Cordilheiras Atlânticas, em um dos refúgios de plantas e animais no período do *Plestoceno*. Anos depois de meu retorno, fui compelido a ir à Europa, onde pretendia percorrer o Caminho de Santiago.

Sem intenções que não fossem dedicar uns dias a divagar meus pensamentos e contemplar terras que não conhecia, desembarquei em Madri no inverno, e de lá rumei em outro vôo para Pamplona, uma cidade espanhola com milhares de anos de existência, a qual data da época do Império Romano, cujos escombros se fazem vivos em uma simbiose perfeita com o modernismo do lugar.

Durante o vôo doméstico, pude conhecer um pouco dos hábitos daquele povo. Sentei ao lado de um parlamentar espanhol que já vivera no Brasil, e que me passou umas dicas de como poderia me instalar naquela cidade.

Em Pamplona, tomei um táxi, como fui aconselhado pelo deputado espanhol, e rumei para o albergue de peregrinos. Ao chegar no albergue, ao final daquele dia, recebi a notícia de que o mesmo estava fechado e que não abriria no inverno. Meio que desolado com a notícia, perguntei ao motorista do táxi quanto ele cobraria para me levar a Saint-Jean-Pied-de-Port, em território Francês, e ele pediu cerca de cem dólares pela viagem.

Depois de acertar o preço, rumamos para a França. Viajamos cerca de duas horas até Saint-Jean.

Ao chegar em Saint-Jean, fui informado de que os Pirineus estavam com mais de um metro e meio de neve, o que tornava impossível a travessia por aquelas montanhas, e também que caso eu quisesse começar a caminhada pelo território Francês, poderia percorrer o caminho por Val Carlos, só que passando pelo asfalto que eu percorrera de carro.

Perguntei ao taxista se ele me levava de volta até Roncesvalles, em território Espanhol, a 23 quilômetros de Saint-Jean, e ele concordou em me levar sem nada cobrar a mais.

Chegando em Roncesvalles, o motorista me levou até a sala onde funciona o escritório da colegiada, onde conheci o padre Javier, que me recepcionou com muita cordialidade.

Uma jovem pegou minha credencial e a selou – ali iniciava minha peregrinação. Aquele era o primeiro de dezenas de outros selos que receberia na caminhada. Naquela hora também, adquiri uma concha, símbolo do caminho, a qual afixei na traseira da mochila.

Após a recepção, a jovem indicou onde era o albergue e comunicou que se pretendesse comer deveria reservar um menu de peregrino no bar da esquina, o único existente no local.

Segui sua sugestão: guardei a mochila no albergue e fui até o bar juntamente com Tony, um norte-americano que tinha vindo de Saint-Jean por Val Carlos, que conhecera no albergue.

Na ida para o bar, vi neve pela primeira vez na vida, e fiquei fascinado! Minha vontade era pegar, apalpar e deitar naquele amontoado branco.

Depois de reservar a janta, Tony e eu fomos para a colegiada, onde nos foi oferecida, pelo padre Javier e outros daquela ordem, uma missa que saúda e dá as bênçãos na partida dos peregrinos.

O canto gregoriano entoado por três padres invadia meu ser como uma bênção divina. Soava como um cântico angelical por entre as paredes seculares do templo, e revigorava o meu ser após ter enfrentado mais de um dia de viagem de avião e carro.

A missa durou cerca de uma hora, e durante o ritual os padres disseram que ela era ofertada a um brasileiro e um americano, e em francês nos convocou a ir até a frente do altar onde nos deu as bênçãos, desejando-nos uma boa peregrinação.

O padre indicado para nos saudar falou: "– Aqui estão dois peregrinos do Caminho de Santiago, um norte americano e um brasileiro. Que eles possam, ao longo da caminhada, refletir sobre suas vidas e, ao final dela, ter conseguido encontrar aquilo que buscam."

A colegiada, cujo teto é adornado com formas octogonais envoltas pela meia luz, dava um clima de magia todo especial ao lugar, apesar de que eu ainda não tinha relaxado da viagem e dos contratempos para absorver aquilo que via e sentia naquele momento, o que só veio a acontecer durante minha caminhada para Larrasoaña.

Após a missa, fomos para o albergue aguardar a hora de cearmos. Enquanto isso, trocamos informações sobre o chamado ao Caminho de Santiago de Compostela e também *regalos* (presentes). Dei-lhe um pequeno cristal e disse que aquela era uma pedra lapidada por Deus,

que o homem não havia tocado nela para tecer-lhe aqueles belos entalhes sextavados. Ele ficou encantado com a pedra, e fez para mim um pássaro em papel dobrado, muito bonito, que guardo com carinho até hoje.

Depois da troca de *regalos*, partimos para o bar onde comemos um menu de peregrino. O primeiro de minha jornada!

Além da truta com batata, bebemos uma garrafa de vinho francês e recebemos frutas como sobremesas.

No dia seguinte, começaria minha peregrinação pela Rota Sagrada, cujo trajeto é iluminado pela Via Láctea.

Até aquele instante, ainda não sabia o que havia me chamado ao Caminho.

Sequer desconfiava que manteria contatos com ilustres figuras que fazem e representam o caminho; entre elas, artistas, intelectuais, místicos e, principalmente, com membros da Ordem Templária, a mesma que dos séculos XI a XIV ficou conhecida como a mais importante Ordem de Cavalaria da história da humanidade.

Não imaginava que minha ligação com os membros templários vinha de longa data, e só após a conclusão de minha viagem à Europa isso ficaria mais claro para mim.

Os Cavaleiros do Templo, Cavaleiros da Ordem, Monges Guerreiros, e Cavaleiros do Grau, como ficaram conhecidos os Templários na Idade Média, tiveram como finalidade dar segurança e garantir as peregrinações à Terra Santa, em Jerusalém, e a Santiago de Compostela, sendo que na Europa, aqueles cavaleiros também ficaram conhecidos como Cavaleiros da Ordem de Santiago.

Meu encontro com Tony foi ótimo, e ficara muito satisfeito, pois achava que teria um companheiro durante a caminhada, apesar de que minha proposta era fazer o percurso sozinho. Pouco mais de três quilômetros depois de iniciarmos a jornada, descobri que cada qual tem seu próprio ritmo e que o meu era diferente do de Tony, que concluira o caminho sete dias após minha chegada a Santiago.

Logo no início da rota, encontrei o primeiro cruzeiro de tantos outros fincados ao longo do caminho, e onde os peregrinos depositam em sua base uma pedra simbolizando o dispensar de seu passado para o ressurgimento de um novo homem.

Ao pararmos em Burguete, para tomarmos o café-da-manhã, Tony disse que ficaria ali por mais tempo, e que não tinha hora de partir. Não estranhei sua decisão, pois sua mochila pesava cerca de 25 quilos, enquanto que a minha pouco mais de 15.

Depois que deixei meu companheiro, me senti desprotegido por alguns instantes, por não falar outro idioma senão o português. Comecei a andar e logo a introspecção se apossou de mim, desfazendo aquele mal-estar momentâneo.

A passagem por Espinal, um povoado fundado pelo rei navarro Teobaldo II, no século XIII, me encantou, pois vinha de um país jovem, que completaria 500 anos só no ano seguinte – 2000.

Ao rumar para o Alto de Mezkiritz, onde é comum rezar uma oração de Salve Nossa Senhora de Roncesvalles, orei, sentado próximo ao marco de pedra em forma de lápide tendo esculpida Maria com o filho ao colo, a oração da manhã.

> "Senhor, no silêncio deste dia que amanhece, venho pedir-te a paz, a sabedoria e a força.
>
> Quero, hoje, Pai, olhar o mundo com os olhos cheios de amor.
>
> Quero ser paciente, compreensivo, manso e prudente.
>
> Quero ver, além das aparências, Teus filhos, assim como Tu vês, e, deste modo, não ver senão o bem em cada um deles.
>
> Cerra os meus ouvidos a toda calúnia.
>
> Guarda a minha língua de toda maldade.
>
> Que só de bençãos se encha minha alma.
>
> Que eu seja tão bom e tão alegre, que todos aqueles que se aproximem de mim, sintam a Tua presença.
>
> Reveste-me da Tua beleza, Senhor, e que no decurso 'deste caminho' eu Te revele a todos.
>
> Amém!"

Aquela oração aliviou minha passageira inquietude, e passei a caminhar como se vagasse ao sabor do vento, velocidade e tempo ideal para quem percorre o Caminho de Santiago e os caminhos da vida.

Com serenidade e tomado pela paz interior pude sentir melhor aquela rota medieval, onde na Idade Média se escondiam bandidos que saqueavam os peregrinos e lobos que os atacavam.

Em Biscarreta, até o século XII, existia um hospital de peregrinos. Depois de passar por aquele lugar, que muitas vezes abrigou e socorreu os peregrinos ao longo dos séculos, passei por Lintzoain onde inicia a subida do Alto de Erro.

No Alto de Erro, tive uma crise de choro. É que naquela hora senti fortemente a distância que me separava de minha família. Lembrei-me de meus filhos Karina, Vitor, Ágatha, Vinícius e Beatriz, e do meu neto Lucas, que estava para nascer, e me perguntei: "– O que eu estou fazendo aqui? Isso é uma doidera!"

Aquele *mix* de reflexão, arrependimento e dúvidas levou-me a dirigir novamente orações pedindo forças a Deus para que conseguisse vencer a empreitada que me propusera fazer.

Ao longo daquelas montanhas, entre matas, trilhos e pedras, li algumas placas que diziam: 'Área de adestramento de *perros*' (cães).

De vez em quando ouvia tiros ecoarem na mata. Não sabia que a caça era permitida naquela área.

Depois de caminhar certo tempo, encontrei alguns homens portando espingardas, e logo me veio à lembrança comentários que ouvira sobre a atuação de grupos separatistas que poderiam se encontrar por aquelas bandas. Como se os desconhecesse, continuei minha caminhada como se nada tivesse acontecendo. E apesar do ritmo cardíaco ter disparado, ao passar pelo grupo disse com voz firme: "– *Hola! ¡Buenos días, señores!*," prosseguindo sem olhar para os lados ou para trás.

Passado aquele imprevisto, continuei em um mergulho interior, onde rogava a Deus que iluminasse o meu caminho, e me fizesse ver o porquê havia sido chamado a percorrer aquela via milenar.

Passei o dia me alimentando de peras, até que poucos quilômetros depois de Zubiri – um lugarejo com casarios antigos –, já ao entardecer, encontrei Larrasoaña – cidade de suma importância para o caminho desde o século XII, também conhecida por sua hospitalidade e por abrigar, desde o século XIII, a Igreja de San Nicolás de Bari –, onde pernoitara.

Logo que entrei na cidade, senti o primeiro gosto de vitória. Havia vencido a primeira etapa. Só faltavam pouco mais de 720 quilômetros para percorrer a pé.

Ao avistar um camponês, perguntei onde se localizava o albergue de peregrinos, e este respondeu que ficava na rua principal, e que o alcaide era o responsável pelo recinto e residia em frente ao mesmo.

Bati numa porta de madeira, e uma mulher atendeu-me dizendo que o responsável pelo albergue encontrava-se na porta ao lado. Bati então na outra porta e fui recebido por um senhor de estatura mediana chamado Santiago de Zubiri, alcaide daquela localidade, que me convidou a entrar.

Para surpresa minha, sua sala estava, em grande parte, adornada por bandeiras, camisas, flâmulas e diversos outros objetos de nacionalidade brasileira. Lembrei-me do amigo Lucas Izoton, que no livro 'O Caminho Mágico', citou o velho senhor com muito carinho, e logo ao primeiro contato, vi que não poderia ser de outro jeito.

Santiago de Zubiri me falou de sua paixão pelo Brasil e por seu interesse e admiração pelo estado de Minas Gerais, tendo em vista que coleciona pedras brasileiras.

Depois de descansar a mochila e manter uma conversa descontraída com meu anfitrião, saquei da pochete uma bolsinha onde portava inúmeras pedras que havia trazido do Brasil. Retirei um cristal e ofereci a Zubiri, que agradeceu pelo presente e me deu algumas faixas plásticas escritas *Camiño de Santiago de Compostela*.

Amarrei uma das faixas em meu cajado, que me acompanhou ao longo de toda a viagem, e só foi retirada no Brasil, quando retornei à cidade de Carangola, no interior de Minas Gerais e que hoje faz parte do Caminho da Luz, o Caminho do Brasil.

Zubiri me entregou as chaves do albergue e recomendou-me para que, quando saísse, na manhã seguinte, abrisse a bambinela da porta de sua casa e atirasse as chaves para dentro. Também me falou sobre uma espécie de mercearia que tinha a uns 300 metros do albergue, onde poderia comer algo. A seguir, se despediu e disse que tinha um compromisso em Pamplona.

Sozinho no albergue, aproveitei para ler alguns dizeres deixados no quadro de avisos e também para deixar um bilhete para o meu amigo budista – Tony.

No bilhete deixado para o americano eu escrevi: "Não desista! Seja persistente! Acredite que você pode chegar a Santiago!"

Tony, ao chegar à Catedral de Santiago, no primeiro dia de 2000, enviou, no dia seguinte, um cartão para minha residência no Brasil onde dizia:

> "Saudações meu amigo. Cheguei em Santiago em 01/01/2000. Agredeço muito pelo cristal que você me deu em Roncesvalles. E o mais importante, a mensagem que você deixou para mim em Larrasoaña me deu encorajamento – 'não desista'.
>
> Espero que tenha dado tudo certo para você.
>
> Te desejo o melhor para o Ano Novo.
>
> Tony."

Fiquei satisfeito em saber que minhas palavras encorajaram Tony a prosseguir em sua viagem, e assim compreendi que movido pelo incentivo, encorajado pelo amor, e guiado pela incandescente luz que habita dentro de cada ser, pode se vencer qualquer obstáculo, por maior e mais difícil que possa parecer.

Além do bilhete que deixei para Tony, escrevi para os peregrinos do Caminho de Santiago uma mensagem e afixei-a no quadro.

> "Aquele que busca, encontra: A luz! A vida! O amor! A fé! O caminho!
>
> Que o Caminho de Santiago realize o encontro de todos os que me antecederam e dos que me sucederão. Assim, acredito que valeu mais esta experiência em nossas vidas."

Depois de um bom banho quente, de relaxar e deixar minhas marcas no quadro de avisos, vesti um agasalho e fui procurar a tal mercearia.

O frio de quase zero grau, que me fazia andar encolhido apesar do agasalho, justificava as ruas desertas.

Ao chegar na mercearia, fui recebido por um senhor de nome Sangalo, que educadamente perguntou o que desejava. Respondi que pretendia comer algo – frutas, pão e coisas do gênero.

Sangalo disse que para fazer o caminho era necessário comer comida, alimentar-se direito para não adoecer, pois no inverno o caminho é mais duro, e se o corpo não tivesse bem nutrido não resistiria.

Aquele homem chamou a esposa e pediu-lhe que aprontasse algo para mim.

Contei que era brasileiro e que havia sido chamado pelo caminho.

Falei sobre meus filhos, esposa, e, tomado de emoção, não me contive, as lágrimas rolaram.

Sangalo me ofereceu um copo de vinho, o qual degustei com muita satisfação.

Enquanto aguardava minha comida ficar pronta, uma senhora sentou-se à mesa em frente, pôs em cima da mesma uma tigela com comida e começou a comer com as mãos, o que me chamou a atenção, pois no Brasil este é um hábito não comum. Pouco depois sentou uma menina, em seguida uma outra senhora, e, posteriormente, o próprio Sangalo. E todos ceavam com as mãos na mesma vasilha.

Fiquei impressionado com a cena e pude compreender, naquele instante, o verdadeiro sentido de família.

Foi uma lição inesquecível, principalmente porque enquanto comiam falavam sobre os filhos, a vida, os negócios, enfim, dividiam o pão com amor e naturalidade, num verdadeiro gesto de fraternidade, ao mesmo tempo em que também consolidavam, planejavam e erguiam novos pilares da família.

Aquela cena fortaleceu meu conceito sobre família.

Depois de comer, tomar o delicioso vinho oferecido por Sangalo, e viver aquele momento marcante, voltei para o albergue.

No dia seguinte, retornei à casa de Sangalo, onde tomei o café matinal, comprei umas frutas e parti em direção a milenar Pamplona.

Enquanto caminhava naquela manhã, pude perceber que se voltasse dali, já teria aprendido uma grande lição.

Logo que passei por Akerreta, por Zuriain e Irotz, percurso laureado por um antigo casario e a ermida de Santa Marina, caminhando ao lado de um grande abismo, recordei que recebi de um amigo o Sermão da Montanha, onde Jesus Cristo ditou a base do cristianismo ao subir em um monte para ensinar aos seus discípulos e falar às multidões.

Aquele texto assegurara que não deveria me preocupar com o que pudesse acontecer no Caminho, pois, por certo, Deus, com Sua Onipotência e Amor, me acolheria e me daria apenas o que merecesse, ou melhor, o que pudesse carregar durante o trajeto e armazenar durante a vida.

A profundidade do escrito, as palavras do Grande Mestre, me guiaram durante a jornada.

Saquei da mochila o texto e comecei a ler em voz alta:

> *"– Felizes os que tem consciência de sua necessidade espiritual, pois deles é o reino dos céus.*
>
> *Felizes os que choram, porque serão consolados.*
>
> *Felizes os mansos porque herdarão a terra.*
>
> *Felizes os que têm fome de Justiça, porque serão saciados.*
>
> *Felizes os misericordiosos, porque serão tratados com misericórdia.*
>
> *Felizes os puros de coração, porque verão a Deus.*
>
> *Felizes os que têm sido perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.*

Felizes sois quando vos vituperarem e perseguirem e, mentindo, disserem toda sorte de coisas iníquas contra vós, por minha causa.

Alegrai-vos e pulai de alegria, porque a vossa recompensa é grande nos céus; pois assim perseguiram os profetas antes de vós...

..,Ouvistes que foi dito: Amarás ao teu próximo, e odiarás ao teu inimigo. Eu, porém, vós digo: Amai aos vossos inimigos, e orai pelos que perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos. Pois, se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem os iníquos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis demais? Não fazem os gentios também o mesmo? Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito vosso Pai celestial...

...E, quando orardes não sejais como os hipócritas; pois gostam de orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque pensam que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque vosso Pai, sabe o que vos é necessário, antes vós lho pedirdes.

Portanto, orai vós deste modo:

Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o Teu nome, venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje. Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também temos perdoado os nossos devedores. Não nos deixes cair em tentação; mas livrai-nos do mal. Porque Teu é o reino e o poder, e a glória, para sempre. Amém.

Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial, perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai perdoará vossas ofensas. Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque eles desfiguram os seus rostos, para que os homens vejam que estão jejuando.

Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando jejuares, unge a tua cabeça, e lava o teu rosto, para não mostrar aos homens que estás jejuando, mas a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará...

...A lanterna do corpo são os olhos; de sorte que, se teus olhos forem bons, todo teu corpo terá luz; se, porém, os teus olhos forem maus, teu corpo será trevas. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grande são tais trevas!

Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar a um e amar o outro, ou há de dedicar-se a um desprezar a outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. Por isso vos digo: não estejais ansiosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que alimento, e o corpo mais que o vestuário? Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não valeis vós muito mais do que elas?

...Todo aquele, pois, que houve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente, que edificou a casa sobre a rocha. E desceu a chuva, correram as torrentes, sopraram os ventos, e bateram com ímpeto contra aquela casa; contudo não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. Mas todo aquele que houve estas minhas palavras, e não as põe em prática, será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, correram as torrentes, sopraram os ventos, e bateram com ímpeto contra aquela casa e ela caiu; e grande foi a sua queda".

Ao acabar de ler o texto, parecia que tinha tirado todo o peso dos ombros, na verdade, não sentia sequer o da própria mochila.

Repetidamente dizia após aquela leitura:

"– Jesus, Vós que tirastes os pecados do mundo, perdoai os meus pecados. Aliviai a minha alma. Revelai-Vos para mim."

Não esperava ver um Jesus em carne e osso, contudo, o desejo de me alinhar ao Mestre e seus antigos ensinamentos tornava repetitiva minha conversa com Ele, já que a libertação, o desprendimento, e a

busca solitária permitiriam a abertura do horizonte mental de forma a receber e perceber a tudo ao longo do caminho.

Quando dei por mim, já estava próximo de Trinidad de Arre, a menos de cinco quilômetros de Pamplona, a primeira grande metrópole que teria que enfrentar depois de dois dias de uma caminhada solitária, onde percorri os vales da vida. Aliás, eu e Deus!

Durante aquela reflexão, consegui compreender melhor que quem consegue dirigir seu próprio caminho, realmente é dono de seu destino e de sua vida; e que saber controlar o seu destino é não permitir que nenhum ato externo, ou mesmo os criados pela mente, possam des-virtuá-lo da rota.

Tendo estes princípios e agindo desta forma, não há porque temer a vida e/ou qualquer outra coisa.

Após atravessar a ponte medieval de la Magdalena, sobre o rio Arga, onde na entrada existe um cruzeiro em sua cabeceira, senti a proximidade com Pamplona, a cidade fundada por Cneo Pompeio, no ano 75 a.C. Minha caminhada solitária seria interferida por aquele grande centro urbano, e isso pude sentir logo ao entrar na cidade, quando um carro com um grupo de jovens, em velocidade acima do normal, me assustou ao passar rente a mim.

Ao cruzar Pamplona, passei pelo Portal de Francia para entrar na parte histórica mais importante daquela que é a capital do estado de Navarra, e também a outrora melhor defendida pelos Romanos na região, tendo em vista suas enormes muralhas com torres de vigília espalhadas em pontos estratégicos.

Naquele portal, encontrei um cidadão nativo que narrou um pouco sobre a vida da cidade, explicando que no trajeto poderia visitar a catedral pamplônica, cujas imponentes colunas retratam a influência da arquitetura romana. Onde, também, Carlos III e sua mulher, Leonor de Trastámara, no século XV, deixaram a marca da tumba talhada, um exemplo do estilo gótico *borgoñés*.

Continuando a caminhada pela importante cidade, mesmo sufocado pelo tráfego de veículos e gente pelas ruas, alcancei a Praça del Ayuntamiento, onde aquele mesmo senhor informou estar localizada a Casa Consistorial.

Ao chegar nos jardins de la Taconera, sentei em um banco e fiquei a apreciar as belezas da cidade velha, enquanto comia umas frutas.

Fascinado com o que via, não observei quando um senhor, que fazia sua caminhada no parque, sentou-se ao meu lado, questionando sobre a minha origem e meu propósito naquele local.

Disse que era brasileiro e que havia sido chamado pelo Caminho de Santiago de Compostela. O homem perguntou se era católico. Respondi que não, acrescentando:
"– o homem não precisa ter religião, precisa acreditar que existe uma Força Suprema, e que essa Força, que muitos chamam de 'Deus', que criou o próprio homem, a noite e o dia, a água e o fogo, o ar e a terra, é a razão de todas as religiões. Quando entender isso, verá Deus em todas as partes, e, por certo, exercitará a sublime religião que representa todas àquelas cujo princípio é o amor, a fraternidade e o respeito humano."

Refeita parte das energias naquele banco, onde alimentei o corpo com alimento físico, o intelecto com a contemplação das ruínas da velha Pamplona, e meu espírito com a fluidez natural de minha resposta dada ao velho senhor nos bancos do jardim, decidi que não deveria pernoitar naquela cidade, visto que já tinha informações de que o albergue para peregrinos estava fechado, resolvendo, então, seguir rumo a Cizur Menor.

Passando pela área industrial da cidade e pela Universidade de Navarra, pude observar seus belos jardins, que contrastam a velha e a nova Pamplona.

Quando cheguei na ponte de Azella, onde, segundo conta a história, aconteceu a batalha em que Carlos Magno derrotou o rei mouro Aigolando, lembrei-me daquele amigo que encontrei no Portal de Francia a falar a respeito daquela grande batalha que vive até hoje impregnada na história do povo espanhol.

A tarde já estava caindo, e me vi obrigado a acelerar os passos para chegar a Cizur Menor, onde pretendia me albergar, apesar de meu guia dizer que o abrigo daquela localidade se encontrava fechado durante o inverno.

Como sempre trago dentro de mim a certeza de que tudo é possível até que se prove o contrário, acreditava que encontraria onde me alojar naquela cidade, que no século XIII, abrigava os peregrinos no hospital da Ordem de San Juan, e que nos dias atuais, tem edificada a igreja românica de San Miguel Arcángel.

Em Cizur Menor, fui ao El Bar Kaioba a fim de saber onde encontrar um albergue. Bati na porta indicada pela proprietária do bar e fui atendido por uma senhora de aproximadamente oitenta anos, que disse chamar-se Tereza Roncalle, tia de Maribel Roncal, a hospitaleira do lugar. Ainda na porta, apareceu Jacques Borra, um francês da cidade de Arcangues, que retornava de Santiago rumo à França.

Dona Tereza, após ver nossas credenciais de peregrino, nos convidou a entrar, prevenindo-nos, no entanto, de que o lugar não tinha calefação, mas tinha mantas e chuveiro quente.

Depois de nos abrigarmos, tomarmos banho e trocarmos informações sobre o caminho e nossos países, saímos, já à noite, para jantarmos, enfrentando um forte vento frio que soprava sob o teto iluminado pela lua cheia.

Jacques, o segundo peregrino que encontrei, me deu algumas dicas sobre como me alimentar, e como me portar ao longo do caminho.

Naquela noite, quando fui dormir, tive a certeza de que vale a pena acreditar que tudo se pode quando tudo se quer, e que o sol brilha mais intensamente para aqueles que saem da sombra em busca de sua luz.

Ali estava eu, abrigado, alimentado e deitado com três cobertas para resistir ao frio, sendo que as informações que tinha eram contraditórias ao que na realidade eu vivia. Agradeci fervorosamente a Deus por mais aquele dia, por ter vencido mais uma etapa, e por ter amadurecido ainda mais os princípios que norteiam o otimismo e a fé.

Na manhã seguinte, Jacques seguiu para a França e eu para Santiago. Meu objetivo naquele dia era chegar a Puente la Reina.

Continuando viagem, a fim de descansar um pouco, ao atravessar Zariquiegui, sentei-me próximo à *fuente de la Reniega*. Foi quando um senhor, com cabelos e barba grisalhos, puxou assunto comigo:

"– De onde vens?"

"– De Carangola, Minas Gerais, Brasil!"

"– Belo País! Também um tanto místico. Não?"

"– Pois é!"

"– Talvez seja por isso que se encontram tantos brasileiros por estas bandas a percorrer o Caminho de Santiago. Porém, não nesta época! Creio que você seja o único que já se arriscou a caminhar com este tempo de chuva, frio e neve."

"– Cada um faz o que gosta! Além do mais, neste período do ano se encontram poucos peregrinos, e assim, apesar das intempéries, temos mais tempo para meditar e refletir sobre o Caminho e a nossa vida."

"– Não sei se você sabe, mas a *fuente de la Reniega*, justamente onde você está, testemunhou muitas histórias. Ouvi dizer que certa vez um velho peregrino que percorria o Caminho em um Ano Santo, como este, e que buscava a remissão de seus pecados, teve que enfrentar forte tentação ao chegar à beira da fonte, que em épocas remotas ficava geralmente seca.

Com a boca ressecada pela poeira e muito cansado, sedento e desolado, o peregrino aqui chegou acreditando que encontraria água para beber e encher a sua cabaça. Porém o poço estava seco e aquilo fez com que ele reclamasse sem parar. Sem que percebesse, 'alguém' se aproximou e reforçou suas reclamações, tentando persuadi-lo a abdicar de seu objetivo e retornar ao seu lugar de origem, dizendo que não valia o esforço, já que o Caminho não oferecia sequer água para saciar a sede.

Apesar da sede e da tentação da proposta, o peregrino resistiu à investida, mesmo sabendo que lhe aguardava pela frente um forte trecho, o qual poderia deixá-lo abatido no meio do caminho se não tivesse água para beber.

Durante o diálogo mantido com seu interlocutor, o peregrino buscava de toda maneira argumentar que mesmo sem a água estava disposto a prosseguir viagem. Foi então lembrado que se o corpo cambaleasse e caísse no meio do caminho, os lobos e abutres o aguardavam nos rochedos, prontos para devorá-lo, e que o melhor que tinha a fazer era desistir.

Naquela hora, o peregrino lembrou-se da tentação de Cristo quando passou quarenta dias e quarenta noites meditando no deserto e fora tentado por Satanás. Foi aí que, evocando as forças do Universo e o Deus em que tanto acreditava e que o levava a percorrer o Caminho, começou a sentir brotar embaixo de suas sandálias, a água que tanto desejava."

Cheguei a pensar que ao contar aquela história aquele homem tentava me desestimular, porém, ao acabar de ouvi-la, compreendi que ela serviria para reforçar o meu propósito.

Despedi-me daquele senhor e pus-me a caminhar.

Depois de ouvir aquela história percebi que percorrer o Caminho de Santiago nos dias de hoje, apesar das dificuldades do inverno, é bem mais simples do que em épocas remotas, quando as abstrações tomavam conta do ambiente, criando, além das dificuldades físicas, outras tantas conturbações que confundiam a mente dos velhos peregrinos.

Logo à frente, iniciei a subida do Alto del Perdón, onde existia um hospital de peregrinos e uma ermida da Virgem del Perdón.

Naquele caminho escarpado, entre pedras e nevoeiro, soprava um forte vento, e o único som que se ouvia era o estridente ronco das pás dos cata-ventos, escondidas por entre a névoa, que provocavam um barulho como se vários helicópteros estivessem a postos para vôo.

Ouvi dizer que aquele local é onde se cruza ‘o Caminho do Vento com as Estrelas’, na medida em que ia subindo, compreendia melhor o porquê daquela classificação.

No cume do Alto del Perdón, está estilizado um monumento ao peregrino onde estão retratados diversos peregrinos andando a pé e a cavalo. Lá, encontrei Ana e Carmen, duas enfermeiras, residentes em Pamplona, com quem mantive agradável conversa durante determinados períodos daquele dia. Na descida, passamos por Muruzábal, local em que está situado o Palácio del Marqués, e que atualmente produz um vinho com o mesmo nome. Também, naquela localidade, está fincada a Igreja de San Esteban, em estilo gótico-barroco.

Ao aproximar de Óbanos, revi as duas espanholas, e, logo na entrada, elas reconheceram o Diretor Geral do Departamento de Educação e Cultura do Governo de Navarra – Instituição “Príncipe de Viana”, Juan Ramón Corpas Mauleón, que me foi apresentado por ambas.

Juan Ramón falou que percorreu o caminho por diversas vezes, a pé, de bicicleta e a cavalo, e que era conhecido ao longo de toda a rota, tendo já escrito vários livros sobre o caminho. Pediu que levasse comigo o seu cartão, para que em qualquer situação, em caso de necessitar de apoio, lhe telefonasse, fornecendo-me seus telefones, do governo e residencial.

Ao chegar ao Brasil, fui surpreendido com um cartão tendo estampado “*El anuncio a los pastores – Pintura mural procedente de Olite (Navarra). Siglo XIV*,” onde Juan Ramón desejava: “*Feliz Navidad y mis mejores deseos para el año 2000*.”

Juan contou-me que Óbanos é um lugar significativo da região navarra, pois lá, em 1327, a pequena e mediana nobreza se reuniu para enfrentar os abusos da coroa, e estabelecer um poder alternativo; além do mais, muitos afirmavam que era lá onde se encontravam as rotas aragoneza e francesa, que hoje, diz-se convergir em Puente la Reina.

Ao chegar na praça San Guillermo, em Óbanos, deparei-me com um senhor de nome José Tomáz, que falou sobre a ermida de Santa María Eunate e sua forma octogonal, erguida no século XII pelos Templários, e cujo desenho mostra ser uma cópia do Templo de Jerusalém.

José contou que os templários davam grande importância à simbologia numérica, e, principalmente, ao octógono, e que eu haveria de descobrir essa importância ao longo do caminho, antes de meu

retorno a minha terra natal, me alertando de que o Caminho não se encerraria em Santiago. Ia mais além!

O senhor destacou que os Cavaleiros da Ordem Templária, na cerimônia de recepção, declaravam de viva voz: "Nada para nós, Senhor, nada para nós, mas para glorificar o Teu nome," e que o voto de abandono das coisas mundanas era o primeiro passo na senda.

Sobre a Ordem, meu companheiro contou que Hugo de Payens, com oito outros cavaleiros, fundou, em 1118, a Ordem do Templo, e que dada a importância da mesma, em 1127, o Concílio de Troyes se reuniu para estabelecer os privilégios que permitiram que em cinqüenta anos a Ordem se espalhasse por toda a cristandade, com seus castelos e áreas desde a Terra Santa, formando assim, entre os séculos XII e XIV, o maior império militar, religioso e comercial da Idade Média.

Aquele espanhol explicou que os Templários "– eram despojados de valores materiais. Por isso eram conhecidos como 'Pobres Cavaleiros de Cristo'.

Seus patrimônios eram presentes que recebiam pelas empreitadas que empreendiam e que se multiplicavam devido a boa administração que empregavam em suas propriedades.

Apesar de ter se tornado detentora de um dos maiores patrimônios na Europa, na época, o voto de pobreza dos Cavaleiros Templários ficava caracterizado em suas vestes, muitas vezes esfarrapadas, numa demonstração de humildade e de desprendimento material."

Muito mais foi dito por aquele senhor durante o tempo em que estivemos juntos. Suas palavras eram sementes que deveriam brotar ao longo do caminho, e também, me fariam compreender um pouco mais a respeito de minha peregrinação pelo território europeu.

Ele disse, inclusive, que a cidade de Puente la Reina foi sede dos Cavaleiros Templários durante muito tempo, período em que eles deixaram suas marcas.

Depois daquele aprendizado, agradeci a José e continuei meu caminho em direção a Puente la Reina. Quando me aproximei da cidade onde os caminhos europeus se fundem, reencontrei Ana e Carmen, que me convidaram para tomar um café.

Após o café, fui à Igreja de São Pedro, onde carimbei a credencial, sendo em seguida levado pelo pároco local e pelas duas espanholas até o albergue. Lá, me despedi de minhas companheiras, que retornaram para Pamplona, haja vista que estavam fazendo o caminho em etapas, ou seja a cada final de semana percorriam um trecho.

No albergue conheci Gauthier Hernandez, um francês residente na Bélgica, que se encontrava naquele lugar há três dias, segundo ele com problemas de tendinite.

Depois de descarregar a bagagem e tomar um banho, chegaram ao local o espanhol, José Valderrabano, o belga, Mark Rossignol e o francês, Jean Pierre.

Durante algum tempo, me senti ‘um peixe fora d’água’, pois todos falavam francês, e eu só conseguia entender umas poucas palavras.

José, um espanhol de grande estatura, era ativo e prestativo. Foi à rua em busca de lenha para manter acesa a lareira que a todos aquecia, em seguida, comprou pão, leite, frutas e iogurte, e colocou tudo sobre a mesa. Cada um retirou de sua mochila um pouco de alimento, e ceamos todos juntos. Ali não havia regras, fronteiras, ideologias políticas, sociais ou culturais. Parecia uma escola de fraternidade! O dividir o pão deixava de ser um texto bíblico para ser praticado em sua essência.

Aquele ato simbolizava o que o grupo buscava no Caminho de Santiago. Uma forma mais humana de se viver, mais fraterna de se agir.

Naquela noite, apesar de experimentar gostosamente o verdadeiro sentido da fraternidade, o que me encheu de certeza de que o mundo pode ser melhor do que se mostra, não consegui dormir direito. Minha narina direita sangrou durante parte da noite devido ao frio com o qual não estava acostumado, afinal, tinha, antes de embarcar para Madri, passado uns dias na casa de minha irmã Beatriz, e desfrutado com ela, o cunhado Alan, e os sobrinhos Igor e Paulinho, das belezas das praias de Cabo Frio, na região dos lagos, no estado do Rio de Janeiro, em pleno verão brasileiro com o sol marcando nos termômetros mais de 40 graus.

A noite mal dormida não me impediu de retornar à caminhada na manhã seguinte, rumo a Estella, visto que todo aquele que tem dentro de si a vontade de vencer, deve transpor as barreiras que se interpõem entre ele e aquilo que deseja fazer ou conquistar, e não há de ser ‘pequenos empecilhos’ que estancarão o caminho da conquista, haja vista que ao final desejado, o todo passa a ser observado como de suma importância, e os obstáculos serão vistos como adornos especiais na realização dos objetivos.

Antes de sair de Puente la Reina, passei pela famosa ponte de seis arcos sobre o rio Arga, construída no reinado de Sancho III, de

Navarra, para facilitar o tráfego dos peregrinos medievais, pois queria fotografá-la com os arcos refletindo na água.

Ainda naquela cidade, pude conhecer outra obra Templária, um antigo hospital de peregrinos onde, atualmente, situa-se a Igreja del Crucifijo, que tem um Cristo em forma de ípsilon ('Y'), feito e doado há séculos por um peregrino de origem germânica.

Outro fato curioso existente naquela localidade se encontra no interior da Igreja de Santiago, construída em 1543, cuja nave central gótica guarda *una talla de Santiago beltza* (negro).

Deixava para trás aquele lugar cuja magia me encantara e carregava vivo dentro de mim a imagem do Cristo em forma de 'Y'. Uma imagem diferente de todos os Cristos que já havia visto até aquele dia e que só poderia estar abrigada em um templo Templário, pois segundo fiquei sabendo posteriormente, em Portugal, os Templários tinham em suas posses, dentre outras obras e relicários, a coroa de espinhos que adornou a cabeça de Cristo, na crucificação e o Santo Grau.

Mais surpreendente que aquela imagem de Cristo, só a existente no Convento de Cristo, Castelo Templário de Tomar, em Portugal, situada no corredor onde os cavaleiros da Ordem ficavam reclusos.

Em Mañeru, um cruzeiro medieval saúda os peregrinos. Lá ainda abriga os restos de uma igreja gótica e histórias sobre os monges *Hospitalarios*, uma ordem, assim como a Templária, dedicada a proteger e amparar os peregrinos nos lugares santos, em território europeu. Pouco adiante em Cirauqui, passei pelos restos de muralhas medievais, igrejas do século XII, e uma porta românica cuja aparência se assemelhava a da Igreja de Santiago, em Puente la Reina, e a de San Pedro de la Rúa, em Estella.

O mais importante vestígio da rota imperial romana, visto até então, encontra-se em Cirauqui, onde existem os restos de uma calçada romana. Ali, o peregrino pode observar o poderio do Império Romano e também chegar à triste conclusão de que aquela obra, como todas as outras construídas na época, só foram possíveis através do sacrifício humano. Ao poder do chicote e do autoritarismo.

Percebi que para a conquista e a grandeza do império foram necessários o consumo, o sangue e o suor de muitas vidas, derramadas sobre as pedras erguidas ao longo dos caminhos nas rotas romanas.

Pude observar, também, que através dos tempos, a construção de todos os impérios se deu às custas da escravidão e da exploração humana. O que fazia aumentar o ódio, as desigualdades sociais e a insatisfação. Triste conclusão para um peregrino que carrega em sua

mochila toda a sua vida. Umas poucas peças de roupa, o saco de dormir, a capa, alguns remédios e materiais para higiene pessoal. E com esse pouco, sente que pode ser feliz, vive na plenitude cada instante, como se embalado estivesse sendo pelo Criador do Universo, num sonho que o peregrino não queria que se acabasse.

O constraste do império com o peregrino não deixava dúvidas de onde se encontra a verdadeira felicidade, pois, através dos tempos, todo império construído sob a égide da tirania caiu, desmoronou, enquanto que todo aquele que à Terra veio, e nela plantou a semente do amor e da fraternidade, fez brotar frutos que, através dos milênios, curam os corpos e confortam as almas, num verdadeiro sentimento de desenvolvimento humano e espiritual.

Lorca e Villatuerta me separavam de Estella, a cidade onde existe o convento de Santo Domingo, fundado, em 1259, por Teobaldo II, situado na Igreja de San Miguel. Foi naquele trecho que o Belga Mark deixou Jean Pierre e ele passaria a me acompanhar a distância por alguns dias.

Entre os vários monumentos históricos daquela que é uma das mais formosas cidades do território navarro, encontra-se a Igreja de San Pedro de la Rúa, o único claustro que possui uma coluna quádrupla torcida em todo o Caminho de Santiago, além de suas três naves em arquitetura gótica.

Estella também abriga o palácio dos antigos reis de Navarra, em estilo românico.

Ao chegar àquele encantador refúgio, na cidade de Estella, fui recepcionado por Carlos Aramendía Arregui e sua família. Dormi bem aquela noite, e Carlos mostrou-se não apenas um bom hospitaleiro, mas um bom samaritano, massageando os pés dos peregrinos mais castigados pelo caminho.

Eu e Carlos conversamos bastante, descobrimos que tínhamos muitas coisas em comum, como as questões que afligem a maior parte da humanidade, principalmente as da fome, da violência e tantas outras que desvirtuam o homem do seu verdadeiro sentido de ser e evoluir, afastando-o dos princípios elevados que conduzem ao Criador.

Ofereci-lhe umas pedras de açúcar mascavo que ele provou e, a seguir, guardou para dividir com a esposa. Aquela atitude de embrulhar em um guardanapo as pedras de açúcar para a esposa, apesar de simples, mostrava a consideração e o amor que existia entre ambos, pois mesmo na ausência, a presença de sua esposa era uma realidade naquele instante.

Também dei-lhe um cristal e escrevi em seu livro de recordações.

Quem caminha, anda. Quem se deixa levar, descobre. E eu descobri na família de Carlos um novo caminho. Um caminho de amor e de Luz.

Terminei meus dizeres rogando: "– Que Cristo se mantenha a iluminar este lar."

Choramos, nos abraçamos e nos beijamos. Eu, ele e sua mulher.

Carlos me aconselhou a despachar parte de meus pertences pelo correio para Santiago, e foi o que fiz com cerca de três quilos de bagagens que me aliviaram a carga. Afinal, um peregrino descobre, ao longo do trajeto, que precisa de muito pouco para viver. Esta é uma das primeiras lições que se aprende no Caminho: desfazer a mentalidade consumista, base da filosofia capitalista, que faz com que o homem, na busca do supérfluo, atropele seu semelhante, tornando-se artífice ativo das desigualdades sociais que afligem grande parte dos habitantes do planeta.

Deixei para trás parte de mim: o amigo Carlos e sua família. Momentaneamente me senti órfão.

Preparava-me para percorrer a última etapa navarra e entrar no território de La Rioja, onde é produzido um dos melhores vinhos do mundo.

Depois de passar por Ayegui, cheguei ao monastério de Irache, onde, em 958 d.C, já existia uma comunidade Beneditina e, em 1054, um hospital de peregrinos.

Antes de visitar o monastério, passei na fonte do vinho, onde eu e Jean Pierre bebemos cada um uns dois copos, aproveitando, também, para encher os cantis para o consumo na viagem, face ao frio que fazia.

O monastério de Irache é um conjunto arquitetônico com restos medievais, renascentistas e barrocos. Ali funcionou, no século XVII, a primeira universidade navarra.

A grande torre do monastério é inspirada na de San Lorenzo de el Escorial, em Madri. Em seu interior, o visitante encontra obras monumentais e, também, três claustros de uma igreja construída no século XII.

Em minha visita, esqueci o cajado que ganhei do amigo Vitor Emanoel de tão fascinado que fiquei com aquela beleza arquitetônica, onde nos corredores estão expostos quadros, carruagens e carros fúnebres da antiguidade.

Depois de andar mais de oitocentos metros, senti falta do cajado e voltei para buscá-lo. Para minha surpresa, ao retornar ao local,

encontrei um monge falando com um gato preto. Achei a cena um tanto diferente. Peguei meu cajado e retornei à via.

Em Azqueta, parei na praça e tomei um pouco de água fresca na fonte.

Prosseguindo, visitei também uma outra fonte, esta medieval, conhecida como 'los Moros', erguida no século XIII, segundo informou um habitante da região.

Dentro daquela fonte medieval, Gauthier entoou cantos gregorianos que ecoavam pelas paredes da fonte e que contagiavam a todos que participaram do ato.

Aquela fonte era uma fonte de desejos, e isso ficara bem claro pela quantidade de moedas atiradas em suas águas, que dava para ver da escadaria de acesso. Aproveitei a magia do cântico e das águas para rogar ao Criador, com toda minha força interior, o meu pedido.

"Como a água brota desta fonte, que o amor brote no coração de toda a humanidade como a mais bela expressão da criação de Deus."

Meu pedido foi simples, no entanto, o que o homem mais carece e necessita para evoluir é o amor. O amor dissipa o ódio, neutraliza a discórdia, consome no fogo sagrado a desarmonia, absorve na cristalinidade da água santa as impurezas da vida, e reflete no sol da existência a luz necessária para abundar o coração e a mente humana de forma a irradiar mutuamente, entre todos os seres, o verdadeiro sentimento que liberta o corpo e a alma, e que eleva o homem às alturas do céu.

A Igreja de San Andrés, em Villamayor de Monjardín, guarda uma cruz de prata do século XII. Dali até Los Arcos são três horas de caminhada por entre espaços vazios e vinhedos. A distância e a solidão foram propícias à meditação.

Não saía de minha cabeça as palavras de José Tomáz sobre os Templários, pois, segundo ele, o objetivo dos Cavaleiros da Ordem de Cristo era o de conseguir instituir um modelo de governo que fosse universal, que tivesse como fundamento os princípios da fraternidade e da igualdade.

Embora pretendessem a união através da fraternidade e da igualdade, os Templários não conseguiram, pois, ao que tudo indica, entendiam que não poderiam usar sua força, poderio bélico e financeiro para tal intento. Talvez seja por isso que Felipe II, rei da França, com a aquiescência do Papa Clemente V, conseguiu 'destituir' a Ordem ao queimar vivo, às portas da Catedral de Notre Dame, no dia 18 de março de 1314, seu último Grão Mestre, Jacques de Molay.

Clemente V fechou os olhos frente às barbáries que vinham sendo cometidas pelo rei, contra os cavaleiros da Ordem com a intenção de se apossar dos bens Templários, tendo em vista que sabia que as artimanhas utilizadas para acusar os Cavaleiros da Ordem de Cristo de heresia eram falsas. Apesar da morte de Jacques de Molay, Felipe, também conhecido como 'o Belo', não conseguiu seu principal intento: salvar seu reinado, que passava por grandes problemas financeiros.

Aquela reflexão das palavras de José, a caminho de Los Arcos, me instigava a desvendar mais a respeito da principal ordem de cavalaria da história universal. Contudo, sempre soube que as coisas boas são aquelas que nos são colocadas à frente ao seu tempo, pois relembrando aquele que serviu de base para os princípios Templários – Salomão: "– Há tempo para todas as coisas. Há tempo de plantar e há tempo de se colher o que se plantou."

Continuei naquela longa via quando, de repente, absolvi aquela mensagem fluída das emanações do caminho:

> "– Quando o coração se comprime pelo ódio, sufocado pela mente desnutrida de amor;
>
> Quando se fecha os olhos ao perdão e se turva a mente à compreensão;
>
> Quando o conflito se incrusta no interior do ser...
>
> É necessário repensar a vida que se vive. Reconciliar-se com o Senhor. Rever as atitudes. Revitalizar o amor. Refazer as planilhas mentais e descomprimir o coração.
>
> E quando o coração e a mente se desafogarem do ódio, do rancor, da vingança, e da amargura, por certo nascerá um novo homem, desta feita, dotado da verdadeira vida, onde manifesta-se o ser de Luz, amor e harmonia, criado à imagem e semelhança do Criador do Universo.
>
> Onde há Luz existe Deus.
>
> Onde há Deus existe vida.
>
> Onde há vida existe amor.
>
> Onde há amor existe tudo."

Aquela repentina conclusão fez-me ver que permanecia vivo, de alguma forma, os princípios Templários; pelo menos, eu sentia que os carregava dentro de mim, apesar de que, naquele momento, meu conhecimento sobre a Ordem não ultrapassava tanto as fronteiras da conversa mantida com José Tomáz, na praça de Óbanos.

Aproximava-me de Los Arcos, onde, na entrada, uma fonte recorda a citação no Código Calixtinus, criado pelo padre Aymeric Picaud, que falava sobre a boa água da cidade.

Conta a história que foi o padre Aymeric Picaud, um francês nascido em Poitou, o primeiro peregrino a escrever uma obra sobre o Caminho de Santiago de Compostela, no ano de 1135.

Aymeric escreveu ao todo cinco volumes sobre a vida do apóstolo Tiago, onde incluiu aos textos, relatos sobre a peregrinação.

As crônicas, intituladas *Liber Sancti Jacobi*, foram posteriormente denominadas de Código Calixtinus por terem sido dedicadas ao Papa Calixto II, que instituiu o Ano Santo.

A obra do padre Aymeric tornou-se o mais importante guia para os peregrinos, nele contendo informações sobre os passos do caminho, as regras de comportamento, entre outras.

Foi o padre francês que descreveu os primeiros hábitos usados pelos peregrinos que quisessem percorrer o caminho.

No código, Aymeric fala que os peregrinos de Compostela deveriam portar uma capa para protegê-los do frio e da chuva, chapéu de abas largas, devido ao sol, cajado e/ou bastão, para ajudar nas subidas e em eventuais ataques de lobos ou cães, a cabaça, para carregar água ou vinho, e a vieira, uma concha (molusco) típica do litoral da Galícia, costurada no chapéu ou na capa, que serviria de passaporte para que o peregrino encontrasse abrigo nos albergues.

Nos dias de hoje, a concha continua sendo o símbolo mor do caminho, porém, o passaporte do peregrino é a *Credencial del Peregrino*, que é carimbada a cada parada feita pelo caminhante nos albergues em que pernoita e, em algumas vezes, nos lugares importantes por onde passa.

Em Los Arcos, na Igreja de Santa Maria, o interior é adornado com obra de Cristóbal González, além da decoração barroca, renascentista e do claustro gótico, inaugurados pelo Rei Felipe II.

Após aquele longo trecho desértico que me conduziu de Villamayor a Los Arcos, e do que teria de percorrer no dia seguinte de Torres del Río a Viana, e desta a Logroño, teria de enfrentar novamente uma grande metrópole.

Em Torres del Río, após andar quase oito quilômetros, depois de sair de Los Arcos, encontrei a Igreja Octogonal do Santo Sepulcro, considerada uma das mais singulares de todo o conjunto arquitetônico do Caminho de Santiago, e que, à exemplo de Santa María de Eunate, é similar ao Templo de Jerusalém.

Na entrada, uma cruz patriarcal, símbolo da Ordem Militar del Santo Sepulcro, mostra claramente a sensibilidade artística dos Templários na obra, bem como, na cúpula, a influência árabe.

Diz-se que aquele templo é o melhor exemplo de aproveitamento, por parte dos arquitetos cristãos, dos conhecimentos islâmicos.

Foi em Clavijo que, segundo a história, Santiago apareceu montado em um corcel branco com armadura de guerreiro.

Em Viana, encontra-se um portal renascentista inspirado no Arco do Triunfo.

O peso da grande metrópole caía sobre os ombros, apesar de em Logroño, logo na entrada, a ponte de pedra sobre o rio El Ebro, adornado com inúmeras aves aquáticas de rara beleza, e uma fonte barroca, datada de 1655, saudavam os peregrinos.

Logroño é a porta de entrada de La Rioja. Daquele estado até Burgos, passaria dias comendo uvas pelo caminho. Afinal, me encontrava numa das áreas de grande produção vinícola da Espanha.

O contato com a grande cidade afasta momentaneamente o peregrino da introspecção da caminhada. Pois são dois mundos distintos, o desértico e rural, contrastado com o conturbado, moderno e urbano.

A passagem pelo movimentado centro urbano era quase que meteórica, pois nele o peregrino sente-se totalmente deslocado do contexto que caracteriza a finalidade de sua peregrinação: a busca interior, o grande mergulho nos abissais de sua vida, a lapidação do ser, a procura do sublime, a sintonia com as Forças Supremas que regem o Universo, o encontro com Deus.

Tal transição é como se o peregrino deixasse de flutuar nos jardins das mais belas e raras flores, onde o perfume inebria o ser e os pássaros alegram com seu canto a alma, e mergulhasse na história nua e crua da humanidade, atirando-se no holocausto do passado, onde em terras espanholas, milhares de pessoas foram queimadas pela inquisição, sob o comando de Torquemada, entre 1483 e 1498.

Naquela ocasião, outras barbáries também foram cometidas, pois cerca de doze mil judeus foram condenados pela prática de judaísmo, e outros 150 mil saíram da Espanha para evitar a violência da inquisição. Também, mais de 50 mil tiveram que renegar a sua fé e se converter ao cristianismo por força das labaredas que queimavam em praça pública àqueles que se interpunham entre o ‘Reino’, a igreja e a inquisição, por não comungarem com os ideais ‘cristãos’ daqueles que deturpavam os ensinamentos sagrados de Jesus.

Tal analogia entre a luz e as trevas mostra as diferenças em um mesmo mundo, e apesar de dura, expõe a rudez e crueldade cometidas muitas vezes em nome do Sublime. A deturpação dos princípios deforma a essência, descaracterizando a profundidade dos ensinamentos fundamentados na fraternidade, na igualdade e no amor.

À noite, em Logroño, chorei em meu quarto pois Jean Pierre falou coisas que, sem perceber, me magoaram. Era como se o Caminho nada lhe dissesse! Senti como se a analogia feita anteriormente tivesse que, de certa forma, ser experimentada por mim naquela hora. Preocupei-me com seu 'estado de espírito', e com razão, pois quando o vi na Catedral de Santiago, um dia após minha chegada, ele era o retrato da própria desilusão, e chorando me disse: "– Meu amigo, meu irmão", como tivesse se arrependido de termos desvinculado nossos caminhos. Depois disso não o vi mais. Perdeu-se na multidão. Diluiu-se sem deixar rastro!

Calado em meu canto, escrevi uma carta a um amigo desconhecido, talvez para dedicá-la ao amigo Jean Pierre.

> " Sabe amigo, não sei o teu nome, desconheço a tua cor, a tua religião, o teu tamanho, a tua idade, até mesmo o teu sexo, tua predileção. Enfim, desconheço qualquer coisa que venha ou trate de ti. Porém, mesmo assim te amo! Mesmo assim te admiro! Mesmo assim te respeito! Mesmo assim te tenho como amigo, ou melhor como irmão.
>
> No mundo de hoje, sei que para muitos isso é um delírio. Uma ilusão! Mas, eu te respeito mesmo assim.
>
> Talvez muitos não sejam como tu, ou tu também sejas igual a eles. Não importa. É essa fusão de diferenças que muitas vezes nos deixa tão afastados, tão longes, ao ponto de não nos conhecermos, e mesmo assim te amo, te admiro, te respeito... Porque algo muito forte nos une, nos liga, nos faz existir. Ser e estar longe e perto. Faz-nos amar, mesmo não nos conhecendo. Isso é Deus!
>
> Sim, Deus! O Criador de tudo e de todos, que habita em ti, em mim e nos outros. Aliás, em todos que preenchem esse vasto campo de constelações de sóis que compõem o Universo, e é por isso que te amo e sei que o mundo não seria o mesmo se tu não existisses. Deus também pensa assim, por isso Ele te criou, porque tu és importante e sem ti o mundo não seria o mesmo. A vida não seria a mesma.

É por tudo isso que nesta hora, no silêncio de minhas preces rogo a Deus que te abençoe e que te faça tão feliz como eu sou."

Na manhã seguinte, depois de percorrer o Parque de la Grajera, pouco antes de entrar em Navarrete, passei pelo que restou do antigo hospital de peregrinos de San Juan de Acre, fundado em 1185, cuja porta serve de entrada para o cemitério de Navarrete.

"– Navarrete foi palco de inúmeras batalhas entre castelhanos e navarros, e é uma das cidades mais antigas de Logroño," me contou Felipe Lande, de 83 anos, residente nas proximidades daquela comunidade, falando com orgulho de sua terra natal.

Falei com Felipe que admirava seu amor por sua terra e lamentei que ela tivesse que ser palco de batalhas sangrentas. Ele então disse que nos dias de hoje as guerras urbanas nos países em desenvolvimento são piores do que as batalhas que existiram em tempos passados.

As desigualdades sociais, a pobreza e a miséria são uma espécie de guerra e atrás delas vêm outras guerras maiores, frias e sanguinárias.

Felipe me ofereceu um pouco de seu vinho. Um tanto velho e maduro como ele próprio.

Durante algum tempo fiquei 'ruminando' aquilo que ouvira e lembrei-me de que em meu país milhares de pessoas morrem por ano, vítimas de violência, assalto e chacinas, sem contar aquelas que morrem de acidentes automobilísticos. A realidade é dura: a guerra está instalada!

O velho senhor me disse que teria que deixar o campo e percorrer um pedaço difícil, quase todo feito por asfalto. Era a travessia entre Navarrete e Nájera, cidade que foi, até o ano de 1076, a capital de Navarra, devido a queda de Pamplona, que havia sido destruída pelos muçulmanos.

Em Navarrete, fui informado de que em Nájera encontraria uma ponte de oito arcos que liga a cidade velha à nova.

Felipe contou-me a respeito de Juan de Ortega, grande benfeitor do Caminho, sobre as várias igrejas daquela localidade, e, principalmente, sobre o conjunto histórico do monastério de Santa María la Real, erguido por volta do ano de 1052.

Meu interlocutor falou também de um padre chamado Eugenio Garibay, de Navarrete, que escreveu um dos mais famosos poemas sobre o Caminho e sobre o Pantéon Real, onde estão enterrados reis e rainhas do antigo reino de Navarra.

Diz o Poema intitulado ***El Camiño de Santiago***:

"Polvo, barro, sol y lluvia
es el camiño de Santiago
millares de peregrinos
y más de un millar de años.

Peregrino ¿quién te llama?
¿que fuerza oculta te atrae?
Ni el camiño de las estrellas
ni las grandes catedrales.

No es la bravura Navarra
ni el vino de los Riojanos
ni los mariscos gallegos
ni los campos castellanos.

Peregrino ¿quién te llama?
¿que fuerza oculta te atrae?
Ni las gentes del camiño
ni las costumbres rurales.

Ni es la historia y la cultura
ni el gallo de la Calzada
ni el palacio de Gaudí
ni el castillo Ponferrada.

Todo lo veo al pasar
y es un gozo verlo todo
mas la voz que a mi me llama
lo siento mucho mas hondo.

La fuerza que a mi me empuja
la fuerza que a mi me atrae
no se explicaria ni yo
sólo el de arriba lo sabe."

Passei direto por Nájera e resolvi pernoitar em Azofra, pois ouvira falar muito bem da hospitalidade de Maria Tobía, anfitriã daquele

refúgio. E o que me disseram foi pouco, pois ela nasceu para servir e traz dentro de si o verdadeiro sentido de fraternidade.

Maria recebeu-me muito bem, e também os outros peregrinos que aportamos por lá naquela noite.

No livro de Maria deixei escrito um acróstico dedicado a Santiago de Compostela.

Sejam bem-vindos, peregrinos, de todo o mundo
Andem o quanto puderem em busca do que desejam
Não há pressa, Santiago os espera há mais de mil anos
Tenham em mente que o Caminho sempre existirá
Ir, vir, já se tornou rotina na rota das estrelas
Agradeçam o quanto puderem, pois sempre será pouco
Gritem, chorem, sorriam. Encantem-se com todas as maravilhas
Orem, e nas preces, lembrem-se de pedir pelos que virão

Depois de tudo que virem, ofertem o passado seus para o Senhor
Estarão, então, renascidos novos homens, e as roupas velhas terão ido

Contemplem a cada paisagem
Orientem-se pelo Deus que em vocês existe
Mesmo que errarem. Agradeçam!
Porque, caros peregrinos, no erro também está o acerto
O que não devem esquecer é que fazem parte do Caminho
Sintam, vibrem, revitalizem-se
Tenham a certeza de que tudo podem
Enfim, não se desesperem ao verem seus corpos cansados
Lembrem-se dos que não têm pernas nem pés
Aguardam suas notícias para que possam conhecer o Caminho.

De Azofra, levei a lembrança de um gostoso abraço de Maria Tobías e do som da festa da paróquia local de San Millán de la Cogolla, que ecoou pelas paredes do albergue, à noite.

Maria havia me contado que daquele lugar, no século X, dos célebres monastérios de Suso y Yuso, escavados entre uma montanha, saíram as Glosas Emilianenses, as primeiras palavras escritas em castelhano.

Ao deixar Azofra, rumei para Cirueña, e de lá para Santo Domingo de la Calzada, considerada a compostelana de La Rioja.

Santo Domingo, que dá nome ao lugar, é considerado o maior benfeitor do Caminho naquela região. Ao morrer, no ano de 1109, foi enterrado na rota que tanto amor empregou durante seus 90 anos de vida. Sobre seu sepulcro, ergueu-se uma catedral que é um verdadeiro relicário de arte e beleza riojiana.

Conta a tradição que foi lá que uma família de peregrinos, procedente de Ad Sanctus, ao se hospedar em uma pousada, teve o contratempo de uma criada apaixonar-se pelo filho do casal, o jovem Hugonell, de 18 anos. Contudo, como o rapaz não demonstrou interesse no romance, a criada escondeu um copo de prata em seus pertences, o que resultou em sua prisão e condenação à forca, já que as penas da época puniam tal delito com a pena de morte.

Seus pais, ao retornarem ao Caminho de Santiago, foram ver o filho enforcado, e, quando chegaram ao local, o mesmo dizia que Santo Domingo de La Calzada lhe havia conservado a vida.

Face à colocação do filho, os pais rumaram para a casa do corregedor e lhe contaram o prodígio.

Incrédulo, o corregedor não acreditou na história e disse:

"– Su hijo estaba tan vivo como el gallo y la gallina asados que él se disponía a comer."

Desde então, surgiu o famoso verso:

"Santo Domingo de La Calzada que canto la gallina después de asada."

A partir daquele episódio, é mantido, na catedral, um galo e uma galinha vivos, sempre de cor branca, durante todo o ano. Tais animais são procedentes de doações e são trocados a cada mês. Segundo os mais crédulos, quando o galo canta ao entrar algum fiel naquele recinto, este é abençoado pelas graças Divinas.

No arquivo da catedral se conserva um documento datado de 1350 com indulgências que 180 bispos concedem a La Catedral de La Calzada, àqueles devotos que contornem o sepulcro do santo recitando um Pai Nosso, Ave Maria e Glória.

Para minha felicidade, ao entrar naquele templo, o galo cantou várias vezes. Mitos à parte, seu canto representou para mim a grata satisfação de uma saudação de boas-vindas de boa sonoridade.

A catedral é um verdadeiro museu de artes, que se estende da segunda metade do século XII até os dias atuais, guardando, além do mausoléu com a cripta (*del Santo y Gallinero*) de seu fundador, esculturas em pedra de fino acabamento artístico, bem como pinturas e adornos, muitos em ouro, que fascinam todos os visitantes, peregrinos ou não. Ali encontra-se a cabeceira românica, as capelas de San Bartolomé, Românica de San Pedro, de San Andrés, de Santiago, de La Inmaculada de Hermosilla Y Tablas de Los Milagros, de San Juan Bautista, Bautismal (ou de Los Mártires), de La Magdalena, de La Verónica e del Retablo Mayor, formando um conjunto arquitetônico.

Após desfrutar de todas as belezas externas e internas daquele lugar, deparei-me, já do lado de fora, com um casal de peregrinos nômades vindos da Noruega, com três jumentos e dois cães, vestidos a caráter com peles de animais e uma pele naturalmente ruborizada.

O casal contou que estava rodando a Europa e que já haviam percorrido mais de dez mil quilômetros com seus animais.

Apesar da boa qualidade do albergue, das belezas da catedral, e de todos os encantos oferecidos, resolvi continuar minha jornada, passando, naquele dia, por Redecilla del Camiño, onde existe, na igreja local, uma pia batismal do século XII que é tida como o maior relicário da pequena localidade.

Em direção a Belorado, cruzei, ainda, Castildelgado, Viloria e Villamayor del Río.

Dormi em Belorado em um antigo teatro que está situado junto à Igreja de Santa Maria, do século XVI, e conheci também a Igreja de San Pedro, do século XVII.

Rumo à San Juan de Ortega, depois de deixar La Rioja, e entrar no território de Burgos, lembrei-me de um texto que escrevi após o término do caminho dos Passos de Anchieta, que percorri no ano de 1999, entre Vitória, capital do Espírito Santo, e Anchieta. Um caminho de 105 quilômetros pelo litoral capixaba, que remonta o trajeto que o beato José de Anchieta fazia, no século XVI, em sua missão de catequizar os índios.

'Os Passos de Anchieta', remontado pelo empresário Lucas Izoton e o jornalista Eustáquio Palhares, tem se tornado, a cada ano, uma caminhada religiosa, cultural e esportiva das mais importantes do País.

Diz o texto que ofereci aos Andarilhos dos Passos de Anchieta, e que muito me confortou naquelas paragens rumo à San Juan:

"Cada qual, à sua maneira, procura percorrer o caminho, mesmo sabendo muitos que o mesmo é interno, individual.

No caminho dos 'Passos de Anchieta' vemos crianças, jovens, mulheres, homens e idosos, todos em busca de cumprir com o objetivo de dar o máximo de si a cada passo, de forma que bolhas, cansaço, e contrações musculares tornam-se pequenos ante à vontade de vencer a empreitada, que só é conquistada com determinação, fé e coragem empregues pelos andarilhos.

Ao final de cada dia, uns olham para os outros, e não se sabe quem está mais cansado ou sofrido com as avarias do corpo, no entanto, os semblantes exaustos e doloridos não escondem a satisfação e a alegria de terem vencido mais uma etapa da empreitada.

O amor dedicado ao longo da jornada é contagiante, existe uma solidariedade mútua, e é reforçado quando o andarilho passa e é aplaudido, ou então, quando a população estende as mãos com água e alimento, e as crianças cobrem de flores o chão para amenizar a dor causada pelos sucessivos passos que compõem a caminhada.

O caminho se torna um ato de fé, confraternização e união, e se complementa com a integração do homem com a natureza, que reflete e manifesta a presença e a certeza da existência de um Arquiteto Supremo, causa de toda a satisfação para os passos dos andarilhos nos caminhos percorridos por Anchieta."

A recordação de minha caminhada pelo Espírito Santo creio se deu devido à chuva e ao frio que enfrentava. Talvez meu inconsciente buscasse no calor das praias e do povo capixaba o aquecimento de que necessitava naquele instante de dura caminhada.

Poucos quilômetros depois de deixar Belorado, já chegando em Tosantos, margeando pelo lado esquerdo da estrada, avistei a ermida de la Virgem de la Peña, incrustada em um grande paredão de pedra com vários reclusos, que pareciam feitos para o retiro espiritual.

Durante um tempo fiquei parado a admirar a obra escavada na montanha. E por alguns instantes, cheguei a me sentir um monge isolado de tudo e de todos, abrigado literalmente nos braços do Caminho.

Deixei Tosanto para trás, e também Villambistia, para chegar a Espinosa del Campo, com seu casario antigo e os restos do monastério de San Felices, que data dos séculos VI e VIII d.C. Naquele lugar, conta a lenda, repousam os restos mortais do Conde Diego Porcelos, fundador de Burgos.

Em Villafranca – Montes de Oca, o antigo hospital de San Antonio Abad, fundado no século XIV, foi reformado para funcionar como albergue. Lá, o brasão dos reis católicos adornam a fachada.

Continuando minha trajetória em direção a San Juan de Ortega, atravessei doze quilômetros desérticos rodeados por pinheiros onde a neve tinha derretido, tornando a caminhada mais penosa, pois a lama de neve fazia com que as botas ficassem mais pesadas e os passos mais dificultosos.

Ao longo daquele caminho, pude refletir sobre o estar só. Recordando-me de uma pessoa amiga que sofre da síndrome do pânico. Parei por alguns instantes para escrever-lhe umas linhas, falando sobre como via a questão, tendo em vista que minha situação no caminho era propícia a tal 'síndrome'.

> *"De alguma forma a síndrome do pânico é despertada por uma ação da mente que, às vezes inconsciente, marcada pelo fator gerador da síndrome, acorda, sem mais nem menos, em momentos aparentemente difusos.*
>
> *Creio que sendo a mente que provoca o fator que determina a síndrome, o meio de extingüi-la é enfrentando a origem causadora através de uma ação mental determinada.*
>
> *Creio também, cara amiga, que para o portador momentâneo daquela ação mental, enfrentar a situação e vencê-la não é tão fácil assim, pois além da mesma ser a causa, também traz o efeito.*
>
> *Então, como enfrentar?*
>
> *Por certo encarando de frente as situações geradoras, assim como encaro este momento difícil a caminho de San Juan. Desta forma, diminui-se o tempo da ação da síndrome até que ela se torne do tamanho de uma reação normal de qualquer ser frente ao perigo real e/ou mental momentâneo.*
>
> *O certo é que sem conhecermos a raiz da questão, não nos é possível vencer os obstáculos por ela gerados.*
>
> *Um tratamento à base do direcionamento mental, onde se expurgue gradativamente, através da conscientização, o*

entulho das abstrações que deformam a estrada da vida, creio eu, é o caminho a ser seguido para controlar o estado mental/emotivo gerador da síndrome do pânico. Assim estou enfrentando meus medos na solidão do Caminho de Santiago.

Por falar em solidão, na verdade sempre estamos sós, mesmo quando estamos no meio da multidão. Isso porque somos um corpo único que ocupa um único lugar dentro do Universo, sendo assim, jamais estaremos verdadeiramente acompanhados. Portanto, acho que só o portador da ilusão que determina a síndrome pode vencer o estado por ele provocado.

Como não existe química para acabar com a síndrome mas, só para deixá-la adormecida através de drogas que desvirtuam a ação mental do portador, causando-lhe dependência e desgate fisico-mental (que futuramente podem gerar males ainda maiores), é preciso que o portador seja seu próprio psicólogo e remédio, de forma que ele mesmo gere sua própria química para remover da mente aquilo que foi gerada por ela e que determina o medo.

Face à esta análise, penso que é fácil deduzir que o tratamento mais eficaz para eliminar a síndrome é enfrentá-la gradativamente, até reduzir o medo a níveis normais, pois afinal, todos têm medo e só tem síndrome quem não tem coragem para enfrentar os seus medos.

Neste instante, olho ao redor e parece que os pinheiros têm olhos. O povoado mais perto está a quilômetros de distância, e sou obrigado a rir, pois o medo nesta hora levaria ao desespero, o desespero ao pânico, o pânico ao desequilíbrio, e o desequilíbrio à morte.

Tenho que continuar minha jornada e, ao escrever este texto, reafirmo para mim mesmo que não posso permitir que o medo se aposse de mim sob o risco de enlouquecer e/ou morrer.

Logo que cheguei a San Juan de Ortega, um lugarejo nascido em 1080 d.C., fiquei fascinado com o monastério existente. Uma estrutura imponente de grande porte.

Minha chegada àquele lugar foi meio surreal, pois logo na entrada vi quando um homem, com vestes esfarrapadas parecidas com um hábito

religioso, e um menino pularam uma cerca e sumiram repentinamente sem que pudesse lhes perguntar sobre onde me abrigar.

Passei por uma fonte aparentemente medieval e rumei para o único bar existente na pequena localidade. Lá, fui recebido por Marcela e sua família. Para encontrar abrigo, fui orientado a bater na porta e chamar pelo padre, e que caso ele não estivesse, haveria um secretário dele que me atenderia.

No local indicado, nem padre nem secretário apareceram.

Voltei ao bar e aproveitei para almoçar e jantar. Marcela preparou uma comida saborosa, que foi acompanhada de vinho, que ajudava a aquecer o corpo e entorpecer a alma.

Enquanto comia, não escondia minha preocupação, pois naquele lugar só existia o albergue do monastério para me alojar. Meu saco de dormir resistia no máximo a 5 graus positivos, e a noite prometia neve com temperatura abaixo de zero.

Vendo meu estado, Marcela disse que por certo o secretário do padre voltaria para dormir no monastério.

Depois de mais de duas horas de espera, o filho de Marcela veio com a notícia de que o tal homem havia retornado, e que eu deveria ir de imediato ao seu encontro antes que ele fosse dormir.

Fui atrás do tal homem. Um sujeito um tanto esquisito, de olhar estranho e cheirando a álcool.

Apresentei-me, mostrei minha credencial e disse que precisava dormir.

O homem me levou ao recinto, onde existiam dois dormitórios com mais de 60 camas; estava todo sujo e desarrumado, pois naquela época poucos se aventuravam a fazer o Caminho de Santiago.

Confesso que fiquei meio escabreado de dormir naquele lugar, mas o abrigo mais próximo estava a mais de 17 quilômetros em Villafría.

Naquela noite, enfrentei o frio e o medo e escrevi:

> *"O peregrino não olha de onde veio, nem sabe para onde vai, nem olha onde dormir ou onde comer, pois quando não se tem dúvidas de que é guiado pela Luz Divina, sabe que receberá o necessário para seu acolhimento e para alimentar o corpo."*

O texto me faria ver que não havia por que me preocupar, pois envolto pela Luz e tendo praticado, ao longo do caminho, atos de fraternidade e humanidade, sempre encontraria as respostas para os

clamores, fossem quais fossem, pois a Luz Divina sempre se mantém acesa para aqueles que plantam sementes que resultam em colheita na Seara de Deus.

Na manhã seguinte, apesar dos imprevistos, meu corpo estava descansado e pronto para percorrer os quase 28 quilômetros que me separavam de Burgos.

Após enfrentar caminhos tortuosos, passei por Agés, a pouco mais de três quilômetros e meio de San Juan, em direção a Atapuerca. Naquele lugar, existe o dólmen que representa a marca onde, em 1054, teria acontecido a batalha entre o rei de León e Castilla, Fernando I, e o rei de Navarra, Don García, tendo o último morrido em combate.

Atapuerca também é conhecida por ter abrigado em sua serra os primeiros habitantes da península.

Na cruz de madeira, indo para Cardeñuela, deixei, como em muitas outras pelo caminho seguindo os costumes, uma pedra em sua base para desfazer-se do mal e pedir proteção.

Passei por Orbaneja e Villafría, e de lá enfrentaria dez quilômetros de vias asfaltadas e movimentadas para chegar a Burgos.

A travessia pela cidade de Burgos foi penosa, pois era o trecho mais longo a ser cruzado dentro de um perímetro urbano.

Burgos é uma cidade que nasceu em 884, me contou Pérez, um espanhol que encontrei pelo caminho enquanto atravessava a cidade. Segundo Pérez, Burgos foi fundada por Diego Rodríguez Porcelos, próxima a colina de Arlazón.

Em 1035, com a criação de Castilla, e em 1075, com a tranferência do bispado de Oca para Burgos, a cidade deu início a um crescimento expressivo.

Pérez contou também que a catedral burgalesa data do ano de 1221, do tempo do reinado de Fernando III, o Santo, e que o hospital del Rey e o monastério de las Huelgas foram fundados pelo rei Afonso VIII, em 1195.

Já na cidade, procurei um pequeno hotel para me hospedar, pois o albergue de peregrinos estava fechado, me informara Pérez. No pequeno hotel, chorei ao desejar que minha família estivesse presente para ver todas aquelas belezas e sentir a forte energia do caminho. Refeito de minhas emoções, fui à rua em busca de um lugar para comer. Aproveitei para dar uma volta pelo centro da cidade.

A porta da catedral, adornada com esculturas dos apóstolos de Cristo e com uma escultura central suspensa sobre um pilotis com um pedestal, lembra o Pórtico da Glória, em Santiago, impressionando

com sua beleza e arte. No interior, as colunas do templo reforçavam a magia.

Sentei, por uns instantes, na escadaria que leva à porta do templo e fiquei a contemplar toda aquela beleza histórica.

De repente, uma senhora perguntou se era peregrino e, após minha afirmativa, pediu para ser fotografada ao meu lado, o que não me opus.

Carmen, a velha senhora, pediu ao marido que tirasse nossa foto, e depois, ela mesma tirou outra minha com o marido.

Aquele casal conversou a respeito do caminho, e surpreendentemente, sobre os Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão.

"– Sabe meu jovem, para que o caminho sobrevivesse, para que muito de seu patrimônio fosse preservado, foram necessárias muitas vidas serem sacrificadas.

Ouve um tempo em que os pobres Cavaleiros de Cristo é que garantiam a segurança dos peregrinos de Santiago e da Terra Santa, em Jerusalém.

Aqueles Cavaleiros atuaram cerca de duzentos anos na Europa e deixaram sua marca em diversos castelos que habitavam, e que, ainda hoje, retratam os princípios esotéricos daqueles que foram, ao que tudo indica, seguidores da filosofia salomônica."

"– Meu caro – disse o senhor – pisar neste solo e andar por estas terras é reviver momentos de grande significado. Posso imaginar o que você está sentindo nesses caminhos."

As palavras daquele casal me fizeram recordar de José Tomáz, que encontrei em Óbanos, e que me relatou muito a respeito dos pobres Cavaleiros de Cristo.

Despedi-me do casal e iniciei meu trajeto em direção a Hontanas, afinal, eram quase trinta quilômetros que teriam de ser percorridos.

No caminho passara por um castelo que logo me fez lembrar da Ordem Templária, enquanto me dirigia a um belo parque, no qual está situado o albergue de peregrinos, que estava realmente fechado. Logo à frente, encontrei o pórtico da ermida de San Amaro Peregrino, em cuja torre estava afixada uma cruz templária e na base, entre a cruz e a imagem de San Amaro, uma escultura de pedra de dois crânios humanos.

As belezas naturais, sufocadas pelo frio e pelos vestígios de neve, não perdiam seu brilho nem nos bosques e nem no rio que teria que atravessar antes de chegar em Tardajos.

Construída em torno de um castro romano, na via que unia Clunia com Julióbriga, Tardajos ainda preserva o antigo hospital de peregrinos.

Naquele lugar, um cidadão local me disse que prevalece um dito popular, passado de geração em geração que diz:

> *"De Rabé a Tardajos no te faltarám trabajos; de Tardajos a Rabé, libéranos, Doómine!"*

Em Rabé de las Calzadas se uniam as vias romanas, e lá pude sentar no banco próximo à fonte de Prao Torre para um breve descanso.

Uma grande parte desértica, com caminhos infindáveis, foram percorridos antes de chegar a Hornillos del Camiño, onde, em 1156, o rei Afonso VII fundou um hospital de leprosos. Ao longo daquela via, observava, no horizonte, as montanhas com os topos cobertos de gelo.

Depois de andar pouco mais de uma hora, cerca de quase seis quilômetros, cheguei a Arroyo San Bol. Dizem naquele lugar que, em 1503, os habitantes dali abandonaram misteriosamente aquela terra e se foram. Ninguém ao certo sabe explicar o porquê.

A tarde já se fazia presente quando cheguei em Hontanas, uma pequena cidade cercada de pedras, como uma fortaleza. Parecia um pedaço de Machu Picchu, a cidade Inca, situada no Peru.

Em Hontanas, a hospitaleira Milagres entregou-me as chaves do albergue, onde depois encontrei-me com Marcos, um espanhol que voltava de Santiago e que residia em Estella.

Pedi-lhe que levasse o meu abraço para Carlos e família, que contasse que estava tudo bem comigo, e que eu já era parte do caminho. Também que lhes dissesse que Deus havia me presenteado com tanta beleza que eu só fazia orar para agradecer por tudo que estava vivendo.

Milagres me falou que os brasileiros são muito sensíveis, e que, em sua maioria, percorrem o caminho em busca do aprimoramento interior.

Ao despertar, na manhã seguinte, enquanto fazia minhas preces, me veio através da meditação que:

> *"Pelo fio da espada muito sangue já correu. Que a palavra seja o meio da conquista dos grandes objetivos."*

Ao receber aquela reflexão, pude sentir a dor que os pobres Cavaleiros de Cristo tiveram que passar para defender a vida dos peregrinos medievais através do fio de suas espadas.

Parti logo cedo, antes, porém, encontrei Victoriano, o *mensonero* de Hontanas. Não pude compartilhar tanto quanto desejava de sua companhia, apesar de seu jeito simples e fraterno de ser, pois teria que percorrer cerca de 35 quilômetros até Frómista.

Seguindo meu caminho, poucos quilômetros depois, deparei-me com as ruínas do convento de San Antón, pertencente à Ordem de los Antonianos, fundada em 1095, e que se espalhou pela Europa, construindo cerca de 400 hospitais, tendo em vista que eram conhecedores da cura *del fuego* de San Antón, uma enfermidade gangrenosa contagiosa que parecia lepra que se alastrou pelo continente europeu nos séculos X e XI d.C.

Os monges da Ordem de San Antón trajavam um hábito negro com um emblema do Tau, que representa a letra 'T' em grego.

Aquele simbolismo deixava claro tratar-se de uma Ordem com fundamentos mágicos e esotéricos.

Do hospital restam as marcas dos princípios dos monges de San Antón, como a nave central.

Os monges daquela Ordem ficaram conhecidos e famosos, ao longo do caminho, pelos seus conhecimentos iniciáticos e alquímicos.

Na praça local, o Tau, tendo como base uma concha, erguido em monumento, deixava claro a importância dos monges e o reconhecimento pelo bem que fizeram àqueles que buscavam socorro naquele hospital.

Fala-se, até hoje, naquela localidade, que além dos conhecimentos iniciáticos, alquímicos e esotéricos dos monges de San Antón, as curas que conseguiam se deviam ao amor empregue a todos que ali buscavam socorro, pois só o amor, com seus múltiplos matizes, para dar o tom de vida ao arco-íris na vida dos necessitados.

Caminhei fascinado com a história que ouvira sobre a Ordem de San Antón, de um membro daquela comunidade, e também com a arquitetura de pedra de muitas casas cobertas pela névoa da manhã, que davam um tom bucólico ao lugar.

Indo para Castrojeriz, percorri uma paisagem deslumbrante e mágica.

Castrojeriz data de 974, e é um lugar de grande significado por guardar relíquias da idade média. Próximo à colegiada de Nossa Senhora del Mansano, um camponês, que encontrei, disse-me que ali

está guardada uma imagem de uma virgem, a quem o rei Afonso X dedicou inúmeras cantigas, e que no outro extremo encontra-se o Templo de San Juan, que abriga um claustro do século XIV.

Depois de andar mais de dez quilômetros de Castrojeriz, encontrei a ermida de San Nicólas, junto à ponte de Fitero, uma ponte com sete arcos, construída por Afonso VI, sobre o rio Pisuerga que une Burgos a Palencia.

Ao chegar a Itero de la Vega, pisava no território de Palência, onde existe um marco com o traçado do Caminho de Santiago por aquela região.

Uma coluna talhada no século XV, simbolizando o Poder Jurisdicional, próximo à Igreja de Santa Maria, resplandece no centro de Boadilla del Camiño como importante marco da história daquele lugar.

Sentei-me na base daquela imponente coluna, e comecei a divagar sobre quantos peregrinos já teriam passado por ali. De onde vinham? O que buscavam? Para onde iam?

Que importância tinha quantos peregrinos haviam passado por ali? Pode ser que alguns deles nem tivessem notado a sua presença.

Também não importava quais eram as suas nacionalidades, e nem de onde vinham, pois o certo é que mesmo que muitos não acreditem, viemos todos da Terra Santa de Deus, ao clarão de Sua Imensurável Luz, em busca da evolução e de queimar no Fogo Sagrado o féu de nossos carmas, a fim de, através da carne, purificar o espírito, para que ele retorne ao seio do Pai com uma forma mais leve e suave, onde resplandecem os nobres e elevados sentimentos que libertam e amadurem a alma.

Se os que por ali passam buscam o encontro de seu verdadeiro ‘eu’, por certo encontrarão a Deus que habita no interior de cada ser, fazendo-os respirar, dormir e acordar, até o dia em que todos terão que prestar contas dos atos da vida que receberam do Criador.

Creio que indiferente de percorrer o Caminho de Santiago, o da Terra Santa (Israel), o de Roma (Itália), o dos Passos de Anchieta (Espírito Santo - Brasil), o Caminho da Luz (Minas Gerais - Brasil), os caminhos de Buda, Maomé ou qualquer outro Mestre ou Avatar como peregrinos, seremos sempre iguais a corpos celestes que navegam nos vastos campos de constelações de sóis, num ritmo cósmico cujo diapasão é entonado pelo Sumo Artífice do Universo.

Aquelas reflexões me serviriam de combustível nas veredas da vida e naquele percurso iluminado pela Via Láctea.

Meu destino naquele dia era chegar a Frómista, e ainda restavam aproximadamente seis quilômetros. Caminhei pelas margens do canal de Castilla até chegar onde desejava. Frómista, desde a época medieval, foi um importante centro agrícola, creio devido à abundância de água existente naquela região.

Conhecida como o final da sexta etapa do Código Calixtinus, Frómista ostenta um dos melhores exemplos da arquitetura românica-espanhola, a Igreja de San Martín, formada de parte de um monastério fundado por Dona Mayor, esposa do rei Sancho III, de Navarra, no ano de 1066. Também faz parte da arquitetura daquele lugar, a igreja gótica de San Pedro e um restaurante de luxo que situa-se onde, outrora, foi um hospital de peregrinos.

Na manhã seguinte, depois de ter enfrentado quase 35 quilômetros no dia anterior, percorrendo de Hontanas a Frómista, acordei, - o dia estava nublado! Fazia frio, e o sereno esbranquiçava minha roupa térmica com a neve que de vez em quando caía como flocos de algodão do céu.

Em Población de Campos, aproveitei para tomar o café da manhã e percorrer a seguir pelo andadeiro de peregrinos, passando por Revenga de Campos e Villarmentero de Campos.

Deixei o andadeiro e entrei em Villalcázar de Sirga. Ali, manteria novos contatos com membros da Ordem Templária.

Logo ao chegar naquela localidade, entrei no primeiro bar, e como ele estava cheio e todos me olhavam como se fosse um extraterreno, dei meia volta. Ao caminhar pelas ruas do lugar, parei junto a dois senhores para perguntar onde poderia comer.

Não sabia, mas um daqueles senhores era Pablo, o *mensonero mayor* de Villacázar.

Como um bom samaritano, ou melhor, um bom Templário, Pablo me convidou para tomar um vinho em seu restaurante Meson de los Templários. Antes, porém, passou na cantina e deu-me algumas frutas.

Na Meson, Pablo tocou uma sineta chamando a atenção de seus clientes e anunciou que se encontrava naquele recinto um peregrino do Caminho de Santiago, vindo de Minas Gerais, Brasil, e que era para ele uma honra receber um peregrino, principalmente porque estava fazendo o Caminho no inverno e a pé. O Caminho de Santiago une a Espanha ao Mundo, ressaltou o *mensonero*.

Ao chegar na Meson Templária, pude ver nas paredes como Pablo é importante, pois nela estavam vários diplomas e fotos dele com os reis de Espanha e diversas outras personalidades daquele País acolhedor.

Pablo mandou que fosse servida uma sopa, depois truta, acompanhadas de pão e vinho.

Durante o almoço, conversamos demoradamente sobre o Caminho e a Ordem Templária.

Meu anfitrião me ofereceu para deixar uma mensagem num livro aberto pelo Rei Juan Carlo Felipe e pela Rainha Sophia. Senti-me honrado com a oferta.

Escrevi no livro um acróstico e um texto dedicados ao meu amigo:

"**P**eregrino de elevado coração
Abnegado senhor da Fraternidade Templária
Bem representas o caminho
Libertado dos efêmeros da vida
Originas o amor, a amizade e o respeito

O tempo se perde nos passos. Os passos se perdem no tempo. Com o tempo se constrói o caminho.

A vida é o que construímos para exaltar o Criador da humanidade, pois esta é a verdadeira riqueza que o homem pode acumular.

Que Deus continue a iluminar Pablo, tua família e a Casa dos Templários, este recanto de manifestação da fraternidade e do amor.

Obrigado, Pablo, por nos honrar com teu amor e carinho."

Pablo me abraçou, e dei-lhe um beijo no rosto.

Meu anfitrião me deu uma concha que me acompanhou, pendurada no pescoço, desde então, até à Catedral de Santiago de Compostela.

Deixei aquele lugar com o espírito rejuvenescido, o corpo preenchido de fraternidade e a mente enobrecida com novos ensinamentos sobre os Cavaleiros da Ordem Templária.

Ainda em Villalcázar, conheci também o Templo Templário de Santa María la Blanca, que juntamente com os de Ponferrada, em León, e de San Fiz do Ermo, na Galícia, representam os três templos mais importantes da Ordem no caminho.

No interior do Templo de Santa María la Blanca encontra-se o sepulcro do Infante Dom Felipe e de sua esposa Leonor, e também a imagem da Santa, a mesma a quem o rei Afonso X dedicara várias cantigas.

Ainda não sabia que aquele meu dia seria mais agraciado quando chegasse em Carrión de los Condes, principal cidade de Palencia e ponto de união da via romana Aquitania, de Burdeos a Astorga.

Carrión possuía doze igrejas e inúmeros hospitais, que na idade média abrigavam os peregrinos do Caminho de Santiago, segundo citação do Código Calixtinus, que acrescentava que a cidade era rica em carne, pão e vinho.

Encaminhei-me até a casa de Margarita, irmã do padre José Mariscal, em busca das chaves do albergue. A dita senhora colocou tantos obstáculos que preferi procurar abrigo no monastério Santa Clara, das monjas.

Ao chegar naquele monastério, fui recebido pela madre María Letícia, que além do abrigo, me ofereceu uma bolsa com alimentos, visto que por se tratar de um domingo, o comércio local estava fechado e eu já estava com fome.

O carinho com que fui recebido naquele lugar veio confirmar que o mundo tem jeito. Que a fraternidade existe. Que o amor flutua nos corações dos que crêem em Deus. Que a esperança de um mundo melhor é uma realidade em vários lugares.

Aquela noite dormi como um anjo!

Se tinha que dar graças a Deus por tudo que vinha recebendo, naquele dia, a gratidão tinha que ser multiplicada.

Ao acordar, na manhã seguinte, e consultar o meu guia, pude compreender que as graças do dia anterior deveriam ser lembradas ao longo daquele dia, pois teria que percorrer o maior trecho desértico do caminho. Dezessete quilômetros até Calzadilla de la Cueza. Fitava meus olhos no horizonte e caminhava.

Pude, ao longo daquele trajeto, fazer várias reflexões, e comecei sobre o que representava o caminho. O porquê dele existir. O princípio de tudo.

Assim, enquanto andava, consumia o tempo com uma análise do caminho.

Não é à toa que o Caminho de Santiago é o caminho do encontro para os que buscam a interiorização, o auto-conhecimento, sentia aquilo fortemente naquela hora.

Todos aqueles que procuram a melhoria de seu interior, que almejam melhor se conhecerem, de alguma forma já iniciaram o caminho, mesmo sem percorrê-lo, ou sem o conhecerem.

Passei a questionar inúmeras coisas enquanto caminhava:

“– Porque Tiago teria ido à Europa?

– Porque teria sido enterrado lá?”

Pensei:

“– Jesus Cristo era um peregrino. Sim, Jesus era um peregrino!”

Senti o valor de ser peregrino.

Jesus Cristo, o Grande Mestre, escolheu para acompanhá-lo durante sua peregrinação pela terra, e difundir o Evangelho, doze apóstolos; tendo sido o primeiro deles Simão, chamado pelo Mestre de Pedro, e seu irmão André. Depois foram chamados Tiago e João, filhos de Zebedeu, e, a seguir, Felipe e Bartolomeu, Tomé e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão e Judas Iscariotis.

Dos doze apóstolos de Cristo, onze eram originários da Galiléia, exceto Judas, ‘o traidor’. A maioria deles eram pescadores, ou seja, homens simples, mas de espíritos elevados.

Cristo tinha uma relação de maior proximidade com João, Pedro e Tiago, e é sobre a história deste último que vou me ater, pois foi por causa dele que nasceu o Caminho Sagrado de Santiago de Compostela.

Tiago, irmão de João Evangelista, depois da crucificação de Jesus Cristo partiu da Judéia rumo à Galícia, a fim de pregar os ensinamentos do Mestre Nazareno – o Cristianismo –, e após cerca de sete anos, como sua pregação pela Europa não obteve o êxito desejado, retornou para a Palestina.

De volta à Terra Santa, Tiago reiniciou as pregações dos ensinamentos cristãos e lá foi perseguido, preso e decapitado em Cesaréia a mando do rei Herodes Agripa, tendo os restos mortais do primeiro apóstolo de Cristo a ser martirizado, sido atirados pelas vias públicas para fora dos muros da cidade e recolhidos pelos seus fiéis seguidores Atanásio e Teodoro, que o conduziram de volta à Espanha, em uma viagem que teria durado cerca de sete dias em um barco que, segundo é contado até hoje por aquelas bandas, foi ‘guiado por anjos’.

Ao chegar na Espanha, Teodoro e Atanásio enterraram os restos mortais de Tiago em uma localidade chamada Libredunnum. Tal fato ocorreu por volta do ano de 44 d.C.

Naquele mesmo local, posteriormente, também foram enterrados aqueles seus discípulos.

Assim nascia o Caminho de Santiago.

O Caminho, como pode ser observado, é cercado de mistérios, lendas e histórias, e é toda essa magia que tem atraído peregrinos àquele local há mais de mil anos.

Ao pensar no começo da história sobre o caminho, pude melhor entender por que havia sido chamado para percorrê-lo.

Conta a história que no início do século IX, no ano de 813 d.C., Pelayo, um eremita que vivia na região da Galícia e que sempre via cair em um determinado ponto chuvas de estrelas cadentes, certo dia, decidiu seguir o caminho traçado por aquelas estrelas.

Ao rumar até aquela rota iluminada pela magia do Universo, Pelayo deparou-se com um túmulo de mármore, vindo a descobrir que nele estavam enterrados o apóstolo de Jesus Cristo, Tiago, irmão de João evangelista, e seus discípulos Teodoro e Atanásio.

Logo após a descoberta, a notícia espalhou-se, e chegou ao trono do Rei Afonso II, o Casto, homem de sensibilidade que tratou de proteger o local, transformando-o em um dos mais famosos locais de peregrinação do mundo Cristão.

Afonso II, fascinado com as histórias de Tiago e seus discípulos, e também com os milagres que começaram a surgir naquele local, mandou erguer no lugar uma capela de pedras e um monastério para abrigar os restos mortais dos três cristãos e também doze monges agostinhos. Assim nascia um dos mais importantes locais de peregrinação do Cristianismo, O Caminho de Santiago de Compostela, ou Santiago do Campo das Estrelas, um caminho que formou-se em uma rota que está situada diretamente sob a Via Láctea.

A princípio, apenas caminhantes da Galícia e Astúrias faziam a peregrinação, porém, ano após ano o número de peregrinos foi aumentando, e desta forma foram partindo caminhantes de vários pontos da Europa rumo àquele sagrado lugar.

Sancho III, de Navarra, já no século XI, foi quem determinou o percurso que é utilizado até os dias atuais, e no final daquele mesmo século, Afonso VI, rei de Castela ampliou as instalações de abrigos e destacou militares para vários trechos, com o objetivo de darem proteção aos peregrinos, pois já naquela época o número de peregrinos aumentava progressivamente.

Tudo indica que também foi naquela época que os Cavaleiro Templários começaram a atuar na proteção dos peregrinos do Caminho de Santiago, utilizando o nome de Cavaleiros da Ordem de Santiago, cujo símbolo se vê na cruz em forma de espada que representa o caminho, juntamente com a concha.

As rotas diferentes e ao mesmo tempo unificadas que marcam o Caminho dos peregrinos encontram-se em Puent la Reina, conforme ja mencionado.

Ao longo dos séculos, inúmeras personalidades percorreram o caminho, entre elas destacam-se *Carlos Magno, Fernão de Aragão,*

Francisco de Assis, Isabel de Castela, o Papa João XXIII [8], e tantos outros; todos com o mesmo objetivo: a busca do auto-conhecimento, o encontro consigo mesmo e com Deus.

Tiago tem seu aniversário comemorado no dia 25 de julho, e foi por esta razão que, em 1122, o Papa Calixto II elevou a cidade de Santiago de Compostela à categoria de sede de Arcebispado, homenageando, desta forma, sua cunhada Dona Urraca, rainha de León e de Castela, filha do rei Afonso VI e mãe do rei Afonso VII, fervorosos devotos do primeiro discípulo de Cristo a ser martirizado por pregar o Cristianismo.

Calixto instituiu como Ano Santo todos os anos em que o dia 25 de julho coincida com um domingo, tendo sido o primeiro deles comemorado em 1126.

Desde então, no dia 31 de dezembro anteriores aos Anos Santos Compostelanos, acontece a abertura da Porta Santa da Basílica de São Tiago, como marco das comemorações. E o ano de 1999 foi o último Ano Santo do século e do milênio.

O Ano Santo de Santiago de Compostela é o mais antigo a ser comemorado pelo mundo cristão.

O Papa Calixto, ao declarar o Ano Santo compostelano, homenageou também o apóstolo Tiago, pois afinal ele fora o mensageiro e o primeiro pregador do Cristianismo na Europa.

No século XII, em 1179, através da 'Bula Regis a Eterna', o Papa Alexandre III concedeu na graça do jubileu 'o perdão de todos os pecados, por mais graves que sejam, àqueles que fizerem o caminho e/ou visitarem a catedral em quaisquer Ano Santo e rezarem uma oração, seja ela qual for'.

Em 1332, o Papa João XXII editou em Avignon uma bula concedendo indulgência àqueles que ajudassem aos peregrinos de Compostela com hospedagem, esmolas..., estimulando, desta forma, o apoio aos peregrinos; apoio este que se estende através dos tempos até os dias atuais.

Em 1700, os Anos Santos de Roma e Compostela coincidiram, apesar de que o Ano Santo de Roma acontece de 50 em 50 anos e o de Santiago normalmente de 5, 6 e/ou 11... anos.

A próxima coincidência de ambos os Anos Santos ocorrerá no ano de 2100, 400 anos após a primeira.

As reflexões sobre aqueles componentes do caminho fizeram com que aflorassem mais força para vencer a empreitada, afinal, ele não era um caminho comum mas... O Caminho de Santiago de Compostela!

Pensei que maravilha era poder estar ali, percorrendo aquela via milenar, principalmente, porque Calzadilla tem seu nome derivado da via de Aquitania, que, segundo fiquei sabendo naquela localidade, era utilizada antes mesmo da rota traçada pelo Caminho de Santiago.

O caminho parecia infindável, como o próprio caminho da vida, pois quanto mais andava, mais tinha que andar. Fixar os olhos no horizonte, atirá-los ao nada. Muitas vezes, enquanto percorria aquela via, surgiam miragens, como se o inconsciente buscasse um porto seguro para que, em qualquer necessidade, pudesse ancorar o corpo cansado pelos sucessivos passos.

Não existia ânsia, e muito menos o desejo de chegar a algum lugar, mas a sensação do vazio em torno do caminho era a confirmação de algo que já sabia antes mesmo de percorrê-lo, o fato de estarmos sós.

A primeira visão estrutural após aquele longo trecho era justamente a que representa a derradeira morada do corpo, após sua peregrinação pelas vias da vida, o cemitério de Calzadilla.

Enfim, a chegada em Calzadilla.

Chegar àquele lugar me fez constatar que não existiu dificuldade, nem solidão, nem distância, pois tudo que existiu foi passado, e Calzadilla também seria. Afinal, o sonho continua, os caminhos continuam, a busca continua, a vida continua, e só o apagar do sopro da vida conduzirá a um tempo que poderá ser a temporal.

Calzadilla é marcada pelos restos de um hospital da Ordem de Santiago, fundado por Bernardo Martín, em 1182, e doado àquela Ordem. Também é conhecido como hospital de las Tiendas.

Andando mais cinco quilômetros, cheguei a Lédigos, onde a única igreja existente é a atual, que data do século XIII, e que guarda as três diferentes imagens de Santiago: Matamoros, Peregrino e Apóstolo.

Prosseguindo a viagem, cheguei, cerca de 40 minutos depois, a Terradillos de Templários, lugar onde os Cavaleiros do Templo utilizavam como ponto estratégico na época medieval. Ali, conheci Javier, dirigente do albergue de peregrinos local, que falou sobre a Ordem Soberana del Templo Solar, e dos princípios que norteiam aquela Ordem, princípios estes, fundamentados na igualdade, na fraternidade e no amor.

Igualdade que deve prevalecer para que os conflitos e disputas sejam sanados. Que tende a banir de vez com a fome, a miséria e os desajustes sociais que tantos males causam à humanidade. Que coloca todos na condição sublime de filhos de Deus.

Fraternidade que une todos como irmãos. Que não distingüe quem quer que seja. Que desaparece com as frontreiras territoriais e faz nascer um estado comum, onde todos se confundem como seres de um mesmo lugar.

Amor sem o qual nada pode ser construído. Pelo qual se encontra o verdadeiro caminho que conduz ao Pai e à vida eterna. Que estabeleceu a criação do Criador.

Deixei Terradillos impregnado de igualdade, fraternidade e amor, e remoendo a importância daqueles princípios. Parti em direção a Sahagún, antes, porém, passei por Moratinos, um lugar que, segundo contou Javier, já aparecia em documentos datados de 955 d.C. Passei também por San Nicolás del Real Camiño, onde deixava para trás o território da província de Palencia; e onde existiu um hospital com o mesmo nome, fundado pelo cavaleiro Tello Pérez de Menezes, no ano de 1183, e que, na Idade Média, cuidava de leprosos.

Sahagún é uma cidade importante e cresceu em torno do monastério beneditino de San Benito, que obedecia à disciplina da Ordem Francesa de Cluny, e, por esta razão, já foi chamada de *Cluny Español*.

Ali, existe, até hoje, a fachada daquele monastério que foi refundado no século XI por Afonso VI. Também em Sahagún, encontram-se as ruínas das igrejas de San Tirso, San Lorenzo e La Peregrina.

É em Sahagún que encontra-se a história da batalha entre o rei mouro, Aigolando e Carlomagno, na qual, segundo Juan, um morador daquela localidade, morreram mais de quarenta mil pessoas.

A arquitetura do lugar e o Arco de San Benito com duas estátuas, uma de cada lado, tendo ao centro um enorme brasão, impressionam ao peregrino pela pujança das obras.

Naquela manhã, saí logo cedo, pois pretendia caminhar até Reliegos. Depois de atravessar Sahagún, tomei o andadeiro que estende-se por quase todo o território de León, passando por Calzada del Coto, Bercianos e El Burgo Ranero.

Já era noite quando cheguei a Reliegos, onde fui recebido por David Santa Marta, que estava em um bar e se prontificou imediatamente a conduzir-me até o albergue local. Apesar da pouca idade, David se mostrava um jovem sensível, pronto a ouvir as histórias do caminho, lembrando-nos de que Deus nos deu dois ouvidos para ouvir mais do que falar.

Enquanto desfazia a mochila e me preparava para o banho, David foi a sua casa, de onde trouxe um pedaço de queijo e lingüiça, produzidos por ele na propriedade de seus pais e, também, uma garrafa de vinho.

Fui para a cozinha, onde preparei um macarrão entremeado da lingüiça e do queijo que recebi como *regalo* do jovem David.

Conversamos sobre as belezas do Brasil, ao som de um rádio que tocava música espanhola.

Saí pela manhã, indo tomar o café matinal em Mansilla de las Mulas, onde uma muralha medieval adorna o centro da cidade. Logo, na entrada, uma escultura na base de um cruzeiro retrata um casal de peregrinos descansando e um outro dormindo.

Aquela cidade, segundo havia me contado David, data do período medieval. Existiam no local sete igrejas e três hospitais, além de ser um importante centro comercial na época. Ali também se encontra o Santuário de la Virgem del Camiño. A cidade é contornada pelo rio Esla.

Prosseguindo viagem, passei por Villamoros, e, quatro quilômetros depois por Puente de Villarente. Ali, parei para almoçar e constatei a importância do peregrino para aqueles que fazem parte do caminho. Sentei-me a mesa, retirei minha camisa que, apesar do frio e da neve, estava molhada de suor, coloquei-a em uma cadeira próxima a um aquecedor para que secasse, fazendo o mesmo com meu casaco térmico, enquanto isso vesti a outra camisa que carregava na mochila, para almoçar.

Perguntei quanto era o menu, e a garçonete disse: "– 1.650 pesetas." Sentado de frente para a rua, observava aquela grande ponte e o tráfego de veículos enquanto aguardava o almoço. A garçonete trouxe-me o pão e o vinho, que bebi e comi. Logo que chegou a refeição, tratei de almoçar pois ainda faltavam treze quilômetros para chegar a León.

Para minha surpresa, na hora de pagar, apresentei minha *Credencial del Peregrino* e perguntei se havia carimbo para selá-la. Nesta hora, além do carimbo, a caixa do restaurante me devolveu oitocentas pesetas como troco das duas mil que lhe dei para pagar. Quando disse que ela havia me dado 450 pesetas a mais, já que o preço tratado no início foi de 1650 pesetas, fui comunicado de que o preço para o peregrino era de 1200 pesetas. Agradeci o desconto e constatei que a honestidade existe onde muitas vezes não a observamos, tendo em vista que não existia nenhuma placa ou cartaz falando sobre o desconto especial para os que fazem o caminho.

Ao sair do restaurante para continuar a jornada, refleti sobre aquela passagem que deixara claro que a honestidade não é uma questão de mera palavra, mas de um ato de consciência daquele que a pratica. Aquilo me fez ver que o mundo, apesar das turbulências por que passa,

está repleto de seres cujas mentes têm propósitos e princípios elevados, e como sementes, germinam nas terras da vida em busca de um fruto melhor capaz de saciar a fome e a sede de toda a humanidade: os verdadeiros princípios cristãos!

Naquele dia, passei, ainda, por Arcahueja, e, Valdelafuente, sendo grande parte desse trajeto percorrida através de rodovia. Finalmente a chegada a León, onde fiquei hospedado no albergue municipal de peregrinos, o maior que já tinha visto no caminho, com 112 camas divididas em vários quartos, além de cozinha, sala de jogos, sala de leitura, televisão, sem contar com o sistema interno de câmera.

A grande cidade de Léon encanta com sua arte e monumentos históricos como a Catedral e a Basílica de San Isidoro, além das inúmeras obras arquitetônicas da época do Renascentismo espanhol.

Em León, começaria uma outra parte do caminho, pois ali encontrei, pela primeira vez, Sebastian e Ana, dois amigos espanhóis residentes em Mallorca.

Parti pela manhã rumo a Villar de Mazarife. Atravessei a Ponte de San Marcos, e logo depois, Trobajo del Camiño. Mais à frente, cheguei a La Virgem del Camiño, onde, contam os moradores, em maio de 1505, o pastor Alvar Simón manteve um encontro com a virgem. Ainda naquela cidade, encontrei um painel escultural onde se destacam as figuras dos apóstolos e da virgem, fundidos em bronze por Josep María Subirachs.

Antes de chegar ao meu destino, passei ainda por Oncina de la Valdoncina e Chozas de Abajo, percorrendo campos de pastagem de ovelhas, avistando ao longe as montanhas cobertas de gelo.

Chegando em Villar de Mazarife, fiquei impressionado, logo na entrada, com um mosaico projetado por G. San Milan e confeccionado por San Milan, M. E. Speron, Sant I. P., Inma. Pazos, Marcos P., e outro.

Naquele pequeno lugarejo, D. Isidora, mãe de Juan, acolheu-me com carinho em sua casa. Ali reencontrei Sebastian e Ana. À noite, saímos juntos para jantar. Tomamos vinho, trocamos informações sobre o caminho e retornamos para o albergue.

Logo que o dia raiou, pus-me na estrada. Ana e Sebastian continuaram sua caminhada, enquanto chamei por cerca de dez minutos o artista plástico Monseñor, um pintor em estilo românico que tem em sua casa um museu próprio, com inúmeras obras de arte e grande variedade de antigüidades.

Após minha insistência, Monseñor finalmente me ouviu de dentro de sua casa, afastada cerca de 30 metros do portão de onde o chamava, e pediu-me que aguardasse alguns minutos que iria abrir o museu para que eu pudesse observar sua arte.

O museu tem uma peculiaridade do artista, pois sua porta tem a medida do próprio Monseñor – pouco mais um metro e cinqüenta centímetros de altura. Curvei-me e entrei naquele recinto, descendo uma pequena escadaria que dava ao museu.

A obra de Monseñor, em estilo românico, é elogiada por diversas personalidades da cultura européia, graças ao trabalho do artista, que retrata com muita sensibilidade, em suas pinturas e peças artesanais, um estilo próprio que lhe credencia tais reverências.

Com carinho e simplicidade, dote próprio dos artistas de espírito elevado, Monseñor mostrou-me suas obras-de-arte e peças artesanais, bem como inúmeras peças antigas que marcam a história daquele lugar e da própria Espanha.

Logo após, aquele artista me deu um livro autografado com fotos de suas obras expostas no Museu do Louvre, em Paris.

Como sinal de gratidão dei-lhe um cristal de presente, e ele me deu uma casca de pedra de uma das esculturas por ele feita. E, também, ofereceu-me seu livro de presença para que deixasse nele minha mensagem.

Ali, escrevi o seguinte texto:

> *"Quando Deus criou o mundo, utilizou-se da arte, pois a arte é a mais nobre expressão do amor. Que Deus continue a iluminar você, Monseñor, para que, com sua arte, continue a expandir o amor."*

Após a troca de *regalos* nos despedimos, pois meu objetivo naquele dia era chegar a Astorga, a pouco mais de trinta quilômentros de distância.

O chão estava coberto de neve, e o frio era um incentivo para que vencesse os primeiros dez quilômetros que conduziam a Villavante, onde existe um depósito de água em forma de disco voador. Atravessei inúmeros campos de batata, que, na ocasião, eram colhidas. Aproveitei aquele lugar para tomar o café da manhã.

Enquanto caminhava, cheguei à conclusão de que "só se aproxima de Deus e enxerga as belezas da vida quando se tem bons olhos e pensamentos elevados." Durante aquele caminho, esta conclusão seria

por demais importante, pois aguçava ainda mais minha sensibilidade para que pudesse ver tudo e todos além das aparências.

Continuei minha peregrinação em direção a Puente y Hospital de Órbigo, local onde, na Idade Média, existia o hospital dos Cavaleiros de San Juan. Ali, atravessei a ponte em estilo românico sobre o rio Órbigo.

Em Villares de Órbigo, pude sentir a presença de uma autêntica vila comunitária. Naquele lugar, mulheres lavavam as roupas de suas famílias em um grande tanque público, e apesar do trabalho que executavam, pararam para me desejar boa viagem. Achei uma atitude fantástica, pois senti que o desejo daquelas mulheres vinha do fundo de seus corações, e para aumentar minha satisfação, pouco mais à frente, um grupo de crianças vindo da escola me saudou efusivamente com o mesmo carinho.

> *"O peregrino desperta nos outros o sentimento de solidariedade, fraternidade e respeito."*

Essa foi a idéia que fiz daqueles maravilhosos contatos que mantive em Villares de Órbigo.

Ao caminhar rumo a Santibáñez de Valdeiglesias, encontrei uma senhora de idade avançada acompanhada de um cão, semeando os campos recém-arados. Naquele instante, pude constatar que o trabalho é o elixir da vida, e que, sem ele, grande parte da existência perde seu real sentido. Compreendi que "a vida é regada de muitos sonhos tirados dos confins do ser," e que os sonhos se materializam das mais diversas formas, e são eles que dão sentido à existência do ser.

Antes de chegar a Astorga, passei ainda por San Justo de la Vega, onde o Crucero de Santo Toribio é um importante marco no qual os peregrinos depositam uma pedra, cumprindo o ritual de renovação da vida.

Notei que não era preciso correr e muito menos andar para cumprir a meta desejada. Bastava deixar o corpo ser levado pelo pulsar do caminho para que ele encontrasse o seu próprio ritmo, já que o caminho é só um caminho, e quando chegar ao seu término, é porque lá terá início um novo caminho.

O Caminho de Santiago é embalado pelo vento, acariciado pela chuva, emoldurado pela neve, e abençoado pelo Criador. Por tudo isso, ele é o caminho dos que nada buscam, e assim, tudo encontram, a cada

passo, a cada dia. O caminho é eterno, como é eterno aquele que por ele caminha.

Enfim, Astorga, a importante cidade, que já na Idade Média possuía quase dois mil habitantes, e que, em número de hospitais já foi comparada a Burgos, possuindo cerca de vinte e cinco.

Astorga preserva monumentos fantásticos como o Palácio de Gaudí, protegido pelas muralhas astorganas e que hoje abrigam o Museu dos Caminhos. Em suas mediações, encontra-se a Catedral de Santa María, com suas belas torres adornadas com esculturas de grande sensibilidade artística. As paredes da Catedral expõem painéis esculpidos que demonstram várias passagens de Cristo ao longo de sua vida na Terra. A arte exposta mostra a sensibilidade do homem antigo, cuja paciência, determinação e amor ao ofício produzem detalhes que enriquecem, além das esculturas, a própria história do homem.

Continuei a jornada, desta, me dirigindo para Rabanal del Camiño. Enquanto caminhava, passei pela residência de São Francisco de Assis, que dedicou sua vida à expansão do amor e da fraternidade, e cujo voto de pobreza e humildade faziam resplandecer nele a Luz necessária para a evolução do ser.

Parei em Murias de Rechivaldo, um lugar que abriga a Igreja de San Esteban, datada do século XVIII, e a Cruz de Santa Catalina de Somoza. Ali, reencontrei Jean Pierre, e, juntos nos encaminhamos para um restaurante em busca de almoço. Apesar de chegarmos por volta das doze horas, o proprietário disse que só serveria comida às quatorze horas, sem mover-se do lugar onde estava e sem tirar os olhos do jornal que lia. Aquilo deixou Jean Pierre irritadíssimo, e, quando saímos dali, ele repetia inúmeras vezes: "– Merda! Merda! Merda!"

Tentei acalmar o espírito fogoso de Jean Pierre, dizendo que deveria acreditar mais nas Leis Divinas, pois talvez aquela comida não fosse tão boa, e uma melhor deveria estar nos esperando. Ao passarmos pelo outro restaurante existente na localidade, cuja porta estava fechada, resolvi bater para ver se era atendido. Veio nos atender uma mulher cujo macacão mostrava que estava fazendo reformas, ou melhor, pintando algum cômodo daquele lugar.

Perguntei: "– Tem algo de comer para nos servir?"

Ela respondeu: "– Aguardem um instante que vou ver."

Ao voltar, convidou-nos para entrar. Quando chegamos dentro do recinto, ficamos maravilhados, pois as mesas, arrumadas com pratos ingleses, talheres de prata e uma vasta decoração de peças de antigüidades, davam um toque todo especial àquele lugar, onde as

paredes expunham inúmeras obras de arte, como quadros e pratos de porcelana pintados.

Sentamos a uma das mesas e pedimos um menu de peregrino. Poucos instantes depois, uma suave música fazia com que o ambiente se tornasse ainda mais agradável.

Aproveitei para falar com Jean Pierre: "– Caro amigo, é como te disse. Sempre que uma porta é fechada, uma outra é aberta, e quando nós entregamos nas mãos de Deus a condução de nossos passos, Ele sempre nos leva onde sequer nós mesmos imaginamos, pois ninguém melhor do que Ele para saber o que é melhor para nós e aquilo que merecemos por direito Divino."

Jean Pierre deu um sorriso sem graça e disse: "– É..."

Meu companheiro parecia que ainda não tinha entendido bem a mensagem, e que realmente não via as coisas daquela forma, até que Carmen, dona daquele restaurante, entrou com um prato de queijos sortidos, uma garrafa de vinho e apresentou-se para nós. Aquela mulher de meia idade trazia nas mãos o alimento, no rosto a satisfação de servir, e no sorriso a alegria de nos receber.

Foi emocionante estar naquele lugar com todas aquelas belezas artísticas e o calor humano de Carmen.

Enquanto a comida era feita, Carmen nos contava que era uma antiquária cujo comércio situava-se na cidade de Londres, na Inglaterra.

Achei fantástico poder estar ali, com uma pessoa de tanta sensibilidade e que oferecia tanto carinho. Carmen disse: "– O mundo só é maravilhoso se soubermos fazê-lo assim."

Pouco depois, nos foi servido uma macarronada, pão, mais vinho e mais queijo. Educadamente Carmen se retirou de nossa mesa enquanto ceávamos.

O que nós não sabíamos é que, enquanto almoçávamos, ela própria foi à cozinha nos preparar uma sobremesa, uma espécie de rabanada.

"– Carmen, você é um presente que Deus nos ofereceu. É a própria imagem do verdadeiro caminho. É uma demonstração de que a fraternidade existe de verdade. Portanto, é uma grande honra poder ser recebido em seu lar, cear em sua mesa, desfrutar de sua companhia, me encantar com sua casa ao som desta melodia –", disse eu à anfitriã.

Carmen me abraçou carinhosamente e beijou minha face. Retribuí com o mesmo carinho. Foi tão delicada que nos convidou a passar aquele dia com ela, mas, como o objetivo era chegar a Rabanal,

tivemos que nos despedir, levando o carinho e o amor que nos foi oferecido.

"– A magia do caminho não está na imaginação fictícia e fantasiosa daqueles que nunca o percorreram, mas naqueles que habitam suas margens, que são a constituição do próprio caminho –", falei a Jean Pierre logo que deixamos a casa de Carmen, ressaltando: "– Quando descobrimos a cada dia uma pessoa maravilhosa à margem do caminho, é quando temos a certeza de que valeu a pena ter saído de tão longe para percorrê-lo."

Depois de andar uns trinta minutos, Jean Pierre já tinha ficado para trás, pois meu ritmo de caminhada era diferente do dele. Talvez pela estatura e pela idade. Pouco depois, passei por Santa Catalina de Somoza, mais à frente por El Ganso, onde, na saída, uma cruz de ferro indicava o retorno ao andadeiro.

Caía a noite quando entrei em Rabanal del Camiño, uma comunidade marcada pela importância que tinha na rota medieval, época em que existia para amparar os peregrinos antes de subirem o Monte Irago, visto possuir vários hospitais e igrejas.

Os Cavaleiros Templários atuavam naquela região, pois tinham no castelo de Ponferrada uma espécie de quartel-general.

Rabanal preserva muitas de suas estruturas e casas construídas em pedras, inclusive um albergue vinculado à Associação dos Amigos do Caminho de El Bierzo e a Igreja Confraternity of Saint James.

Refugiei-me no albergue Nuestra Señora del Pillar, onde o casal Esperanza Moran e Serafin Rodríguez recebem todos os peregrinos com muito amor e carinho.

Naquele albergue, encontrei Edouard Müller, León, Sebastian e Ana, e, pouco depois, chegou Jean Pierre.

Frio, neve e chuva marcaram aquela noite; mas nem aquela condição climática nos impediu de participarmos de uma missa na igreja local, ministrada por três monges agostinhos que se preparam para construir um templo na Cruz de Hierro, e que encantaram a todos com o canto gregoriano que entoavam durante o cerimonial.

Fiz questão de recolher, naquele templo, um dos hinos traduzido do latim para espanhol, cujo texto narro a seguir:

> *"Oh Señor, Creador del universo, a punto de acabar el dia, te pedimos nos guíes y ampares con la clemencia que acostumbras.*

Que te sueñen nuestras almas y te sientan en su descanso; que celebren siempre tu gloria, bajo aquella luz ya cercana.

Danos una vida saludable, aviva nuestro amor, vuelve diáfana con tu luz la oscuridad de la noche.

Concédenoslo, Padre Todopoderoso, por medio de Jesucristo, tu Hijo, que con el Espíritu Santo reina contigo por los siglos de los siglos. Amén."

Na metade da missa, apareceram Gauthier Hernandez, e os espanhóis André, Carlos e Carmen, que chegaram de táxi vindo de Astorga.

Na manhã seguinte, partimos todos rumo a Molinaseca. Atravessaríamos, antes, cinco pontos marcantes na história do caminho: Foncebadón, La Cruz de Hierro, Manjarín, El Acebo, e Riego de Ambrós.

Na partida, Esperanza e Serafin me convidaram, e também a Edouard e León, para tomarmos o café matinal, pois os outros peregrinos já haviam partido.

A neve tomava conta do caminho, e o frio atingia cerca de seis graus negativos já em Foncebadón. Aquele lugar medieval, que hoje vive praticamente em ruínas, fora outrora importante ponto de apoio para os peregrinos; com hospitais, hospedarias e um convento.

Foncebadón é um lugar de dura caminhada. Terra 'áspera, pantanosa e espessa', que por sua geologia dificultosa levou o Rei Afonso VI a conceder privilégios que não bastaram para que os habitantes daquele lugar buscassem novas terras menos penosas para viver. Na entrada, uma pequena guarita, com uma placa, fala um pouco sobre a história de Foncebadón, onde hoje habitam, ainda, algumas pessoas.

Caminhei por entre as ruínas, e a dois quilômetros depois, chegava em um dos mais famosos e mágicos pontos do caminho, a Cruz de Hierro. Lá, os peregrinos depositam uma pedra em sua base, pedindo forças ao Deus Todo Poderoso para vencerem e terem proteção ao longo do caminho de suas vidas. Geralmente, os peregrinos carregam para aquele lugar místico um pedaço de sua terra de origem. Foi lá que Gaucelmo ergueu a primeira cruz de ferro sobre um altar dedicado ao deus Mercúrio, o deus dos caminhos.

La Cruz de Hierro situa-se a 1.504 metros de altitude, e é o ponto mais alto do caminho. Ali, cumpriria um dos rituais mais importantes

de minha peregrinação, pois, antes de chegar àquele trecho, já o visualisava. O ritual teve início quando retirei de um colar-de-contas de sândalo um cristal de cerca de cinco centímetros, batizado por mim como ‘o guardião’, que me acompanhava há mais de doze anos, e fixei-o junto à Cruz de Hierro.

Confesso que não contive minhas lágrimas durante alguns minutos, é que em meu silêncio interior me despedia daquela pedra mágica que durante tanto tempo teve um simbolismo de emanar sua energia em torno de minha áurea, de forma a impedir a penetração de energias negativas em meu campo magnético.

Deixar o cristal na Cruz de Hierro significava não apenas depositar uma pedra naquele lugar místico e mágico, mas, acima de tudo, uma demonstração de desprendimento, desapego e nudez naquela temperatura de cerca de dez graus abaixo de zero, a mais baixa do caminho, segundo fui informado na casa de Tomás, poucos quilômetros depois, em Manjarín.

Caminhando pela estrada, margeada por neve e coberta pela névoa, como se me encontrasse completamente nu, depois daquela dolorosa despedida, cheguei, a pouco mais de dois quilômetros, em Manjarín, guiado pelo sino tocado pelo velho templário Tomás, hospitaleiro daquele lugar.

Em sua casa, Tomás mantém na parede uma pintura retratando a atuação dos Cavaleiros Templários na época medieval, duas espadas que, segundo ele, pertenceram aos Cavaleiros da Ordem, e uma bandeira templária fixada em um mastro.

Com Tomás aprendi um pouco mais sobre a Ordem Templária, e seu importante significado, não apenas na história do caminho, mas na história medieval, onde os Templários marcaram sua presença como a mais importante Ordem de Cavalaria da História Universal.

Tomás me contou que, segundo Antônio Quadros, “um Templário nunca se rendia, aceitava a morte como prêmio, lutava antes pelos bens sobrenaturais do que pelos bens terrenos, como, também, uma força moral inigualável,” e que “as escolas que ao longo da existência da raça humana formavam nos mistérios guerreiros como os Templários, os faziam vencer mais a guerra interior para que não participassem de guerras indignas.”

Meu encontro com aquele guerreiro Templário foi enriquecedor, pois ele me fez ver que “para um homem respeitável, a desonra é pior do que a morte.”

“Os membros da Ordem guardavam em silêncio os mistérios e ensinamentos adquiridos, e nas guerras os princípios de que os valores materiais são efêmeros, daí o desapego a tais valores,” disse-me Tomás, que, a seguir, citou Buda: “É mais forte o homem que vence a si próprio do que aquele que vence mil homens em combate.”

Na entrada da casa de Tomás, vemos também várias placas indicando a distância entre aquele ponto e vários lugares sagrados do mundo, como: Machu Picchu, Jerusalém, Santiago, Finisterre, Roma e outros.

Aquele encontro templário fez-me refletir sobre diversos valores da vida humana, enquanto caminhava rumo a El Acebo. Fez-me ver que o verdadeiro desenvolvimento do homem está ligado diretamente à emanação de ondulações mentais elevadas, formadas por preces que encontram eco na Sublime Mente Universal, onde todos estão diretamente ligados; que não foi necessário violentar o próximo nem ferir os preceitos para que os Cavaleiros da Ordem do Templo se tornassem uma poderosa força econômica, bélica, cultural e moral da história da humanidade; que a recompensa pelos seus feitos, indiferente do voto de desapego material que faziam, foram trazidas até eles para que com seus nobres sentimentos pudessem fazer chegar às mãos dos mais necessitados.

Depois de caminhar certo trecho pela estrada, desci por um estreito trilho que me conduziu até El Acebo. Para quem mora num país tropical, ver de cima um cenário contrastante onde as casas de pedras têm seus telhados completamente tomados por neve, e suas ruas brancas como flocos de algodão, é uma imagem quase que surreal.

Na rua principal, cheguei a Mesón El Acebo, onde fui recebido pelo proprietário Gumercino com um calor humano que transformava aquele lugar num ‘oásis’ no meio de um deserto nevado.

Logo que cheguei, Gumercino pôs um aquecedor próximo à mesa, para que colocasse em volta minhas roupas, molhadas pela chuva de neve.

Durante o almoço, conversamos bastante, e Gumercino me disse que, em 98, os lobos comeram cerca de noventa animais em sua região. Aquele hospitaleiro ficou maravilhado com meu cajado, chegando a classificá-lo como o mais bonito que já vira passar pelo caminho. Disse-lhe, então, que era presente de um artista plástico, amigo meu, chamado Vítor Emanuel.

Contei para Gumercino a história do cajado, que fez questão de ser fotografado com o mesmo em sua mão.

"– Estes círculos em relevo representam o caminho; os sóis existentes entre eles, a luz do caminho; esta base vazia como se estivesse atirada ao nada, a reflexão do caminho; esta cúpula, a contemplação; e estas duas conchas viradas de costas uma para a outra, a consagração, onde se abrem novos caminhos após a conclusão deste."

Gumercino ficou tão apaixonado com a história que queria a todo o custo que lhe desse ou vendesse o cajado. Respondi que lamentava não poder atender seu pedido, primeiro porque ele foi feito especialmente para que eu percorresse o caminho, segundo porque muitas vezes, ao longo do caminho, ele foi minha terceira perna e também o meu olho, e, por fim, porque o cajado armazena as vibrações energéticas que senti ao longo do caminho.

Comi como um lobo faminto, bebi daquele delicioso vinho como um camelo sedento. Rimos muito enquanto conversávamos.

Antes que partisse, Gumercino, com sua hospitalidade peculiar, ligou para Molinaseca para falar com Alfredo, o hospitaleiro do albergue local, anunciando que eu e os outros peregrinos, que passaram à frente, nos hospedaríamos naquele albergue, antiga Ermida de San Roque.

Após aquele encontro fraterno, caminhei por entre trilhas tortuosas e pedregosas, mas ao mesmo tempo encantadoras pela beleza, paz e o sentimento de liberdade impregnado na alma que fluía a cada passo do caminho, rumo a Molinaseca, que, a exemplo de El Acebo, encontrava-se tomada pela neve.

Molinaseca está situada no término do Monte de Irago. É uma localidade marcada pela história, que tem sua entrada através de uma ponte românica sobre o rio Meruelo, que culmina nos antigos casarios onde são ostentados os escudos nobres das famílias que ali viveram na época medieval.

Ali, passei, antes de chegar ao albergue, pelo Santuário de las Angustias, que data do século XVIII.

Quando cheguei na antiga Ermida de San Roque, Alfredo me aguardava, pois Gumercino havia lhe dito que chegariam naquele dia, no albergue, oito peregrinos. Seis já haviam chegado. Faltavam apenas eu e Edouard, que chegamos praticamente juntos.

Alfredo é daquelas pessoas atenciosas em cujas veias corre o sangue hospitaleiro, a vontade de servir, de aprender e ensinar, e se prontificou sair com Andréa, Carlos e Sebastian a fim de comprar alguns mantimentos para que pudéssemos cear naquela noite.

A janta foi preparada por Edouard, que nos presenteou com um macarrão próprio daqueles servidos nos manjares romanos, pois além de escritor de peças teatrais, Edouard também se mostrava um exímio gourmet.

O ágape foi regado com muitas garrafas de vinho, onde a conversa fluía de forma natural e descontraída. Rimos muito, e não era para menos, pois o dia foi um dos mais agradáveis e fantásticos de toda a caminhada desde que havia deixado Roncesvalles, na fronteira com a França.

As fronteiras entre o Brasil, a França, a Espanha e a Bélgica desapareceram nas conversas que eu, o francês Jean Pierre, o suíço Edouard, os espanhóis Andréa, Carmen, Carlos e o hospitaleiro Alfredo, e o belga León mantivemos durante e após aquele caudaloso e célebre jantar.

Após a refeição, Carmen olhou pela vidraça da janela e disse: "Está chovendo neve." Eu e Andréa não resistimos: saímos para dançar e pular na rua, em frente ao albergue, enquanto os flocos de neve jorravam em abundância do céu, batizando-nos com sua suavidade e frescor. Foi lindo!...

A cidade, a vegetação, a paisagem, na manhã seguinte, pareciam adornados com algodão. Tudo estava tão branco que ofuscava as vistas. Aquela foi uma manhã que ficara marcada de forma singular.

Entre os trilhos e atalhos, caminhava só e maravilhado com tudo aquilo que via, até que, do alto da serra, avistei Ponferrada, a penúltima grande cidade antes de chegar a Santiago.

Ponferrada, conhecida como a capital de El Bierzo, também ficou marcada na história pela abundância de ouro, e por seu belo castro romano.

O castelo templário de Ponferrada abrigou os Cavaleiros Templários desde 1178 d.C. até a "dissolução" da Ordem, em 1314, ocasião em que o último Grão-Mestre da Ordem foi queimado vivo em uma fogueiran.

Como a maioria das construções templárias, o castelo é feito todo em pedra, com farto documentário criptográfico, contendo símbolos ligados à numerologia e astronomia, o que assegura que seus construtores e habitantes eram iniciados em uma Ordem esotérica de profundos conhecimentos.

Apesar do sol já ter levantado, os jardins do castelo ainda se encontravam cobertos de neve, e a montanha em frente a ele, totalmente branca.

Os Templários eram uma ordem com princípios esotéricos universais, conforme narrou-me Manolo, ao citar Jean-Pierre Ludwig, quando disse que "os Templários tinham a unidade por princípio. Unidade no homem: através da iniciação espiritual; o despertar do ego superior que unifica o homem como um ser complexo e dá-lhe um sentido para existência. Unidade de amor: idéia da fraternidade universal – todo homem tem espírito, alma e corpo, e pode regenerar-se espiritualmente não importando a que credo, nação ou condição social pertença. A humanidade é uma família, todo homem é um irmão. Unidade do saber: pela essência das ciências que exprimem a recusa de todo tipo de discriminação e capta a manifestação das leis naturais na natureza e no homem. Unidade de poder: o seu fito era a criação de uma confederação de estados, de povos livres e organizados em nobreza popular, com base num ideal comum. É a idéia do quinto império."

Manolo citou também Michel Lamy, ao falar sobre a ideologia templária, que se baseava na "compreensão, tolerância e respeito mútuo."

Fascinado com o que via e ouvia, contemplava aquele magnífico castelo com suas muralhas fortes e exuberantes, e seu desenho arquitetônico nobre e elevado.

Manolo me contou que a estrutura hierárquica da Ordem era piramidal, e no cume estava o Mestre do Templo de Jerusalém, que governava a Ordem a partir do Estado Maior instalado na Terra Santa, e que por trás daquele Mestre, existiam outros ocultos da confraria. Todos os Templários rendiam ao Mestre sua obediência, e este, por sua vez, teria que obedecer aos fundamentos estabelecidos ao capítulo, que representava uma espécie de conselho de administração da Ordem.

Por ser uma Ordem com princípios esotéricos, o Mestre Internacional era eleito por um colégio de doze membros e mais o eleito, e a hierarquia da Ordem, segundo Manolo, "destacava-se pelo topo da pirâmide, onde estava o Mestre de Jerusalém. Logo abaixo, o Senescal, que substituía o Mestre quando necessário. Pelos assuntos militares respondia o Tenente, com título de Almirante que comandava a frota templária, e também era o Tesoureiro da província de Jerusalém, que tinha sob seu domínio o porto de São João de Acre. Existia também o Comendador da Terra e do reino de Jerusalém. Para zelar pela segurança dos peregrinos à Terra Santa, exercia o comando o Comendador da cidade de Jerusalém. Em Antioquia Tripole, bem como nas nove províncias européias, estavam os Procuradores, que

tinham abaixo de si a mesma escala piramidal. Para ocupar-se das roupas, alojamentos e alimentação dos Templários, exercia o cargo o Chefe da Logística. Também existiam os Capelães, geralmente padres da Ordem, eleitos pelo Mestre, os Serventes Domésticos e Artesãos, muitos deles contratados pela Ordem. Haviam os Confrades e Filiados, que faziam parte de um círculo externo formado por todos aqueles que queriam estar ligados à Ordem, mas que não podiam fazer os votos necessários. Por fim, existiam as Templárias."

As explicações de Manolo sobre o regime da Ordem não deixavam dúvidas do porquê dela ter sido tão importante, visto que funcionava nos moldes de uma empresa moderna do século XX, onde os fundamentos hierárquicos e a determinação das funções classificam a estrutura.

Ponferrada possui também, além do belo castelo, inúmeras outras atrações como o Convento dos Franciscanos, datado do século XVI, o Arco del Reloj ou, ainda, seus estudantes que transitam alegremente pelas ruas da cidade, mostrando o fulgor de sua juventude.

Naquele dia, direcionei-me para Villafranca del Bierzo, a pequena Compostela. No caminho, passei em Las Bodegas de La Cooperativa de El Bierzo, que em seu exterior traz uma placa com os dizeres:

> *"Peregrino: Este es el Camiño de Santiago y ésta la Cooperativa más antígua del Bierzo. Trae tu pan y llévate nuestro viño, que 'Con Pan y Viño se anda el camiño'. "*

Rumo a Villafranca, passei por Columbrianos, Fuentes Nuevas, Camponaraya e Cacabelos, um lugar citado por Aymeric no Código Calixtinus. Ali, atravessei sobre o rio Cúa, onde existe o Santuário de la Virgem de las Angustias, que exibe sua bela fachada barroca, onde existe uma imagem do Menino jogando cartas com San Antonio de Padua.

Por entre os caminhos, belos e escarpados, rumei ao encontro do mago Jesus Jato, sem saber se o encontraria ou não em Villafranca del Bierzo.

Já no albergue da família de Jesus Jato, encontrei a primeira brasileira ao longo do caminho. Maria Perpétua Socorro, natural de Ouro Branco, Minas Gerais. Foi um encontro familiar, ambos estavam carentes de ouvir o seu idioma e sentir o calor da gente brasileira.

Maria me contou que depois de fazer o caminho e voltar para o Brasil, sentiu-se atraída a retornar àquele lugar, mas precisamente ao albergue de Jesus Jato e sua família.

Aquela morena de meia idade e mística, estudiosa da numerologia e dos astros, falou da importância de eu ter deixado meu cristal na Cruz de Hierro, e sobre meu compromisso ao longo do caminho, de repartir os conhecimentos com aqueles que encontrasse e que o caminho serviria para eu reforçar e aprimorar o meu corpo físico.

A brasileira também me falou sobre os portais místicos que estariam abertos de 24 de dezembro de 1999 a 3 de janeiro de 2000 em todo o mundo, e que aquela seria uma época em que, com os pensamentos voltados para o grande Mestre Universal, poderíamos obter o atendimento aos nossos clamores.

Devido a grande quantidade de neve existente no Cebreiro, o albergue de Jesus Jato tinha, naquele dia, mais de vinte peregrinos.

A princípio, apesar do carinho com que Maria me recebeu e o prazer que tive em encontrar uma brasileira naquele lugar, me senti temporariamente frustrado, pois, no albergue, não encontrei Jesus Jato; apenas suas filhas e esposa.

À noite, depois de comermos um delicioso menu de peregrino preparado com amor por aquela família que tem tradição de abrigar e acolher os peregrinos há mais de quinhentos anos, era chegada a grande hora: conhecer Jesus Jato. No entanto, devido ao grande número de peregrinos, não tive oportunidade de trocar com ele mais do que os cumprimentos de praxe.

Na manhã seguinte, alguns peregrinos quebraram as normas do albergue, acordando às seis horas da manhã, fazendo grande barulho, perturbando os outros peregrinos e, principalmente, a Jesus Jato e sua família. Aquele místico homem só abriu as portas do albergue às sete e meia, hora estipulada no regulamento exposto nas paredes do mesmo.

Nos alto-falantes internos do albergue, um canto gregoriano dava o bom dia aos peregrinos, apesar de que Jesus Jato estava com cara de ‘poucos amigos’; e não era para menos, pois havia sido desrespeitado dentro de sua própria casa pelos ‘maus’ peregrinos, que quebraram as normas do albergue.

Eu, Edouard e Jean Pierre levantamos um pouco mais tarde, depois da confusão já ter sido sanada. Ao avistar o meu cajado, entalhado pelo amigo Vítor Emanuel, e o de Jean Pierre, torneado, nos disse: “Que belos *palos* (cajados), acrescentando “pena que tenham suas pontas feitas em metal, que fere o caminho. Isso é um absurdo, é uma

agressão. Não há necessidade das pontas serem de metal. O bom é que o cajado se desgaste com o caminho."

O francês Jean Pierre ficou muito furioso com a colocação de Jesus Jato, e não tomou sequer o café da manhã; saindo porta afora esbravejando, classificando o comentário como uma intromissão. Quanto a mim, peguei meu cajado, estendi-o em direção a Jesus Jato, e disse-lhe: "Fui chamado pelo caminho, não vim aqui, e não viria aqui, para agredir a sua terra. Por favor, corte a ponta do meu cajado," ao que Jesus Jato respondeu: "Eu não! Você é quem deve cortar." De imediato retruquei: "Eu não fiz o cajado e nem tenho a intenção de agredir a terra; por esta razão, não cortarei sua ponta, mas aceitarei que você a corte sem que eu guarde nenhum ressentimento pelo ato."

Apesar do clima temporário de aparente discórdia; com a saída de Jean Pierre e minha colocação para Jesus Jato, tudo se acomodou.

Edouard assistia ao episódio sentado em um banco tomando seu café matinal, como se nada estivesse acontecendo, apesar de observar atentamente a cada movimento.

Após aquele episódio, comecei a conversar com Jesus Jato sobre o chamado do caminho, sobre minha preocupação com os destinos do homem, e sobre o meu encantamento com o povo e com a terra de Espanha. Peguei seu livro e mostrei o acróstico que havia escrito sobre o Caminho de Santiago; o mesmo que deixei com María Tobias. Jesus Jato gostou. A seguir, escrevi no livro para ele: "Jesus, que a luz do Grande Mestre esteja presente em tua vida e na de tua família. Como é bom saber que no mundo existem pessoas como vocês que se dedicam a servir ao seu semelhante, a praticar a Fraternidade."

Também deixei, naquele mesmo livro, uma mensagem para Maria: "Maria brasileira, tua luz é teu guia, teu guia é teu destino; e este és tu quem traças."

Depois daquela confraternização, Maria disse para Jesus Jato que eu gostaria de participar de um ritual de queimada; e ele então, sentado à mesa, junto comigo e Edouard, pediu a Maria que trouxesse o caldeirão, o álcool, o café, o açúcar, o limão e os copos, onde deveriam ser servidos o fruto da queimada. Depois de todos os ingredientes postos à mesa, Jesus Jato levantou-se e fez a queimada e o *conxuro* .

O conxuro

Mouchos, coruxas, sapos e bruxas. Demos, trasnos e diaños, espritos das nevoadas veigas.

Corvos, píntigas e meigas, feitizos das menciñeiras. Podres cañotas furadas, fogar dos vermes e alimañas. Lume das Santas Compañas, mal de ollo, negros meigallos, cheiro dos mortos, tronos e raios. Oubeo do can, pregón da morte; fuciño do sátiro e pe do coello. Pecadora lingua da mala muller casada cun homem vello.

Averno de Satán e Belcebú, lume dos cadavres ardentes, corpos mutilados dos indecentes, peidos dos infernales cús, muxido da mar embravescida.

Barriga inútil da muller solteira, falar dos gatos que andan a xaneira, guedella porca da cabra mal parida.

Con este fol levantarei as chamas deste lume que asemella ao do Inferno, e fuxirán as bruxas a cabalo das suas escobas, indose bañar na praia das areas gordas. ¡Oíde, oíde!, os ruxidos que dan as que no poden deixar de queimarse no agoardente quedando aí purificadas. E cando este brebaxe baixe polas nosas gorxas, quedaremos libres dos males da nosa ialma e de todo embruxamento.

Forzas do ar, terra, mar e lume, a vós fago esta chamada: si é verdade que tendes máis poder que a humana xente, eiqui e agora, facede cos espritos dos amigos que están fora, participen con nós desta queimada.

Feita a evocação, Jesus Jato convocou-nos a repetir com ele: "Maus peregrinos: uuuuuuuuuuuu...! Coisas ruins da vida: uuuuuuuuuuuuu...! Doenças e males: uuuuuuuuuuuuu...!," e outras mais...

Após a queimada, Jesus Jato nos serviu a bebida do caldeirão, e a partir daquele instante, se existia uma porta aberta no caminho, ela transformou-se numa enorme porteira, e desde então, não encontramos pelo caminho mais nenhum mau peregrino.

Agradeci a Jesus Jato por ter nos presenteado com aquela queimada. Tornamos-nos amigos, ou melhor, irmãos de uma mesma caminhada em busca da Luz. E o velho místico, para muitos um bruxo, saiu conosco pelas ruas da cidade. A princípio nos levou à Igreja de Santiago, atrás do albergue, onde, a exemplo de Santiago, existe uma Porta do Perdão, que segundo contou Maria que nos acompanhava, foi uma concessão que o Papa Calixto III oferecia aos peregrinos enfermos impedidos de irem a Santiago; e que, ao passarem pela porta, recebiam

as mesmas indulgências e favores daqueles que chegam à capital compostelana.

Depois Jesus nos mostrou ainda o castelo edificado pelo Marquês de Villafranca, a Igreja de San Francisco, a colegiada de Santa María, o San Nicolás el Real, o hospital del Comercio, e fez uma parada conosco na porta da casa de Tomás de Torquemada, todo poderoso inquisitor geral e confessor da Rainha Izabel de Castela.

Ali, na porta do grande inquisitor, Jesus Jato falou sobre as atrocidades cometidas por ele no século XV, período em que queimara vivas, entre 1483 e 1498, cerca de 2.000 pessoas, principalmente judeus, com a aquiescência dos reis católicos de Espanha.

O dominicano Tomás de Torquemada, desde que foi nomeado inquisitor geral dos reinos hispânicos, lançara-se em uma cruzada contundente na captura dos cristãos novos, judeus que mesmo tendo se convertido eram acusados de praticar sua religião. O mais intrigante é que Torquemada era neto de uma judia, e que por sua causa milhares de judeus foram convertidos ao cristianismo, e mesmo assim, condenados a penas diversas pela prática de judaísmo, enquanto outros milhares fugiram da Espanha com medo da inquisição ou converteram-se ao cristianismo para continuarem no País, lembrou Jesus Jato com a tristeza estampada em seu rosto, na porta da casa do perverso inquisitor.

Jesus Jato, na oportunidade, recitou um poema que escreveu com relação a Torquemada, o qual transcrevo da forma que entendi:

"Senhor de Torquemada,
senhor não era nada.
A quem queria, queimava,
a quem ele quis, se queimou.
Se alguém com suas mãos
a gente podia curar,
como bruxo acusado, ele queimava.
Quando alguém riquezas empilhava,
e ele as queria tomar
de esotérico acusava.
Na fogueira ia queimar.
E ficava com suas riquezas.
Queimou mais que Comportilla[9]
Mas ele queimava os corpos
e não a alma e nem o amor.

Enquanto eu copiava o poema, Jesus Jato me dizia, “não te prerocupes que eu te mandarei ele”; porém, escrevi até o fim, e ao terminar, para minha grata satisfação, aquele amigo tomou-me a caneta da mão e fez questão de assinar o poema no bloco em que eu o escrevi. Logo após, beijei-lhe a face como sinal de minha gratidão.

Deixar Villafranca del Bierzo e o amigo e irmão Jesus Jato para trás não foi nada fácil, pois ali deixara um pedaço meu e carregava um pedaço deles. Na medida em que ia subindo, via Villafranca sumindo aos meus olhos.

Edouard havia partido cerca de trinta minutos antes de mim, eu era o último peregrino a partir naquele dia.

Entre as montanhas, via Edouard de longe, acompanhado por um cão. Ao chegar no topo daquelas montanhas, a caminho de Pradela, meu companheiro parou, e poucos minutos depois, eu chegava onde ele estava. Porém, o cão já não estava a seu lado; Foi quando perguntei-lhe: “– Onde está o cão que o acompanhava?” E ele respondeu: “– Sumiu!,” acrescentando: “– Tive a impressão de que o cão havia sido enviado por Jesus Jato para me seguir,” e eu comentei: “– Gozado, ao avistar-lhe de longe acompanhado pelo cão, tive a mesma impressão.”

Edouard disse que, como eu, havia sentido algo muito forte no ritual e na pessoa de Jesus Jato, sem sabermos que a fagulha de luz que tínhamos até antes de Villafranca haveria de se transformar num grande farol, tão brilhante quanto o sol ao longo do resto de nossos caminhos.

No alto de Trabadelo, nos perdemos antes de chegarmos a La Portela. Ali, entre os bosques de castanhas, a neve cobria o chão e escondia as setas amarelas que indicam o caminho para o peregrino. Viramos para onde apontava o nariz e descemos morro abaixo, até que deparamos com uma grande ribanceira. Andávamos em suas margens em busca de um lugar seguro para descer, pois de cima avistávamos a estrada onde deveríamos chegar.

Interiormente, clamava: “– Ó Deus, permita-me voar nas asas do vento mais alto que as montanhas, beber nas fontes da vida, diluir-me no fogo sagrado, e tornar-me éter para abrigar-me em Teu colo.”

Logo após aquele clamor interno, no outro extremo vimos um pastor de ovelhas que acenava para nós para que caminhássemos em sua direção, o que fizemos, conseguindo então descer até a estrada.

Joseph, o pastor de ovelhas, também desceu do morro em frente em que se encontrava. Agradecemos a ele a indicação do caminho. Ele disse a Edouard que já havia vivido na Suíça, e que hoje pastoreava naquele lugar, pois ali encontrava a tranqüilidade necessária para viver em paz e em harmonia com o Senhor.

Disse a Joseph que nós não precisamos saber quem somos, mas precisamos consolidar no dia-a-dia o ser Divino que em nós existe. Ele me respondeu: "– Que bonito isso que tu disseste," e eu, então, disse: "– Eu não escrevo pensando, sinto escrevendo, ou seja, as palavras fluem ao sabor do vento, e a mente sensível as absorvem transformando-as em realidade."

Joseph era uma demonstração da luz de Jesus Jato que surgira para nos indicar o caminho quando nos víamos naquele labirinto de montanhas em busca de uma direção segura para continuarmos a jornada em direção a Ambasmestas, Vega de Valcarce, e, por fim, Ruitelán, local indicado por Jesus Jato para nos abrigarmos naquela noite em que nos prepararíamos para chegar ao Cebreiro.

Ao chegarmos em Ruitelán, fomos recebidos por Luiz, um agradável hospitaleiro que foi para a cozinha nos preparar um delicioso jantar ao som de cantos gregorianos. Ali, encontramos Sebastian e Ana, José Antonio Tomás, Rosário e Juan Barreto, este último, ciclista e engenheiro naval, que tem família na Espanha, mas vive no Brasil, onde desempenha sua profissão em Recife.

Aquela foi uma noite mágica, como mágico era todo o caminho. O carinho de Luiz, sua atenção e as estórias que contava sobre Jesus Jato nos encantava. Luiz deu a cada um de nós um trevo de quatro folhas como um *regalo* especial de sua hospedagem.

Aquele hospedeiro nos falou sobre a subida para o Cebreiro lembrando-nos de que logo no pé da serra existe uma placa com os sequintes dizeres:

"Camiño muy duro solo para buenos caminhantes..."

Na manhã seguinte, Juan Barreto caminhou em sua bicicleta, durante uns vinte minutos, comigo, e logo depois tomou a via própria para ciclistas, enquanto eu iniciei a subida da Laguna de Castilla, o último povoado pertencente à região de León. A partir daquele instante, entrava no território de Lugo.

O branco resplandecia em tudo ao redor, as montanhas estavam tomadas pela neve, a visão era fantástica, mas ao mesmo tempo amedrontava, pois, em alguns trechos, as setas amarelas e os marcos desapareciam embaixo da neve, mas com tanto tempo andando, o tino

do peregrino estava aguçado. E mesmo nas horas em que o 'Norte' das setas sumia, o instinto guiava na direção certa. A visão para o Cebreiro era magnífica.

De repente, como se rompesse do chão, na localidade chamada Os Santos, surge um marco anunciando faltar 152,5Km para Santiago. Parei ali, e, naquele momento, as lágrimas verteram em meus olhos como fruto do sentimento de que o Caminho de Santiago estava próximo do seu fim. Durante algum tempo fiquei a meditar sobre o trecho que havia percorrido, meus encontros, as belezas dos lugares por onde passei, os monumentos milenares que tive a oportunidade de ver, enfim, sentia fortemente o porquê havia sido chamado pelo caminho.

Naquela hora, mergulhei na realidade em que vivia fora daquele lugar. Foi quando questionei sobre o que diria o Filho de Deus se retornasse à terra e 'assistisse a mães vendendo suas filhas' – a pais que prostituem as próprias filhas, e que conduzem filhos ao uso e ao tráfico de drogas, e a outros tipos de criminalidades –, as desigualdades sociais que conduzem muitos a inúmeros outros tipos de crimes e a cometerem atos lesivos às leis deixadas por Ele há 2 mil anos. Questionei, também, se Sodoma e Gomorra acabaram, se adiantou o fim de ambas ou se aquelas cidades ainda vivem nos dias de hoje impregnadas em várias sociedades de todo o Planeta; sobre a questão da fome, da miséria, das doenças e das guerras, impostas pelo poder maligno do capital e pela exploração do homem pelo homem. Ainda bem que estava ali, no Caminho de Santiago, longe de tudo aquilo, mas, ao mesmo tempo, sabendo que dali há pouco estaria de volta a uma realidade que amargura o ser que caminha em busca da Luz. No entanto, levava a certeza de que a vida é uma luz que só se apaga para quem não crê nAquele que tudo criou.

Antes de ver aquele marco, passaria ainda pela Lagoa Amoeda Ponteferreira, que estava totalmente congelada, numa composição harmônica e, ao mesmo tempo, quase surreal.

Depois daquela meditação, continuei a jornada olhando na neve as pegadas que deixava para trás. Mentalizava que com elas ficavam as dores e os sofrimentos do passado, e quando olhava para frente, vislumbrava o novo caminho que surgiria da renovação interior aflorada pela sensibilidade do peregrino, pela magia do caminho, e pela vontade de crescer e de descobrir por que vim, para quê vim, e para onde vou.

Pouco mais à frente, encontrei um outro marco com os brasões da Galícia. Notei, naquele instante, que pisava na terra onde toda a magia havia surgido há quase 1.200 anos. A emoção aflorou mais forte!

De repente, uma grande muralha de pedra, cercada de árvores de ambos os lados, indicava que estava chegando próximo a algum lugar, e na verdade estava, pois logo à frente surgiu um cruzeiro, e pouco depois um marco de mármore preto com uma placa tendo esculpida a Montanha do Cebreiro e a história do lugar.

As árvores, as casas de pedra, a praça, os cruzeiros e o Santuário do Cebreiro, cobertos de neve, davam um ar de mistério e esoterismo àquele belo lugar.

No Santuário, o Santo Graal é um símbolo da magia que faz vibrar mais forte o coração do peregrino.

O Cebreiro é o portal da Galícia. Dali para frente, o peregrino experimenta uma nova viagem. A natureza é mais expansiva, as árvores mais presentes; sem contar toda a lenda e mistério que envolve aquela parte do caminho.

No Cebreiro encontra-se um dos primeiros lugares na rota medieval que abrigou os peregrinos. Foi ali que, no século XI, Afonso VI melhorou o abrigo para que os monges franceses de Aurillac, da Ordem de Cluny, pudessem melhor acolher os 'Viajantes da Via Láctea'.

A magia daquele lugar guarda, a exemplo de Santo Domingo de la Calzada, ecos que, através dos tempos, na história do Caminho de Santiago, perduram, impregnando a atmosfera de um misticismo todo especial. Dizem que lá, no século XII, um sacerdote não muito empenhado em seu ofício, ao celebrar uma missa numa noite de tempestades, viu a hóstia sagrada se transformar em carne e o vinho em sangue. Foi quando surgiu o 'Cálice do Milagre' ou 'O Santo Graal', que, até hoje, é exposto na igreja daquele lugar.

No século XV, Isabel, 'A Católica', após o retorno de sua peregrinação, no ano de 1488, resolveu transportar o Santo Graal para um povoado mais seguro, a fim de resguardar a relíquia e sua história. Aconteceu, porém, que os cavalos que conduziam os cavaleiros e o Santo Graal não passaram de Pereje, o que foi na época interpretado como um sinal da divindade para evitar que a peça sagrada deixasse a terra onde o milagre teria acontecido.

Ouvi tais informações sobre o Cebreiro e sua história de Manolo, que encontrei dentro da igreja a contemplar, como eu, o Santo Graal.

Ao deixar Cebreiro, caminhando às margens da estrada, coberta de neve, a exemplo de todos os montes ao redor, ouvia ecoar em meus ouvidos as histórias do Caminho, e aquilo me fazia viver um pouco mais a magia que envolvia o caminho traçado sob o teto da Via Láctea.

Meu destino naquele dia era chegar a Triacastela.

Durante algum tempo, percorri às margens de uma estreita rodovia, no Alto do Poio, intercalando meus passos por estreitas trilhas cobertas de neve, onde meus pés afundavam de 30 a 40 centímetros dentro daquela magnífica obra alva da natureza.

Passei por Hospital, um lugar fundado no século IX pela Condessa Egilo, que guarda, assim como Cebreiro, um casario de pedras da época medieval. Caminhando por trilhos sinuosos, deixaria aquele alto coberto de neve e passaria, a partir daquele momento, a viajar entre a magnitude do verde, com seus tons variados, e belas árvores que, cobertas pela névoa, proporcionavam um clima de magia ainda maior aos passos do peregrino.

Assim passei por Fonfría, onde, no meio do caminho, avistei um pequeno santuário com relíquias esculpidas em madeira, bem como por uma fonte que jorrava água de dentro de uma grande concha que refletia no lago que se formava pelas águas que dali saíam.

Antes de chegar a Viduedo, passaria por uma situação surpreendente. Ao longo, no meio daqueles caminhos de pedra, envoltos por toda aquela magia, avistei a uns 200 metros um homem que subia em uma curva num muro de pedra. Fixei meus olhos onde estava aquele homem, e, ao fazer a curva, não o vi mais. Em compensação, naquele mesmo lugar, se encontrava um cão, tipo lobo, todo amarelo. Apesar do receio, não resisti e o fotografei, haja vista sua imponência e estética que compunha um cenário todo especial com aquela paisagem.

A chuva caía desde as primeiras horas daquele dia, e a roupa térmica e o anoraque já não estavam comportando mais o volume de água que caía incessantemente. Cerca de 30 minutos a minha frente iam Edouard Müller e León. Edouard, com sua capa própria para chuva, estava bem abrigado. E León, com a experiência de quem já fizera o caminho outras vezes, com um guarda-chuva, bem protegido.

Ambos pararam em um celeiro em busca de abrigo, e quando eu passava por aquele lugar, me chamaram para que aguardássemos um pouco a chuva passar, visto que naquela hora caía mais forte. Entusiasmados com o abrigo e sonhando com algo quentinho, um de nós olhou para as galinhas que ciscavam ao redor e comentou: “– Essas

bichinhas dão uma canja tão quentinha...” Foi aí que apareceu Manoel Capon, proprietário do lugar, naquela comunidade de Montain, acompanhado de seu cão pastor. Esfriando a idéia coletiva do sonho da canja.

Manoel se mostrou muito hospitaleiro. A simplicidade do lugar não omitia o calor humano e o sentido de fraternidade ali existentes. E a proximidade das comemorações natalinas deixaram isso claro quando nosso anfitrião foi ao interior de sua casa e nos trouxe um prato com figos e uvas passas, o que foi muito bem recebido por nós três. Conversamos sobre amenidades, e eu falei sobre o Brasil, principalmente sobre Minas Gerais, que muito se assemelha com a Galícia.

Contei a Manoel que residia em uma chácara onde cultivo dezenas de frutas diferentes, o que deixou aquele produtor rural espanhol maravilhado, a ponto de chamar um vizinho, de nome Antonio, que passava em sua porta, pedindo-me que lhe repetisse sobre a diversidade de frutas tropicais existentes no Brasil.

Depois daquela maravilhosa recepção, prosseguimos nossa viagem, pois a chuva já havia amenizado, e nós nos aquecido com a receptividade carinhosa e acolhedora de Manoel, Antonio, e, por que não dizer, de seu cão pastor.

Edouard ficara impressionado com o relacionamento de Manoel e o cão pastor, pois ora Manoel o acariciava, ora dava-lhe tapa no focinho para que se aquietasse.

Bosques intermináveis, com grande quantidade de folhagem atirada ao chão, tornavam o terreno macio para nossa caminhada. Ao aproximar-nos de Triacastela, lugar citado como uma das etapas do Código Calixtinus, os verdes campos adornados por um belo rebanho bovino indicavam as proximidades de um lugar acolhedor. Lá, fomos recebidos no albergue por Jesus Rios, um espanhol de robusta estatura, que maior do que ela, só mesmo sua forma amável e acolhedora de hospitaleiro.

Às margens de um pequeno regato, depois de um longo dia de muita chuva, neve e lama de neve, eu, Edouard e León encontraríamos água quente, máquina de lavar, banheiros e dormitórios masculino e feminino, num albergue todo contornado em vidro, que nos colocava diretamente em contato com a paisagem, e que mostrava o acolhimento e respeito desprendido do governo da Galícia aos peregrinos. Lá, também, chegaram mais tarde Sebastian, Ana, Tony e Rosário.

Triacastela foi fundada no século X, explicou Jesus Rios, lembrando que ali ainda existiam os restos de um primitivo edifício mozárabe.

Pela manhã, Sebastian, Ana, Tony, Rosário e León zarparam cedo, logo depois, partiu Edouard, e eu fiquei para trás. Não havia pressa, tendo em vista que minha previsão para aquele dia era andar pouco mais de 18 quilômetros, o que me deu oportunidade de desfrutar das belezas naturais da Galícia.

A chuva caía fina, e depois de passar por San Xil, Alto de Riocabo, e Calvor, chegava, ao final da tarde, em Sarria, a última grande cidade antes de chegar a Santiago.

Logo na entrada da cidade, da porta da bodega A Pedra, Ana me chamou e também a Edouard, que nos encontramos pouco antes da entrada da cidade. Ali, nos reunimos com o mesmo grupo que dormira em Triacastela, e que já havia almoçado. Eu e Edouard sentamos e pedimos o menu da casa, ao que nos responderam que já havia acabado. Notei que, à beira da lareira, Pedro, sua esposa Filó, a filha María José e a ajudante Filomena haviam acabado de comer, e que em uma grelha ainda existiam alguns pedaços de carne, o que prontamente perguntei se era para a venda, e Pedro, então, nos ofereceu aquela carne que veio acompanhada de pão e uma garrafa de vinho.

Após nos alimentarmos, observei que em um pratinho existiam alguns doces, e perguntei se não estavam à venda, e o gentil Pedro disse que não, mas que teria grande prazer em nos brindar com eles. Os doces mereceram um comentário de Edouard: "– Nem em Paris, nas boas bomboniéres, comi doces tão finos e gostosos." Não era para menos o comentário de Edouard, pois após dizer que era brasileiro, Pedro falou de um sobrinho que tem uma grande casa noturna em Ipanema, no Rio de Janeiro, e também que havia sido chefe de cozinha de um importante hotel de cinco estrelas na Europa, e que havia sido ele quem preparara os finos doces ofertados aos peregrinos que, naquele momento, se sentiram os próprios 'Reis da Espanha' com a qualidade das iguarias que desfrutaram.

A caminho do albergue em Sarria, perdi meu anoraque e pensei comigo mesmo: "– Alguém pelo caminho deve estar precisando de um." E quando cheguei no albergue e comentei a respeito, me disseram: "– Você não está aborrecido de tê-lo perdido?" Ao que respondi: "– Se assim o fizesse, perderia duas vezes, uma a minha veste, e a outra a minha tranqüilidade e bem-estar."

À noite, após assistirmos à missa na igreja local, saímos juntos, os mesmos que dormiram em Triacastela, em busca de um lugar para

comermos e bebermos vinho. Foi uma comédia, andamos a cidade inteira, de um lado para o outro como bolas de *ping pong*, pois aqueles a quem pedíamos informações diziam: "– Em tal lugar tem um bar aberto," chegando lá, aquele estava fechado, e recebíamos de novo a mesma informação: "– Em tal lugar tem um bar aberto." E assim rodamos iguais a peru tonto, até que encontramos a 200 metros do albergue o bar que tanto procurávamos, em frente à delegacia de polícia. Ali comemos e tomamos vinho até esquecermos a peregrinação que fizemos pela cidade.

Voltamos para o albergue e levamos uma garrafa de vinho e alimento para o Manoel Álvares, um pescador que se encontrava hospedado já há alguns dias naquele albergue ajudando na manutenção do mesmo.

Constatara mais uma vez que o caminho não é mágico apenas pela sua história e pelas lendas que se ouve ao longo dele, mas, principalmente, pelos seus habitantes e hospitaleiros que assim o transformam.

Meu amigo Edouard vivia um conflito interno e recomendei-lhe que telefonasse para sua filha e dissesse o quanto a amava e o quanto ela era importante em sua vida, porque aquilo era o melhor presente que ela poderia receber naquele instante em que Edouard estava ausente de seu lar.

Ao deixarmos o albergue, encontramos ruínas medievais do castelo dos condes de Sarria, bem como a Igreja del Salvador, cuja base românica data de 1094. Pouco mais à frente, deparamos com uma grande feira com produtos da região, onde aproveitamos para comprar alguns comestíveis. Ali, comprei um quilo de bacalhau, pois havíamos combinado que faríamos, no primeiro albergue que tivesse uma cozinha, um jantar de confraternização entre os peregrinos que se mantinham unidos desde o albergue de Jesus Jato.

Rumamos para Portomarín, passando por bosques, pontes medievais e campos cujas pastagens verdejantes davam um contorno todo especial àquela atmosfera.

Ao passar por Barbadelo, lugar de origem medieval citado por Aymeric Picaud, nos encantamos com os casarios de pedra, com a Igreja de San Tiago de Barbadelo, e com o monastério de Samos, em cujo pórtico se destaca uma figura humana com os braços em cruz.

Entre Brea e Ferreiros, depois de atravessarmos regatos, caminhos e muros de pedra, chegamos ao marco que indicava faltar apenas 100 quilômetros para Santiago de Compostela. Logo à frente, avistamos

ruínas de pedras do casario de Morgade, onde existe uma pequena ermida em que os peregrinos deixam suas mensagens.

Passamos por Ferreiros, onde a igreja local é adornada com um belo pórtico romano. Naquela comunidade, eu, Edouard e León paramos para secar as roupas, fazer um breve descanso e um lanche regado ao bom vinho espanhol.

Em Vilachá, a poucos quilômetros de Portomarín, passamos pelo monastério de Loio, e também pelos restos de uma ermida construída por Cavaleiros de Santiago, no ano de 1170, com o intuito de proteger os peregrinos de salteadores.

Depois de longo trecho por dentro de bosques, avistei a ponte de Portomarín, e, em sua direção, uma longa escadaria – da Capela das Neves –, que levava a um pórtico em estilo medieval que dá acesso à cidade.

Portomarín é dividida em dois bairros: San Nicolás e San Pedro; e tem uma história marcante, pois ali a Igreja-Fortaleza de San Nicolás, erguida no século XII, pelos Cavaleiros da Ordem de San Juan, de Jerusalém, ficou submersa durante muitos anos, até que, em 1960, o povo daquela cidade retirou do fundo do rio Miño pedra por pedra daquele templo, reconstruindo o mesmo no centro da cidade com a fachada românica, num trabalho incansável do povo e da fé daquela gente, segundo me contou Ramon, enquanto tomávamos um vinho à mesa de um bar próximo a igreja.

Ainda se vê parte da cidade submersa, quando as águas do Miño estão claras e o sol a pique.

Em Portomarín, mantive contato com Eloy Rodríguez Lopes, alcade daquele lugar, que falou de seu respeito e admiração pelos peregrinos do Caminho de Santiago, bem como sua preocupação em recebê-los bem em sua cidade.

Contei a Eloy que estava fascinado em percorrer o Caminho de Santiago no inverno, e que esta época é de suma importância para aqueles que buscam a introspecção, pois apesar de muitos dos albergues se encontrarem fechados e de muitas cidades estarem desertas, sempre encontramos pelo caminho pessoas nativas dispostas a falar sobre a história de seu lugar e a importância do caminho para eles.

Manifestei meu desejo de dar apoio, informação e sustentação àqueles que pretenderem percorrê-lo durante o inverno, haja vista que, para isso, havia batido mais de 30 rolos de filme, a fim de armazenar

um histórico fotografico-documental capaz de auxiliar a travessia daqueles que pretenderem percorrer o caminho nessa ocasião.

Depois de meu encontro com Eloy, parti em direção a Palas de Rei, antes, porém, passaria em Gonzar, com seus casarios de pedra, Castromaior, Hospital de la Cruz, Ventas de Narón, local onde encontra-se o Cruzeiro de Lameiros, cuja base é uma referência ao calvário e à morte, que dizem, na região, assombra os habitantes e peregrinos.

Próximo ao cruzeiro, encontrei um senhor de aproximadamente 80 anos que, com uma voz suave e pausada, me cumprimentou e disse residir na região, mencionando, também, que já tivera feito o caminho por algumas vezes quando mais jovem.

"– Sabe, meu filho, esta época não é muito própria para percorrer o caminho das estrelas, pois o frio e a solidão tornam a peregrinação um tanto mais penosa. Por outro lado, provocam maior introspecção, fazendo com que o encontro consigo mesmo e o enfrentamento de seus fantasmas se tornem inevitáveis e tal acontecimento proporciona maior aprendizado e conquista ao longo e ao término da peregrinação.

Depois da longa caminhada, com a proximidade com Santiago, o Cruzeiro de Lameiros é um ponto importante, pois nele muitos peregrinos enfrentaram a sensação do calvário.

A morte, que acompanha o homem desde o instante do seu nascimento, é o final de sua caminhada enquanto corpo físico. Mas, também, seu renascimento como espírito eterno e imortal.

Apesar de muitos saberem ser a morte o renascimento do espírito, ainda se assustam, temem e até se desesperam ao pensar sobre ela, pois para que isso não ocorra, é preciso que a consciência esteja tranqüila, que haja pureza no coração, e que se tenha cumprido as determinações dAquele que nos criou, e que disse a Moisés no Monte Sinai, 'eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam, mas faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos' que são:

"Não terás outros deuses diante de mim;

Não farás para ti imagens de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; pois eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam, mas faço

misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos;

Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, pois o Senhor não terá por inocente o que tomar seu nome em vão;

Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus. Não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu escravo, nem a tua escrava, nem o teu animal, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas. Pois em seis dias fez o Senhor o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há, mas ao sétimo dia descansou. Por isso abençoou o Senhor o dia de sábado, e o santificou.

Honra a teu pai e a tua mãe, para que prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá;

Não matarás;

Não adulterarás;

Não furtarás;

Não dirás falso testemunho contra teu próximo;

Não cobiçarás a casa de teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu escravo, nem a sua escrava, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma de teu próximo.” 10

– Tais mandamentos foram cumpridos por Jesus Cristo, Filho de Deus, através de suas ações e dos ensinamentos por Ele ministrados e propagados por seus discípulos, como Tiago, que aqui veio, para as terras da Galícia, para difundir o Cristianismo.

Ao contar aquelas coisas, o velho tirou, de dentro de uma sacola que carregava em sua mão esquerda, uma Bíblia carcomida pelo tempo, e me convidou a sentar aos pés de uma árvore próxima ao cruzeiro. E após me contar sobre a pregação de Tiago, o apóstolo de Cristo que dá nome ao caminho e percorreu estas terras, passou a ler:

“Meus irmãos, tende por motivo de grande gozo o passardes por provações, sabendo que a prova da vossa fé desenvolve a perseverança.

Ora, a perserverança deve terminar a vossa obra, para que sejais maduros e completos, não tendo falta de coisa alguma.

Ora, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e não censura, e ser-lhe-á dada. Peça-a porém, com fé, não duvidando, porque aquele que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Não pense tal homem que receberá do senhor alguma coisa; homem vacilante que é, e inconstante em todos os seus caminhos.” 11

“Bem aventurado o homem que suporta provação, porque depois de ter passado na prova, receberá a coroa da vida, que o Senhor prometeu aos que o amam. Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus. Pois Deus não pode ser tentado pelo mal, e Ele a ninguém tenta. Mas cada um é tentado quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência. Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte.” 12

“Meus irmãos, que proveito há se alguém disse que tem fé, e não tiver obras? Pode esta fé salvá-lo? Se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser; Ide em paz; aquentai-vos e fartai-vos, mas não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito há nisso? Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesmo.” 13

“Assim como o corpo sem espírito está morto, assim também a fé sem as obras é morta.” 14

“Quem entre vós é sábio e entendido? Mostre pelo seu bom procedimento as suas obras em mansidão de sabedoria. Mas, se tendes em vosso coração amarga inveja, e sentimento faccioso, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade. Essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrena, animal e diabólica. Pois onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda obra má. Mas a sabedoria que vem do alto é, primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia. Ora, o fruto da justiça semeia-se em paz para os que provem a paz.” 15

“De onde vêm as guerras e contendas entre vós? Não vêm disso, dos prazeres que nos vossos membros guerreiam? Cobiçais, mas nada tens. Matais e invejais, mas não podeis obter o que desejais. Combateis e guerreais. Nada tendes porque não pedis. Pedis e não recebeis porque pedis mal, para guardardes em vossos prazeres. Adúlteros e adúlteras, não sabeis que a amizade do mundo é inimizade com Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus. Ou pensais que em vão diz a escritura que o espírito que Ele fez habitar em nós tem intenso ciúme? Portanto, diz a Escritura: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.” 16

“Está alguém entre vós aflito? Ore. Está alguém contente? Cante louvores.” 17

"...Orai uns pelos outros para serdes curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz." [18]

"Meus irmãos, se alguém dentre vós se desviar da verdade, e alguém o converter, sabei que aquele que fizer converter um pecador do erro do seu caminho salvará da morte uma alma, e cobrirá uma multidão de pecados." [19]

Enquanto aquele senhor lia calmamente os textos salteados sobre Tiago, eu os ingeria, pois parecia para mim, naquele instante, que aquele homem era um anjo enviado dos céus que me fazia relembrar o verdadeiro sentido do caminho. Sabia da importância daquele texto para a evolução do ser, bem como que o motivo que me levara ao caminho era a reativação e a consolidação dos princípios fundamentais que geram a evolução do homem e o aperfeiçoamento do seu espírito.

O velho homem, depois de ler aqueles trechos, estendeu suas mãos sobre minha cabeça desejando que "Deus me abençoasse ao longo dos caminhos da vida," lembrando-me de que sempre, ao final de um caminho, um novo se abre para a inserção de uma nova página no livro da história da vida, ressaltando: "– Acredita em todos os homens, mas, não entregues tua vida em tuas mãos, porque dela, a responsabilidade de condução é tua," no entanto, lembra-te de que "Deus é o regente e os Mestres da Luz seus músicos que executam a sinfonia que produz a melodia que dá a harmonia ao Universo."

Meu coração se encheu de alegria. Quem seria aquele homem?

Pouco depois de nossa conversa, o velho senhor apoiou-se em seu cajado, recolocou a velha Bíblia na sacola e se despediu, retirando-se para um lugar que desconheço. Antes, porém, quando ele já tinha andado cerca de uns 30 metros, chamei-o: "– Senhor, por favor." Ele parou, cheguei perto dele, beijei-lhe a mão e, a seguir, dei-lhe um forte abraço, beijando-lhe a face e agradecendo-lhe por tudo que ele havia me dito.

O velho seguiu para um lado e eu para o outro a remoer ou digerir as palavras por ele ditas e o encontro entre nós. Após ter andado alguns minutos, distanciando-me do velho senhor, foi que me dei conta de que não lhe disse meu nome e nem ele o seu. E, naquela hora, compreendi que por sermos filhos de um mesmo Criador, independente de nome, seremos sempre os '**filhos de Deus**'.

Continuei minha jornada passando por Lingonde, um lugar que conserva um cemitério de peregrinos junto onde existia um hospital da Ordem de Santiago. Ali, reencontrei meus companheiros Edouard e

León, que não resistiram e tocaram o sino daquele cemitério, convidando-me para fazer o mesmo. Edouard disse que sempre teve vontade de fazer aquilo.

Após aquele ato, cada qual saiu a seu tempo, distantes uns dos outros. Parecia até que cada um queria ouvir, a sós, o ecoar do bronze do sino que acabáramos de tocar, na esperança de que seu timbre transmitisse a verdade que buscávamos no 'Caminho das Estrelas'.

Seguindo a caminhada, pouco à frente, em Airexe, voltei a encontrar León e Edouard, e, também, Ana, Sebastian, Tony e Rosário. Naquele lugar, León, que já havia feito a rota por outras vezes, falou sobre a Igreja Românica de Villar de Donas, antigo templo e espécie de ponto de encontro dos Cavaleiros da Ordem de Santiago que atuavam na 'Rota da Luz' como os Cavaleiros Templários, que fica a pouco mais de três quilômetros fora do caminho, e convidou-nos a visitá-la. Eu, Edouard e Sebastian aceitamos o convite, e fomos com León para aquela igreja. Quando chegamos na localidade, a mesma encontrava-se fechada.

Mesmo que voltássemos dali, já teria valido a pena ver aquele templo contruído há séculos com uma arquitetura típica dos nobres artistas que embelezaram a Europa com sua sensibilidade, fazendo da obra material um prosseguimento da 'Arquitetura Celestial'.

Na casa em frente, eu e Edouard chamamos a moradora, e ela nos disse que Jesus Garcias, o responsável pelas chaves da igreja, morava a pouco mais de 500 metros do local. Edouard foi em sua residência e conseguiu que o zelador viesse abri-la para que pudéssemos conhecê-la.

Enquanto Edouard se dirigiu à casa de Jesus, nós três rodeávamos aquela bela arquitetura, fascinados com a arte nele empregue, sem imaginar que algo mais belo nos esperava em seu interior.

Ao chegar, Jesus abriu o templo e contou que aquele era um monastério pertencente à Ordem dos Cavaleiros de Santiago. Ali também existe o sarcófago do Conde de Ulloa, datado de 1531.

Jesus falou ainda sobre os lobos e os Cavaleiros de Santiago, informando que os corpos dos cavaleiros eram enterrados dentro do templo, e as lápides tinham suas escritas viradas para a terra, a fim de que não soubessem que ali estavam enterrados os Cavaleiros da Ordem, que defendiam e resguardavam os peregrinos do Caminho de Santiago dos salteadores.

O lugar é simplesmente fascinante. O sarcófago é apoiado por animais estilizados, com adornos que simbolizam a majestade daquele

que o ocupa; do mesmo modo, a tampa do sarcófago tem, esculpida em pedra, a imagem do Conde deitado com a cabeça sobre um travesseiro.

Ao longo das paredes, várias lápides são expostas identificando aqueles que foram enterrados no templo sob as mesmas; em uma delas, um cavaleiro e sua espada foram esculpidos dando uma idéia precisa do molde daqueles que defendiam os peregrinos. Um fato marcante com relação a esta escultura é que apesar da armadura do cavaleiro guerreiro, que porta uma longa espada entre suas mãos, erguida dos pés ao centro do peito, a mesma traz, no término de seu punho, uma flor incrustada, o que demonstra que o guerreiro usava com nobreza e elevação de espírito o ato de defender a vida dos peregrinos, às vezes com sua própria vida.

Aquela escultura transmitia uma mensagem de que a mesma espada que matava, se preciso fosse, estendia-se com uma flor em direção ao seu oponente em sinal de respeito às vidas que encontrasse pelo caminho.

Além de toda beleza escultural, destacam-se, nas paredes, pinturas de centenas de anos que adornam a cúpula central e boa parte do templo, numa demonstração da sensibilidade da mão guerreira.

Uma pia batismal com a marca dos Cavaleiros da Ordem também compõe a decoração interna daquele lugar, sem contar o altar esculpido em pedra contendo um monge adorando ao Senhor, e outros à Maria, Mãe de Jesus.

Naquele lugar, todos sentados em lugares e bancos separados voltaram-se para dentro de si buscando extrair das energias ocultas que vibram pelas paredes do templo a força necessária para vencer as empreitadas da vida. Só eu permaneci de pé. Agarrado ao meu cajado, no centro do templo, roguei ao Grande Senhor do Universo a força e a Luz para que pudesse, ao longo do caminho, dividi-la com aqueles que encontrasse durante minha peregrinação pela vida.

Com o passar do tempo e a distância que me separa daquele templo, compreendo o quão importante foi ter feito aquela evocação, pois a cada vez que relembro de tal fato, me sinto como os próprios Cavaleiros da Ordem, cuja ‘alegria dividiam com aqueles que encontravam pelo caminho, e a dor, suportavam a sós, na certeza de que esta era a missão que lhes foi reservada para adentrar nos Portais Sublimes, onde se encontram os nobres Cavaleiros Celestiais, em cujos degraus são deixadas as marcas das dores e sofrimentos que aparam as arestas da bruta matéria e proporcionam a evolução do ser.

A recordação da viagem me faz ver que os caminhos são como a primitiva roda quadrada, que no desenrolar dos anos vai aparando suas pontas até se tornar circular e, desta forma, ter um andar mais harmônico que proporciona chegar em algum lugar ou em um lugar determinado.

Deixamos aquele templo tomados de forte emoção, e por algum tempo, permanecemos calados no retorno ao caminho, onde havíamos deixado nossas mochilas. Era como se tivesse nascido um cavaleiro medieval dentro de cada um.

Eu ainda não sabia o que estava por vir, e na verdade, nem sei se deveria estar contando o que hora vou narrar, mas não me sentiria bem se deixasse de contar o que se passou após retornarmos àquele bar e pegarmos nossos pertences.

Depois que retornamos ao bar, fizemos um breve lanche e partimos. E uma força estranha me impulsionava de tal forma que com poucos minutos meus companheiros tinham ficado para trás. Andava por entre os bosques de eucalipto como se flutuasse no espaço. De repente, comecei a sentir a presença de dois cavaleiros, um de cada lado, percorrendo por entre o bosque em cavalos brancos, cujas selas eram forradas com um vermelho sangue e adornadas com uma cruz em forma de espada dourada.

Aqueles cavaleiros com roupas prateadas e detalhes vermelhos me acompanharam por um longo trecho dentro daquele bosque. Naquele instante, minha emoção aflorou de tal forma que alcancei um estado de êxtase próprio do ápice conseguido nas meditações profundas, e eu sorria, vibrava e agradecia incessantemente.

Ali, sentira uma sensação muito forte. Era como se tivesse voltado ao passado, nas peregrinações medievais, sendo escoltado por aqueles guardiões que protegiam e davam segurança aos peregrinos que se encaminhavam a Santiago de Compostela.

Revivera, durante aquele instante, contatos mantidos com Pablo, Jesus Jato, e outros, como o velho senhor do Calvário. Todos aqueles que de alguma forma me serviram de incentivo reforçando os princípios que, sem que percebesse, deveriam se consolidar para a garantia da estabilidade psiquica-mental-emocional necessária para o cumprimento da missão a qual a todos é reservada.

Escoltado pelos cavaleiros, fui presenteado com o retorno ao passado, pisando em solo presente, mas com os olhos fitados ao futuro, no afã de que o guerreiro e o que busca à Luz deveriam cavalgar juntos no branco cavalo da paz, empunhando a espada para combater o mal

em uma das mãos, mas tendo estendida em outra a flor das virtudes para que, no lugar do mal, florescesse um novo jardim e nascesse um novo ser.

Continuava por entre aqueles caminhos de terra adornados de folhas e cercados por árvores em direção a Palas de Rei. Chegando lá, meus companheiros de viagem me perguntaram por que andara tão depressa por entre aqueles bosques, de modo que contei-lhes sobre a experiência que havia passado.

Considerada como penúltima etapa do Código Calixtinus e classificada por Aymeric como *Palacium Regis*, Palas de Reis conserva pouco de seu passado, como a porta românica da Igreja de San Tirso.

Lá, já no albergue, descobri que quando procuramos doar para quem não quer receber naquela hora o que precisa saber, sujeitamo-nos a ser julgados como tolos e, o que é pior, julgados por tolos que não tem a capacidade de ver, sentir ou captar o que precisam receber para que possam crer e acreditar nas Forças Supremas que fazem vibrar as ondas elevadas do ser.

Tal observação se deu quando alguém fora do grupo escutara as histórias encantadoras narradas por cada qual daquele grupo pré-selecionado pela luz de Jesus Jato.

Mas também foi em Palas de Rei que o grupo ganhou, das Esferas Elevadas cintilantes na Via Láctea, um novo membro, como se fosse um anjo vindo para reforçar todos os aprendizados que tivemos até então. Victor Manuel Chacopino era a figura que faltava.

Victor, Edouard e eu ficamos sentados durante longo tempo no *hall* do albergue e, aquele novo membro começou a contar a Edouard sobre sessões de regressão que fizera. Enquanto eu, calado, ouvia.

A partir de sua segunda vida, anterior à atual, antes que Victor contasse o que via e onde estivera, passei a me ver dentro de sua história até sua vida no antigo Egito. Não sabia bem o que estava acontecendo, e muito menos que tínhamos tantas ligações, ou que havíamos marchado juntos em algumas ocasiões de vidas passadas.

Após Edouard ter se retirado, Victor me perguntou por que ria tanto enquanto ele contava sobre suas experiências. Respondi, então, que antes mesmo dele chegar a determinado ponto em sua narrativa, conseguia ver cada passo, como se conhecesse a história antes de ela ser contada.

Naquela hora, Victor exclamou: "– Então era tu que me acompanhaste durante todo o tempo sem que visse teu rosto!?" Foi aí

que choramos juntos e nos abraçamos fortemente, enquanto Victor dizia sucessivamente: " – Hermano, hermano, há quantos séculos..." Sim, parecia que fazia séculos que já não nos encontrávamos.

Ele me disse que atualmente era chefe de polícia em uma cidade balneária da Espanha, e eu disse que era um jornalista que vivia no Brasil.

Conversamos durante longo tempo sobre nossa busca da Luz que aperfeiçoa o ser e eleva o espírito colocando-o nos degraus mais elevados da existência Divina. Questionamos sobre nossa busca e dedicação pelo nosso e pelo aprimoramento de todos os seres. E, apesar de nos dizermos bem sucedidos no que fazíamos e na forma de sermos, concluímos que mesmo assim não éramos totalmente felizes, pois, enquanto existir alguém que não tenha o que comer, o que vestir, onde dormir, ou quem lhe abrigar; não é possível sermos felizes: " De que vale a busca pela lapidação do ser e pela evolução se estamos ligados diretamente a outros seres e temos a consciência de que enquanto eles sofrerem também sofremos?!"

Falei com meu irmão que quando atravessamos um caminho e chegamos ao outro lado com nossa integridade física e mental intacta, servimos de exemplo para que outros que vêm atrás de nós possam saber que existe um caminho seguro capaz de nos transportar ao outro lado do Portal.

Na manhã seguinte, Victor, Edouard, Rosário e Tony participaram, com a orientação de Ana, de uma aula prática de Tai Chi Chuan. Como acordei mais tarde, já no final da aula, preferi manter-me apenas como observador.

Quando partimos, não vi mais Victor Manuel, e como caminhei boa parte da manhã com o amigo Edouard, conversamos a respeito do aparecimento e do sumiço de Victor, e Edouard questionou: "– Será que ele é um anjo?" Eu não sabia responder.

Através dos restos de uma calçada romana em Casanova, caminhamos para Leboreiro, atravessando o pórtico de entrada da província de A Coruñia, onde se encontram os restos do Apóstolo Tiago. Naquele lugar, rodeado de casas de pedra e um belo cruzeiro, encontra-se a Igreja de la Virgem de las Nieves, cujo pórtico românico traz no centro uma escultura feita em pedra retratando aquela virgem. A igreja encontra-se ao lado de um antigo hospício de peregrinos, fundado no século XII pela família Ulloa, do Conde cujo sarcófago se encontra no templo de Villar de Donas.

Foi uma satisfação saber que de alguma forma meu nome estava ligado ao caminho através da virgem. Saí daquele povoado feliz com a idéia.

Logo a seguir, atravessei uma ponte romana que liga a Furelos, e, pouco depois, cheguei a Melide, onde, na praça central, encontra-se o hospital del Sancti Spiritu, fundado em 1375, em frente ao monastério que tem o mesmo nome, e que passou a ser a igreja paroquial daquela localidade, cujo interior é decorado com obras do século XV que representam Santiago Matamouros.

Prosseguindo rumo a Arzúa, percorri por entre bosques e rios o belo caminho, passando por Melide, Boente, Castañeda, e Ribadiso da Baixo.

Em Arzúa, encontramos a cozinha do jeito que esperávamos para fazer a festa de confraternização, e dela participaram: Edouard, León, Sebastian, Ana, Tony, Rosário, e eu. Ana nos preparou uma boa salada, que deixou todos de água na boca, enquanto que eu preparei o bacalhau, que, para surpresa dos amigos, estava uma delícia. Tanto é que ambas as comidas foram devoradas com boa boca por todos os peregrinos, já acostumados com o menu que lhes era posto como comida mais barata e destinada aos peregrinos.

Além do lauto jantar, a comemoração foi brindada com *champagne* francês e várias garrafas de vinho espanhol, e, também, com água mineral e laranja, pois na alimentação de Ana a laranja é indispensável, daí por que nosso grupo tratá-la carinhosamente de ‘Ana das laranjas’.

Aquela noite foi uma das mais belas do caminho. Ali, os peregrinos sentiam-se como os próprios Reis da Espanha, comendo aquilo que queriam e não aquilo que lhes fora oferecido ao longo do caminho nas dezenas de menus de peregrinos consumidos. Fora isso, e mais importante, é que a confraternização, o amor e a alegria saltavam aos olhos de todos.

Rosário e Tony se separariam de nós no dia seguinte pois tinham compromissos assumidos e, por esta razão, precisavam esticar os passos para conseguirem chegar a Santiago no dia 23, e em suas residências no dia 24.

No bar, nas proximidades do albergue, vários bilhetes são afixados no teto com mensagens dos peregrinos; ali deixei a minha: “Se não enfrentamos nossos problemas, guardamos fantasmas, e se os guardamos, vivemos assombrados,” e recebi do amigo Edouard um texto cuja cópia ele deixou lá afixada, que diz o seguinte: “ La vida es

un camiño, pero mi camiño no es la vida, es más un sueño que no quiere acabarse. Con mucho cariño, tu hermano, Edouard."

Desde que entramos na Galícia tudo mudou, o visual com muito verde e uma natureza exuberante, os albergues, o tratamento das pessoas, enfim, a Galícia parece outra Espanha dentro da própria.

Aquele jantar de confraternização era o marco de que aquela viagem estava chegando ao fim, afinal, faltavam menos de 40 quilômetros para Santiago de Compostela. Dormiríamos em Monte do Gozo, e teríamos que passar Salceda, Alto de Santa Irene, Santa Irene, Rúa Pedrouzo, La Bacolla, e San Marcos, desfrutando de caminhos e bosques com nevoeiro, chuva fina, e um verde todo especial.

Nesse meio do caminho, encontrei o senhor Jesus Rodríguez, de noventa anos, e parei para conversar com este senhor cuja idade não condizia com a vitalidade e lucidez.

Seu olhar era um poço de amor. Sozinho, caminhava por entre aqueles casarios de pedra, e eu, ao seu lado, aproveitei para com ele desfrutar do percurso durante certo tempo. Fiquei admirado com sua popularidade, com o respeito e o carinho que todos tinham por ele.

Ao lado de Jesus, compreendi que quem consegue dirigir seu próprio caminho, realmente é dono de seu destino e de sua vida; apesar de que, para tal feito, é necessário aprender a controlar os pensamentos, atos e palavras, de forma a encontrar a sintonia perfeita com Deus, o Criador.

Em contrapartida, compreendi também que 'quem não é capaz de se enfrentar, oculta a parte negra de sua vida, e assim, não permite a manifestação do sol da evolução'.

Aquelas conclusões me fizeram constatar que 'da matéria nada levamos, mas quando doamos o que de melhor existe dentro de nós para auxiliar, socorrer, saciar a sede e a fome, e abrigar aos nossos semelhantes, praticando verdadeiramente a fraternidade, asseguramos, por Direito Divino, a verdadeira riqueza que nos possibilita construir nossos castelos no Reino dos Céus.'

Depois de deixar aquele velho senhor, parei, pouco mais à frente e resolvi consultar a Bíblia que ganhei de Tiago, antes de sair de Minas Gerais. Abrindo-a, ao acaso, deparei com o capítulo 13 de I Coríntios cujo texto ainda ecoa por minhas entranhas:

> "Se eu falar em línguas de homens e de anjos, mas não tiver amor, tenho-me tornado um [pedaço de] latão que ressoa ou um címbalo que retine

E se eu tiver o dom de profetizar e estiver familiarizado com todos os segredos sagrados e com todo o conhecimento, e se eu tiver toda a fé, de modo a transplantar montanhas, mas não tiver amor, nada sou.

E se eu der todos os meus bens para alimentar os outros, e se eu entregar o meu corpo, para jactar-me, mas não tiver amor, de nada me aproveita.

O amor é longânime e benigno. O amor não é ciumento, não se gaba, não se enfuna,

não se comporta indecentemente, não procura os seus próprios interesses, não fica encolerizado. Não leva em conta o dano.

Não se alegra com a injustiça, mas alegra-se com a verdade.

Suporta todas as coisas, acredita em todas as coisas, espera todas as coisas, persevera em todas as coisas.

O amor nunca falha. Mas, quer haja [dons de] profetizar, serão eliminados; quer haja línguas, cessarão; quer haja conhecimento, será eliminado.

Pois temos conhecimento parcial e profetizamos parcialmente;

mas, quando chegar o que é completo, será eliminado o que é parcial.

Quando eu era pequenino, costumava falar como pequenino, pensar como pequenino, raciocinar como pequenino; mas agora que me tornei homem, eliminei as [características] de pequenino.

Pois, atualmente vemos em contorno indefinido por meio dum espelho de metal, mas então será face a face. Atualmente eu sei em parte, mas então saberei exatamente, assim como também sou conhecido exatamente.

Agora, porém, permanecem a fé, a esperança, o amor, estes três; mas o maior destes é o amor."

Aquele texto só veio reforçar ainda mais tudo que sentira no velho Jesus, e também, no Jesus que nascera para dar sua vida em favor de toda a humanidade, cujo amor maior foi expresso na cruz ao pedir perdão ao Pai pelos seus algozes.

Naquele instante, roguei que o Criador me permitisse que conseguisse, a partir dali, ver todos os seres com aquele amor citado em I Coríntios.

A chegada a Monte do Gozo, de onde os peregrinos medievais avistavam pela primeira vez a cidade santa de Santiago de Compostela e entoavam cantos evocativos a Deus, fazia pulsar mais forte dentro do peito o batimento cardíaco, ao mesmo tempo em que brotava nos olhos as lágrimas de ver chegado ao fim um caminho de peregrinação onde, ao longo dos passos, foram colhidos o amor e o verdadeiro sentido de fraternidade que elimina fronteiras, dizima divergências raciais, e aproxima todos os homens como filhos de um mesmo Criador.

Edouard Müller, Victor Manuel Chacopino, Sebastian, Ana e eu, após descarregarmos nossas bagagens no albergue local, saímos para jantar, era o último jantar onde todos os peregrinos estariam juntos naquela viagem.

Victor fez questão de pagar a ceia para os outros peregrinos, e na volta ao albergue, nos mostrou o monumento comemorativo à visita do Papa Juan Pablo II, em 1992, a Santiago de Compostela, bem como nos mostrou a cidade de Santiago vista à noite.

Vinte e quatro de dezembro, sete horas da manhã, e todos já estavam de pé.

Reunimos-nos, abraçamos-nos, e caminhamos, pela primeira vez, lado a lado, rumo a Santiago em busca da grande hora.

Victor, que já havia feito o caminho por outras vezes, nos conduziria de forma mágica até à Catedral de Santiago de Compostela.

Antes de chegar, eu e Victor posamos ao lado de um monumento de um peregrino templário, o dia ainda não tinha rompido totalmente. Dali, nos encaminhamos para um bar, onde tomamos um café reforçado. Depois, para um caixa bancário, onde cambiamos algum dinheiro. Logo após, para a agência de correios, onde resgatamos cada qual aquilo que havia enviado para aquele lugar. E, a seguir, levamos nossa *Credencial del Peregrino* para receber seu último carimbo no Caminho de Santiago e, também, para recebermos a Compostelana cujo texto original em Latim e tradução, respectivamente, são os seguintes:

> *"CAPITULUM hujus Almae Apostolicae et Metropolitanae Ecclesiae Compostellanae sigilli Altaris Beati Jacobi Apostoli custos, ut omnibus Fidelibus et Peregrinis ex toto terrarum Orbe, devotionis affectu vel voti causa, ad limina Apostoli Nostri Hispaniarum Patroni ac Tutelaris SANCTI JABOCI convenientibus, authenticas visitationis litteras expediat, omnibus et singulis praesentes inspecturis, notum facit:* ***Dnum*** *Albinum Neves hoc*

sacratissimum Templum peitatis causa devote visitasse. In quorum fidem praesentes litteras, sigillo ejusdem Sanctae Ecclesiae munitas, ei confero.

Datum Compostellae die 24 mensis Decembris anno Dni 1999."

Depois de recebermos a Compostelana, era chegada a grande hora: adentrar na Catedral de Santiago. Na porta em madeira, encontra-se esculpido um barco simbolizando a chegada de Atanásio e Teodoro com os restos mortais do Apóstolo Tiago.

Após entrarmos na Catedral, dirigimos-nos para a Porta Santa, onde estão, em uma urna toda trabalhada em prata, os restos mortais do Apóstolo Tiago.

Um momento ímpar: passar pela Porta Santa que se abriu pela última vez no milênio, em 1999, tendo se fechado no dia 31 de dezembro.

Apesar de não crer que passar pela Porta Santa representasse a remissão de meus pecados, conforme afirma Encíclica Papal do século XII, senti forte emoção ao me deparar com aquela urna, pelo que ela representa no aspecto artistico-cultural-religioso, e pelas vibrações energéticas que armazena de todos aqueles que durante séculos a visitaram.

Diante da urna em prata onde estão guardados os restos mortais do Apóstolo, cada peregrino fez sua parada e uma prece, elevando seus pensamentos a Deus e agradecendo cada passo que o conduziu até aquele ponto.

Ali, lembrei que um peregrino não anda, caminha; não exige, pede; não chora, suspira; não olha, observa; e caminhando pede no suspiro a paz e o amor para todos de todos os caminhos, na esperança que surja no coração da humanidade o amor que tanto todos desejam.

Compreendera também que 'quem não tira o grão de areia que cai nos olhos por medo, preguiça ou comodismo, corre o risco de bater com o rosto na montanha e ter uma pedra bem maior para transpor'.

Diante da urna, constatei que 'Deus deu ao homem uma capacidade tão grande de realização que ele já sabe voar, andar no fundo do mar, visitar outros planetas, atirar-se nas nebulosas em busca da descoberta de sua própria origem, e percorrer aquela via milenar com temperatura de até quinze graus Celsius negativos e chegar ali onde todo peregrino busca chegar'.

Depois da visita ao túmulo do Apóstolo, contornamos a igreja e entramos pela porta central subindo os 33 degraus que conduzem até ela. Ali, nos deparamos com o Portal da Glória, uma coluna de pedra trabalhada que ostenta em seu topo a imagem de Santiago.

Ao colocar as mãos na coluna, gasta com o tempo e com o toque das mãos de outros peregrinos, senti uma forte energia a qual se acumula naquele pilar.

Não sabia ainda, mesmo após ter visitado a urna do Apóstolo e ter tocado no pórtico, que sentiria maiores emoções do que aquelas no momento em que o bispo de Santiago e seus auxiliares realizaram a missa para os peregrinos.

Dentro da catedral, com a mochila às costas e nela fixada a bandeira do Brasil, e o cajado posto à frente, parei no centro por onde passava o turíbulo carregado de incenso e puxado por oito monges, e ali ouvi atentamente cada palavra proferida pelo bispo. Meu sentimento patriótico elevou-se no momento em que ele falou do peregrino brasileiro vindo de Carangola, das terras de Minas Gerais, momento em que as lágrimas começaram a verter em meus olhos.

Uma freira acompanhada de um coro entoava cantos gregorianos que ecoavam por toda a catedral, acompanhado de um som harmônico de um enorme órgão, em forma de nave, situado no teto da alameda central daquele templo.

Durante todo aquele ritual, fiquei tomado de forte emoção. As lágrimas que caíam pareciam lavar a alma do peregrino, purificar suas entranhas, iluminar sua alma, e prepará-lo para novos caminhos que hão de ser percorridos dali para frente.

Naquela hora em que assistia à missa dedicada aos peregrinos, deixei minha mente vagar pelo espaço embalada pelo som do canto gregoriano, e minha alma misturar-se à fumaça do incenso que desprendia do turíbulo.

Senti-me como se fosse um e o todo ao mesmo tempo. E pude compreender o verdadeiro sentido da fraternidade universal. Naquele estágio, ofereci minha caminhada para todos os que habitam o Planeta Terra, pois queria que aquele sentimento e aquela elevação atingisse o coração e a mente de todos. Ali, também, visualizei aqueles que estavam doentes, rogando por suas curas, e clamei com toda a força interna que o Supremo Criador derramasse suas bênçãos e confortasse os que não têm o que comer, beber, vestir, ou onde morar, enfim, uma família para lhe acolher e amar.

Não queria que aquele ritual acabasse, pois com ele sabia que o sonho cultuado ao longo do Caminho de Santiago também se esvaía, mas reconhecia que depois daquele instante, já não era o mesmo.

Algo mudara em meu interior, e mesmo hoje, se me perguntarem o que foi, não saberia responder. Mas na verdade, o Caminho de Santiago me fez ver que minha responsabilidade como ser humano é maior do que qualquer sonho que possa ter, pois assim como Deus me amparou a cada passo, não permitindo que me faltasse o alimento, a água, o ar, o abrigo, e o conforto material e espiritual para que empreendesse a viagem, também teria que cumprir com a minha parte, dividir o que recebo, doar o que tenho, levar a Luz que recebi para que outros também tenham como percorrer o seu próprio caminho.

Creio que renasci. Apesar de reconhecer que o caminho é interno, a peregrinação por Santiago me mostrou que existe um exército espalhado por todo o Planeta cujo objetivo é o da elevação moral e espiritual do homem. Compreendi que não estou só. Isso é confortante, nos enche de esperança de que possa existir um mundo melhor.

Após o ritual, eu e meus companheiros nos abraçamos fortemente, e notei que a mesma emoção tinha tomado conta de todos. Nossos olhos brilhavam como cristais, reluzindo a luz que iluminava nossas almas naquele momento. O abraço era silencioso, falava pelo calor dos corpos, expressando o sentimento da alma. Constatamos, naquela hora, o porquê de Cristo ter dito "deixai vir a mim as criancinhas porque delas é o Reino dos Céus," tendo em vista que nos olhos e ação de cada um dos peregrinos manifestava-se a criança oculta aos olhos do adulto.

Na porta da catedral, batemos fotografias e nos confraternizamos novamente de forma efusiva. Parecíamos crianças que haviam recebido o mais belo presente de suas vidas.

Victor Manuel foi a uma casa de *souvenirs* anexa à catedral e comprou dois broches em prata dando-me um e o outro a Edouard. Naquele instante, entreguei nas mãos do irmão Victor uma pedra do tipo cristal negro, lapidada naturalmente pelo Grande Arquiteto do Universo em forma do símbolo *peace and love*. Logo após, eu e Edouard levamos Victor até a estação ferroviária, para que ele fosse a Madri buscar sua mãe para passar o Natal com ele na cidade de Menorca.

Na estação, Victor, parado na porta do trem, acenava como que dizendo através do olhar: "– Não quero ir, quero ficar com vocês." Desceu e confirmou isso num forte abraço e num beijo na face de cada

um de nós, se pondo novamente na porta do trem com aquele mesmo olhar.

Eu e Edouard voltamos para a velha Santiago, onde nos abrigamos em uma pousada recomendada por Ana e Sebastian, que ali já se encontravam. Saímos os quatro para visitar a cidade e comprar lembranças.

À noite, fomos jantar no restaurante do dono da pousada. Após a janta, descansamos um pouco e nos preparamos para assistir à Missa do Galo na Catedral de Santiago, onde nos encontramos com León, Jean Pierre, André, Gauthier, Carmen e Carlos. Durante a missa eles vieram nos saudar. Jean Pierre me abraçou fortemente e disse: "– Meu irmão, meu amigo," agradecendo os momentos que passamos juntos e lamentando pelos que nos separamos.

Vi no olhar de Jean Pierre que ele não encontrara o que desejava no caminho, e pude compreender que quando se busca algo determinado onde não se conhece o que se busca, se frustra, porque nem sempre achamos aquilo que buscamos, e muitas vezes, quando achamos aquilo que achávamos que deveríamos buscar, não era aquilo que desejávamos encontrar.

Quando fixamos nosso olhar em um determinado ponto, nosso ângulo de visão tem uma abertura restrita, e só conseguimos enxergar de forma plena quando permitimos a abertura de nossa mente para que ela absorva tudo aquilo que lhe vier ao redor.

Senti por Jean Pierre, e rezei para que ele tivesse entendido pelo menos aquilo que vivemos juntos enquanto caminhávamos: a gratidão, o amor, a sinceridade, e a certeza de que sempre, quando nos fecham uma porta é porque Deus nos abre a grande porteira, como ficou bem claro para nós em Murias de Rechivaldo, onde fomos acolhidos com tanto carinho e amor pela antiquária Carmen após uma outra pessoa ter nos tratado tão secamente.

Quisera que ele tivesse compreendido que 'na vida, quando acontece uma coisa especial, esta pode ser considerada como acaso; quando acontecem duas, como coincidência; porém, quando sempre acontecem coisas especiais, é por prática de vida, merecimento e conquista. Esta é a grande riqueza do homem'.

Depois daquele ato e do término da Missa do Galo, procurei as freiras para agradecer àquela que entoara o canto gregoriano durante a Missa do Peregrino, e que me fez chorar com a suavidade e o encanto de seu canto, que mais parecia uma melodia saída da boca dos anjos.

Enquanto agradecia àquela agradável criatura e às suas companheiras, Edouard esperava do lado de fora do compartimento onde as freiras guardavam os utensílios e hábitos daquele culto. Não notei que o tempo se passava, e creio que nem elas. Após me despedir das religiosas, que fecharam o recinto onde estavam, eu e Edouard ficamos trancados dentro da Catedral de Santiago. Rodamos aproximadamente dez minutos para achar uma saída, até que a encontramos. Ao sairmos, notamos que do lado de fora não havia uma viva alma. Nossos passos ecoavam pelas ruas da velha Santiago em busca de um lugar que pudéssemos cear. Acabamos tendo que nos contentar com os restos de alimentos de peregrinos que comemos no quarto onde ficamos.

No dia seguinte, rumamos para Finisterre, onde fomos praticar o Ritual da Queimada do que utilizamos ao longo do Caminho de Santiago de Compostela.

Ao chegarmos a Finisterre, avistamos o mar com toda a sua beleza e pujança. Eu já não o via desde Cabo Frio, quando deixei a casa de minha irmã antes de me dirigir para a Espanha.

Vários barcos, pássaros marinhos, conchas, e pescadores adornavam o belo visual daquele lugar que é considerado 'O Fim da Terra'.

No centro da cidade, um monumento em tom ocre ostenta os dizeres: "Leva o noso amor os galegos espalhados pelo mundo," tendo em sua base um viajante em bronze em que em uma das mãos carrega uma mala e em outra uma moldura.

Antes de rumarmos para o local do ritual, eu e Edouard paramos para almoçar de frente para o mar e, pela primeira vez, em um restaurante, desde a nossa saída, comemos algo que não fosse um menu de peregrino.

Em direção ao Cabo de Finisterre, passamos pela igreja local toda feita em pedra em estilo do Convento de Villar de Donas, com seus arcos e fachada. A igreja também tem uma torre em formato octogonal, diferente de todas que havíamos visto pelo caminho, e, à sua frente, um cruzeiro em pedra todo trabalhado.

Ao chegarmos no Cabo de Finisterre, pudemos sentir por que aquele lugar é chamado de 'O Fim da Terra', pois de lá só se avista o grande oceano.

Fomos informados que aquele lugar teria sido um importante centro religioso há milênios e que haviam vestígios arqueológicos dos Druidas terem realizado cultos naquele local. Também, tomamos

conhecimento de que não muito longe dali fora erguido Ara Solis, um templo citado na obra de Ptolomeu e dedicado ao Sol.

Antes de iniciarmos o ritual, cada um de nós escolheu um canto para o diálogo consigo mesmo. Desci até à beira do mar, sentei -me em uma pedra, e eis que me surgiu à mente a história sobre Finisterre, que ouvi, quando percorria o caminho, do velho espanhol José Martínez, de 93 anos, que lhe foi passada quando ainda era rapaz por seu avô, e que, segundo ele, era atual nos dias de hoje em vários lugares da Espanha.

"– Meu avô contava, e hoje conto para meus netos, o Ritual de Finisterre, onde em determinada época do ano, o melhor amigo de um falecido se dirigia ao cemitério onde o mesmo estava enterrado, e aos pés da tumba o chamava pelo nome e o convidava para juntos darem um passeio. Durante o passeio, o amigo conversava com o falecido como se ele ao seu lado estivesse, lembrando as histórias e aventuras vividas por ambos, e visitava os lugares onde costumavam ir. Por volta do meio-dia, o amigo, 'acompanhado do falecido', se dirigia a um restaurante, onde o proprietário, já sabendo do ritual, havia anteriormente reservado uma mesa posta para a ceia de duas pessoas. Naquele lugar, o amigo pedia a comida de sua preferência e, também, que fosse servida a comida de preferência do falecido. Durante o almoço, conversava com o falecido lembrando das vezes que juntos comeram, e daquilo que juntos na vida passaram. Após a ceia, o amigo convidava o falecido para continuarem o passeio, visitando sempre lugares onde ambos estiveram, e quando o sol se escondia por trás das montanhas e a noite cobria o dia com o seu manto estrelado, o amigo se dirigia a um pequeno hotel, onde o proprietário também já sabia sobre o ritual. Depois daquele dia, percorrendo caminhos e vivendo coisas que o falecido gostava de fazer, o amigo entrava para o quarto onde duas camas estavam arrumadas. Ali, reviam o que haviam passado ao longo daquele dia em que reviveram a história de ambos pelos caminhos da vida. Para encerrar o ritual, o amigo se virava para o falecido e dizia: '– Meu caro, depois desse maravilhoso dia que tivemos, quando eu apagar as luzes, você vai para Finisterre, e lá, lembre-se de mim. Ore por mim. E prepare um lugar para o dia que eu lá chegar. Espero que nesse dia você esteja me aguardando e que possamos ter dias tão belos quanto este que ora se encerra. Vá com Deus meu caro amigo. E peça a Ele para olhar por mim enquanto percorro estes caminhos e para me receber em Finisterre.' "

A história que José me contou e pediu para passar adiante levo à apreciação de vocês, na esperança de que em Finisterre um amigo o

receba e o aguarde com o mesmo carinho e amor com que o amigo do falecido percorria as vias da vida.

Após aquela introspecção, voltei para próximo às botas de bronze, que marca o fim da peregrinação a Santiago, lançado meu olhar perdido ao infinito, enquanto aguardava Edouard para o início do ritual.

Ali, junto ao par de botas em bronze, preparamos o ritual. Enfrentando o forte vento que soprava do oceano, juntamos as roupas que seriam queimadas, abrimos uma garrafa de vinho e a colocamos sobre a pedra com pão, uma torta de Santiago e frutas, e iniciamos o ritual ateando fogo às roupas que nos acompanharam ao longo da viagem.

Enquanto elas queimavam, agradecíamos fervorosamente tudo o que nos foi oferecido ao longo do caminho, e ceávamos aqueles víveres que tanto saciaram nossa fome durante a caminhada.

"Senhor, permita que ao longo de nossas vidas consigamos nos manter neste estado de realização, paz e harmonia.

Que nunca nos falte o alimento de cada dia, que sempre continuemos a encontrar abrigo na hora certa, o que beber na hora desejada, e o conforto do corpo e do espírito na hora precisa.

Que os nossos caminhos sejam tão belos e significativos quanto foi o Caminho de Santiago durante o tempo em que o percorremos.

Senhor, Vós que habitais no interior de cada ser, façais com que todos sintam, neste instante, este mesmo sentimento de realização, confraternização, amor e luz que de nós toma conta.

Chegar aqui é mais do que uma conquista, é uma realização integrada do corpo, da mente e do espírito.

Ao final desta jornada, só temos que agradecer por tudo que Vós oferecestes ao longo do caminho. Pela água que bebemos, pelo pão e alimento que comemos, pelo vinho que tomamos, pelos albergues que nos abrigamos e por aqueles que neles achamos para proteger nossos corpos das intempéries, pelas pessoas que encontramos, pois elas, na verdade, são o próprio espelho do caminho. Agradecer por termos conseguido dar mais este passo na escala ascensorial do ser.

Que os novos caminhos que aqui se abrem possam ser tão profundos e significativos quanto este que concluímos.

Permitai, Senhor, que esta queimada, onde estão reunidos os quatros elementos que compõem a essência do Planeta: o fogo, a água, o ar, e a terra, consuma com eles todo o passado e os vacilos que demos, e faça renascer das cinzas a Fênix da felicidade, da fraternidade e do amor, e

que possamos espalhar estas cinzas por toda a face da Terra enquanto nela vivermos; adoçando assim a nossa e a vida dos nossos semelhantes, nos unindo à Luz Universal, servindo de sol para clarear os caminhos por onde passarmos.

Acima de tudo, Senhor, que sejamos dignos de tudo que recebemos, para que desta forma cumpramos a Vossa vontade agora e sempre."

Na prática do ritual, fiz esta oração abraçado ao amigo Edouard. Choramos, sorrimos, como se fôssemos um único corpo em estado de êxtase.

Depois do ritual, retornamos para o albergue em Finisterre, onde deveríamos receber 'A Finisterrana', um diploma que é dado a todo aquele que, após percorrer o Caminho de Santiago, chega ao 'Fim da Terra' para participar do Ritual da Queimada, símbolo da coroação da conclusão do caminho.

De volta a Santiago, durante longo tempo, permanecemos calados, diluindo em nossa essência tudo que havíamos feito. Fomos direto para o albergue, e de lá, demos uma volta pela velha Santiago. Edouard me deu uma Espada de Santiago em prata, a qual carrego comigo com muito carinho.

No dia seguinte, Edouard embarcou para Paris. Preferiu o trem ao avião, pois dizia que "não queria que aquela viagem acabasse, e que o trem retardaria seu retorno ao cotidiano de escritor de peças teatrais e novelas."

Ver Edouard partir fez com que as lágrimas rolassem durante longo tempo pelos meus olhos. Mandei por ele lembranças e um beijo carinhoso para sua filha Rosália, e desejei que ele pudesse encontrar, ao longo do novo caminho, o sol que brilhou na essência de nosso ser e do nosso espírito enquanto percorremos o Caminho de Santiago.

Só, na estação de Santiago, senti-me uma criança órfã. Durante algum tempo um vazio tomou conta de meu interior.

Sem a presença de Edouard, dos amigos Ana, Sebastian e Victor Manuel, não tinha mais o que fazer na Espanha. Minha tarefa estava cumprida, meu sonho realizado, e deveria embarcar para transformar em realidade novos sonhos.

Embarquei em um trem para o Porto, em Portugal; e de lá para Aveiro, onde permaneceria por cerca de quinze dias.

Não era apenas a visita a meus parentes e à terra dos meus antepassados que me levariam a Portugal, mas muito mais do que isso, é o que descobriria ao visitar o Santuário de Fátima, Oliveira de

Frades, e o Castelo Templário de Tomar, tendo em vista que direta ou indiretamente todos estavam ligados ao Caminho de Santiago.

No trem, logo que deixei a Espanha e entrei em território português, pude constatar de onde vem a solidariedade e o modo amável de ser do povo brasileiro. Ele vem das suas raízes, e as suas raízes mais fortes são as dos seus descobridores e colonizadores.

Na troca de trem, para embarcar para Aveiro, pude sentir o verdadeiro estado de ser do povo português. Logo que entrei no vagão com a mochila às costas e o cajado na mão, uma senhora de cerca de setenta anos estava sentada em um banco, e em frente a ela, seu filho de cerca de quarenta anos. E ela então disse para ele: "– Levante-se, passe para o meu banco e deixe este senhor sentar," no que foi prontamente atendida.

Aquele fato me deu uma grande lição logo na entrada em Portugal. Percebi ali o respeito do filho com a mãe apesar do passar dos anos.

A manutenção das tradições que dignificam o verdadeiro sentimento da família era uma constatação. Uma realidade! Não falei nada, mas em meu interior chorei e sorri ao observar naquele ato que, de alguma forma, o mundo não está tão fora do seu eixo como parece. Existem seres que preservam os princípios cristãos e que, por respeitarem os Mandamentos da Lei de Deus, são elevados espiritualmente e devem servir de exemplo para os seus semelhantes.

Em Aveiro, fui recepcionado pela prima Fernanda, uma senhora de setenta anos de idade, seu marido Jeremias, e o neto Bruno. A recepção acabou com o suspense de quem eram os meus parentes que eu não conhecia, pois foi uma acolhida calorosa e amável. Na verdade, eles não sabiam o que fazer para me agradar.

Mais uma vez acreditava na magia do Caminho, o qual ainda não sabia estar continuado ligado a mim mesmo em Portugal.

Aquela cidade, cortada por 'rias' que são ligadas ao mar, é considerada a 'Veneza portuguesa', rica na arte da cerâmica, e também na construção de embarcações, foi lá inclusive, na localidade da Gafanha que foi construída uma das naus que acompanhou Cabral na esquadra do descobrimento do Brasil.

Minha estada na casa de Fernada Neves e Jeremias foi coroada de muita alegria e fraternidade, pois ambos tudo fizeram para tratar com amor e carinho o primo que não conheciam.

Passei o Reveillon em Aveiro em uma festa regada a *champagne*, promovida pela Câmara local, que reuniu milhares de pessoas, além de um coro de duas mil vozes que saudou o ano 2000 junto ao Lago da

Fonte, no Centro de Congressos, na antiga fábrica de Cerâmica Pereira Campos, a qual foi adornada por luzes e fogos de artifícios.

Entrei no ano novo com o pé direito, ao lado de quatro belas meninas com idade entre cinco e treze anos, filhas de Elsa, amiga da minha prima Conceição, uma ex-jogadora de futebol da Seleção Portuguesa.

No dia seguinte, fui com Jeremias assistir ao concerto no Teatro Aveirense, com a Filarmônica das Beiras, regida pelo maestro Antônio Duarte Neves.

Aproveitei minha estada para visitar uma exposição de fotografias de Manoel Simões Gamelas, intitulada 'Aveiro e a sua ria'.

Aveiro me fazia 'beber' cultura por todos os poros.

Ainda na Venesa Portuguesa, participei dos festejos em comemoração a São Gonçalinho, onde, do alto da igreja daquele santo, os fiéis atiram pães e cavacas, enquanto outros as amparam na parte de baixo.

Se de cima os que atiram agradecem a graça recebida, os de baixo aguardam, ao pegarem o que é atirado, conseguirem a sua graça, para que no ano vindouro, do alto da igreja, possam agradecer a graça conquistada.

É dito que São Gonçalinho foi um padre que passou por aquela cidade no século XVII, e que encontrou inúmeros leprosos, os quais morriam muitas vezes por falta de assistência e, principalmente, de alimento. Foi quando o padre instruiu a população local a atirar o alimento para que os enfermos pudessem sobreviver por mais tempo. Daí a tradição de atirar pães e cavacas do alto da igreja do santo padroeiro.

Minha estada em Aveiro era o preparativo para o reencontro com a história do Caminho de Santiago.

Em Fátima, fiquei sabendo que aquele local faz parte de um roteiro mundial de concentração de forças energéticas.

Ao visitar a Capela das Aparições, a Azinheira Grande, a Basílica, as capelas e todo o Santuário pude sentir a força das emanações que irradiam no lugar.

Tudo teve início quando, em 13 de maio de 1917, Lúcia de Jesus, de 10 anos, Francisco e Jacinta Marto, de 9 e 7 anos, respectivamente, por volta das 12h, após rezarem o terço, viram uma luz brilhante, a qual descobriram tratar-se de Nossa Senhora de Fátima.

A Santa apareceu para as crianças outras vezes. Em uma delas, na presença de cerca de setenta mil pessoas deixando todos impressionados.

O lugar é marcado por grandes vibrações energéticas que contagiam àqueles que o visitam, independente de terem ou não religião, de serem ou não católicos.

À Lúcia, Nossa Senhora disse: "– Jesus quer servir-se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração... Não desanimes! Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus."

Na ida para Fátima, passei por Leria, onde conheci o Castelo daquela cidade e também uma estátua erguida em homenagem ao 'Pastor Peregrino'.

Em Fátima, carimbei pela primeira vez minha Credencial do Caminho de Santiago de Compostela nas terras de Portugal.

Ao retornar para Aveiro, senti durante algum tempo toda aquela energia maravilhosa existente no Santuário de Fátima, a qual era transmitida pelo local e pelos visitantes e/ou pagadores de promessas.

Tomei conhecimento, posteriormente, que Fátima encontrava-se situada em um mesmo eixo telúrico, assim como Santiago de Compostela.

Não sabia ainda o que me aguardava no dia seguinte, ao visitar as terras de meus antepassados, em Oliveira de Frades, pois lá manteria novos contatos com o Caminho de Santiago.

Além de ter sido agraciado na Câmara Municipal por Carlos Rodrigues com uma medalha em bronze com um brasão da cidade e a fachada do Passo Municipal entalhada com a fundação definitiva do Conselho, datada de 7 de outubro de 1837, recebi também um livro sobre a cidade em que nasceu meu avô e viveram meus bisavós, em uma altitude de 1.500 metros acima do nível do mar.

Em Oliveira de Frades, pude dar um mergulho através dos milênios ao conhecer a Anta Pintada de Antelas, um monumento singular das pinturas rupestres, bem como o Dólmen de Antelas, um sepulcro-templo do Neolítico Final, situado na freguesia de Pinheiro de Lafões, os quais fazem parte do patrimônio arqueológico e arquitetônico da terra de meus antepassados e de Portugal.

Lá também existem destroços de estradas românicas e inúmeras outras pinturas rupestres.

Sem dúvida, o que mais me surpreendeu foi, ao ver no livro que fala sobre a história de Oliveira de Frades e que recebi de Carlos Rodrigues com uma especial dedicatória, um trecho que conta a história da hospitalidade da gente daquela terra, através dos séculos que diz: "Peregrinos vinde ao hospital de Reigozo, que vos darei casa, cama, água, fogo, azeite e sal."

"Deduz-se desta inscrição que aquele era local de permanência e de passagem de peregrinos. A já referida via romana comprova-o e esta 'oferta' complementa-o. De produtos da terra apenas se indica o azeite, sinal de que a oliveira existia por essa altura. O sal vem dar-nos preciosas indicações sobre a atividade de um grupo 'profissional' que em Reigozo teve papel de relevo – os almocreves, a circularem por aquele eixo rodoviário entre o mar e a serra e vice-versa. Também não andaremos longe da verdade ao afirmarmos que uma das rotas de Santiago de Compostela por ali passava e daí a alusão aos peregrinos..."

Fiquei surpreso e ao mesmo tempo compreendi um pouco mais o porquê do Caminho de Santiago me chamar. Ele já deveria estar impregnado dentro de mim desde o tempo dos meus antepassados, avaliei após a leitura daquele texto.

Se tivesse me retirado de Portugal naquela hora, achava que já teria visto o que precisava e conhecido o que necessitava. Aquele meu pensamento foi pequeno ante o muito que ainda haveria de ver nas terras portuguesas, ao visitar a cidade de Tomar, principalmente o Castelo Templário ou o Convento de Cristo, como hoje é conhecido; e a Igreja de Nossa Senhora do Olival, que, contam os moradores daquela cidade, possuía uma passagem secreta subterrânea até o castelo, mesmo estando este localizado a cerca de 1.500 metros de distância, na parte alta da cidade.

Na fachada da igreja, logo acima do pórtico, uma estrela de cinco pontas contornada por uma flor era demonstração do vínculo da Ordem com Davi e Salomão. Naquela igreja, também, uma estátua medieval de Nossa Senhora do Leite traz algo raro: um menino sendo amamentado pela referida santa, e outra retratando Ana, a virgem Maria e o menino esculpidos em uma mesma peça.

Em outra igreja, de São João Batista, uma pintura de Gregório Lopes reúne um cristão, um judeu e um muçulmano numa expressão da verdadeira fraternidade, uma das principais bandeiras da Ordem Templária, que fundara aquela cidade no século XII.

Ao chegar na estação de Tomar, avistei no alto do monte mais elevado o Castelo Templário, que já de longe mostrava sua beleza e magnitude. Atravessei algumas ruas até chegar na ladeira toda feita em pedra que me levou ao castelo.

Um habitante daquela cidade me conduziu até o castelo e, logo após, ao atravessar os portões, uma forte sensação se apossou do meu ser, que mesmo sem saber o que me aguardava pela frente, já sentia as vibrações que emanavam daquela fortaleza templária, fundada em 1160 por Dom Gualdim Pais, mestre provincial da Ordem do Templo em Portugal.

Aquele mesmo condutor, de posse de um livro 'Os Templários na Formação de Portugal', de Paulo Alexandre Loução, falou que segundo o Dr. Ernst Hartmann, da Universidade de Heidelberg, que descobriu uma estrutura energetico-telúrica que está disposta ao longo da superfície do Planeta Terra, e a qual veio a se chamar 'Rede Hartmann', essas correntes, apesar de invisíveis, contém orientação magnética regular com uma distância aproximada de 2,5 metros no eixo Leste-Oeste e 2 metros no eixo Norte-Sul, e uma espessura de 21 centímetros. As medidas foram levantadas por aparelhos como contador Geiger de radiações gama e o contador de Hélio.

Tais alinhamentos demarcam o terreno das zonas neutras planetária, e quando um ser vivo está situado no centro dessas correntes, recebe uma energia chamada nó telúrico, que, segundo Françoise Terseur, em *Os Druidas e a Tradição Esotérica*, as correntes estão distribuídas em edifícios religiosos de diversas civilizações.

Face a tais informações, é que Paulo Alexandre afirma que "a cidade templária de Tomar está precisamente no cruzamento de correntes telúricas, assim como Santiago de Compostela. São lugares propícios à atividade espiritual, às teofanias, e à manisfestação do Sagrado." Por essa razão "os Cavaleiros do Templo reativaram muitos desses lugares. Assim se compreende a sua insistência em comprar certos domínios, fazendo-o, várias vezes, por quantias acima do seu valor."

Adentrei naquele Templo pela charola que levou-me à nave manoelina, um pórtico do século XVI. Logo em minha chegada, ao pagar a taxa de visitação, solicitei do porteiro, a exemplo do que havia feito em Fátima e Oliveira de Frades, que carimbasse minha Credencial de Peregrino na área demarcada pelo caminho português. De pronto ele me informou que não poderia atender o meu pedido sem uma ordem superior.

Enquanto visitava e me encantava com a magnificência daqueles milhares de metros quadrados de pura beleza e arte, fui abordado por Rui Ferreira, técnico em museografia, que me trouxe um carimbo com a cruz templária e carimbou minha credencial, próximo ao claustro da lavagem, na galeria superior, uma arquitetura do século XV que parecia ter sido construída em três dimensões.

Ali, conversamos durante alguns minutos, e Rui se dispôs a percorrer comigo trechos do Castelo Templário discorrendo sobre a razão de ser e estar de cada trecho.

Fui levado então a conhecer a Janela do Capítulo, onde, pelo lado de dentro, eram iniciados os Cavaleiros da Ordem do Templo.

Na janela, adornada por alcachofras e cordas saídas do Baphomet dos Templários, pude conhecer um pouco da história dos sábios Cavaleiros de Cristo.

Ao lado da Janela do Capítulo existem duas torres. A da esquerda é ornamentada com a figura de anjos elevados, em cujos pés não existe uma base, pois já não necessitam pisar sobre a terra por estarem elevados aos céus. Em contrapartida, na da direita, homens adornam a parte superior tendo seus pés fixados em bases, demonstrando estarem ligados à terra.

A torre da esquerda é adornada por uma escultura de corrente, pois que a corrente, demonstra ser a mais precisa união conhecida pelo homem; enquanto que na base da torre dos homens, o adorno é de um cinturão, tendo em vista a necessidade de que o homem tem de apertar e afrouxar o cinto na medida de sua evolução espiritual.

Não bastasse o exemplo da bipolaridade e a expressão da matéria e do espírito, no alto da janela construída há centenas de anos, encontra-se uma grande íris que simboliza a abertura da luz para o iniciado.

Toda a estrutura é adornada com alcachofras porque, segundo meu informante, ela, assim como Fênix, ressurge das cinzas para uma nova vida.

Ali, à base da Janela do Capítulo, tomei conhecimento de que uma antiga tradição era cultuada até os dias atuais, quando, em determinada época do ano, em uma festa semelhante a de São João, o rapaz de posse de uma alcachofra a tocava em uma moça de sua preferência e se encaminhava para a beira da fogueira. E, se ela o seguisse, a alcachofra era atirada dentro da fogueira, e, após a mesma abrandar as labaredas e ficar em brasas, ambos retiravam a alcachofra e a levavam para ser semeada em terra fértil, e quando a alcachofra brotasse era um sinal de que a união de ambos seria eterna e duradoura.

Meus olhos brilharam ao ouvir tão bela história de amor. Quisera, como simples mortal, ter a certeza do brotar da alcachofra na descoberta do eterno amor.

Após me mostrar e contar sobre aquelas coisas, meu 'cicerone' me deixou refletindo pelos grandes salões e longos corredores do templo sobre aquilo que via e que ouvi.

Durante a peregrinação por dentro do castelo, pude avistar a charola central vista do grande arco, bem como a capela do cruzeiro que fascina e emociona, pois apesar de não ser adorador de imagens, fiquei extasiado ao ver a figura simbólica de um Cristo em tamanho 'original' sentado com as marcas das chagas do martírio, tendo a genitália coberta por um tecido de cetim encarnado.

Aquele Cristo se encontra justamente no corredor onde os Cavaleiros da Ordem do Templo ficavam enclausurados. Portanto, tinham que passar por ali e ver aquela imagem sentada em um bloco de pedra, despida das coisas da matéria.

De alguma forma, a imagem do Cristo reforçava os princípios do peregrino de que muito pouco se precisa para se viver, e que ao longo dos caminhos percorridos, quanto mais se possui, mais se sofre. Uma demonstração de que o supérfluo é o pesadelo da vida humana, fruto das desigualdades e dos desajustes sociais que tantos males causam à humanidade.

Depois de me encantar com a imagem e fazer aquela reflexão, continuei percorrendo o labirinto do castelo, e recordei-me do que ouvira falar que entre os bens templários estariam a coroa de espinhos de Cristo e o Santo Graal. Aquilo causou-me grande questionamento sobre a origem existencial dos templários. Teriam eles surgido realmente no início do segundo milênio? Ou pertenciam à Ordem Salomônica da qual deriva grande parte de seus conhecimentos e ensinamentos, e teriam retratado o Cristo após a crucificação e morte?

Prossegui vagando pelo castelo como uma pena levada pelo vento sem saber aonde iria chegar, pois a mim bastava estar ali, era como se estivesse em meu próprio lar tamanha a harmonia e incorporação àquele lugar.

Inesperadamente, surgiu novamente Rui Ferreira, que me convidou para conhecer outras partes do castelo onde funciona a administração e onde trabalham aqueles que cuidam da recuperação e restauração das peças centenárias existentes no Convento de Cristo.

Rui me levou à cantina, onde pude fazer um lanche juntamente com os funcionários do castelo. A seguir, conduziu-me a sua sala, lá, pude

conhecer alguns livros que falam sobre a Ordem Templária. Conversamos sobre iniciação e os mistérios da Ordem, quando, de repente, fomos surpreendidos pelo diretor do Castelo Templário, Álvaro José Barbosa.

Com Álvaro, pude aprender ainda mais sobre os mistérios da Ordem, pois pouco mais de cinco minutos após iniciarmos nosso diálogo, ele solicitou que Rui fechasse a porta de sua sala para que a conversa pudesse fluir com maior liberdade, e, ao mesmo tempo, com o sigilo necessário aos assuntos pertinentes às iniciações esotéricas, os quais são vedados aos profanos.

A história da Ordem do Templo se confunde com a dos grandes avatares e iniciados, tendo em vista que apesar de ser a maior e mais importante Ordem de cavalaria do Período Medieval, e de ter ao longo dos séculos de sua existência recebido como gratificação inúmeras áreas, as quais transformaram em comunidades agrícolas produtivas, e de terem construído inúmeros castelos que ainda hoje resplandecem na história da Europa, com sua beleza arquitetônica, seus mistérios e símbolos esotéricos, os Cavaleiros da Ordem faziam como voto primeiro na Sala do Capítulo o juramento: "Nada para nós, nada para nós Senhor, mas para glorificar o Teu nome."

O texto salomônico com tendências essênicas utilizado na Gnóstica por aquele que pretendia se tornar um membro da Ordem, citado por Moisés do Espírito Santo em 'Alegre Apócrifos del Antiguo Testamento – Volume III', é bem provável que tenha sido utilizado pela Ordem Templária, haja vista que Gualdim Pais, segundo fui informado, o teria mencionado em um escrito onde deixara claro a sua fé salomônica.

Diz o texto:

"O Senhor está na minha cabeça como uma coroa,
Não ficarei fora Dele
Entrelaçada está em mim a coroa da Verdade
Que faz que as suas ramas floresçam
Não se parece com uma coroa seca que não floresce
Mas vive na minha fronte e floresce em mim
Os seus frutos são plenos e perfeitos
Cheios da sua Salvação.

O meu coração foi podado e a sua flor brotou
Germinou nele a graça

Deu frutos para o Senhor
O Altíssimo podou-me com o Espírito Santo
Descobriu as minhas entranhas diante dEle
E encheu-me do Seu amor
O corte que o Senhor me fez foi salvação para mim
A água que fala acercou-se dos meus lábios
Abundante fonte do Senhor
Bebi e embriaguei-me com a água da vida

Abandonei a loucura difundida pelo mundo
Despojei-me dela e arrojei-a de mim
O Senhor me renovou com a Sua veste
Tomou posse de mim com a Sua luz
Sou como uma terra que germina e prospera em frutos
O Senhor como um sol sobre a minha terra
Iluminou os meus olhos e cobriu-me o rosto de orvalho
Conduziu-me ao Seu paraíso
Onde reside a abundância dos prazeres do Senhor
Contemplei árvores floridas e carregadas de frutos
A Sua coroa nascia deles
Floresciam suas ramas e engrossavam seus frutos
As Suas raízes surgiam de uma terra imortal
Um rio risonho as regava
E a terra da vida eterna em seu redor
Bem aventurados os que estão plantados em Sua terra
Crescem na germinação das Suas árvores
E passam das trevas à luz... [20]

Os princípios esotéricos da Ordem dos Cavaleiros Templários são confirmados nos símbolos e nos monumentos deixados através dos séculos, os quais são carregados de grande energia, o que pode ser constatado por todos aqueles que percorreram o Caminho de Santiago e por aqueles que entram no Castelo Templário de Tomar.

A cruz templária é um símbolo da manifestação dos quatro elementos: o fogo dirigido ao corpo mental concreto, a água ao corpo energético, a terra ao corpo físico, e o ar ao corpo emocional. Ali, respectivamente, encontram-se o reino humano, o vegetal, o mineral e o animal, foi esta cruz que recebi como carimbo na *Credecial del Peregrino* através de Rui.

Na cruz, constata-se apenas um dos grandes mistérios esotéricos da Ordem.

No triângulo, presente em inúmeros desenhos dos Cavaleiros do Templo, estão figurados a vontade, a inteligência e a intuição. A vontade, a centelha Divina do homem; a inteligência, a mente pura; e a intuição, onde são captados os conhecimentos de forma direta, os quais iluminam à mente. Assim configura-se a presença ternária da Ordem.

A simbologia e a numerologia são, entre tantas, demonstrações dos grandes conhecimentos místicos, esotéricos e milenares daquela importante Ordem Universal, lembrou-me um de meus companheiros.

Tomei conhecimento de que na recepção, onde o membro era trazido para ser avaliado pela Confraria, além do primeiro voto "nada para nós, nada para nós Senhor, mas para glorificar o Seu nome," ele teria que fazer outros antes mesmo de entrar na Sala do Capítulo.

Aceito o primeiro pedido e, após interpelado por três irmãos da Ordem, sob sua vontade e após a confirmação, era convidado a ir à Porta de forma especial, já que um dos irmãos mandava-o vir por Deus. Naquela hora, o candidato teria que dizer do fundo do seu ser: "Senhor, vim perante Deus, perante Vós, e perante os irmãos, e peço-vos, e suplico-vos, por Deus e por Nossa Senhora, que me acolhai na Vossa companhia e nas graças da Casa, como aquele que para todo o sempre quer ser servo da Casa."

Naquele clima de mistério e esoterismo, presidido pela noite como bem diz nas inscrições do castelo: "Ut Praesset Nocti," o Mestre da Ordem daquele capítulo mostrava ao candidato no que implicava o seu pedido.

"Irmão, pedi uma grande coisa porque da nossa religião só vedes a casca que está por fora. Porque a casca é tal que nos vês termos bons cavalos e belos hábitos e assim vos parece que estareis à vontade. Mas não conheceis os fortes mandamentos que estão por dentro: porque vós, que sois senhor da vossa pessoa, desejais vos tornar servo de outrem. Porque nunca mais fareis o vosso desejo: se quereis estar na terra deste lado do mar, enviar-vos-emos para o outro lado: se desejais estar em Acre, enviar-vos-emos para a terra de Trípoli, ou de Antióquia, ou da Armênia: ou enviar-vos-emos à Puglia, ou à Sicília... E se quereis dormir, far-vos-emos velar; e se por vezes quiserdes velar, ondenar-vos-emos que vos deiteis na vossa cama... Quando estiverdes à mesa e quiserdes comer, mandar-vos-emos ir onde nos aprouver e nunca sabereis onde. Muitas vezes devereis ouvir reprimendas.

Ora, olhai, irmão, se não podereis suportar todas essas durezas." [21]

Ao contrário do que muitos possam pensar, a iniciação e a afirmação do desejo do candidato nas Ordem esotéricas tinham que ser bem esclarecidas, afinal, após entrar nos Portais, o iniciado passaria a receber conhecimentos os quais não se encontram em nenhuma biblioteca, a não ser nas das próprias Ordens Iniciáticas em seus livros sagrados. São segredos e mistérios que aumentam significativamente o poder do ser humano, e, ao mesmo tempo, sua responsabilidade com a sua e as demais vidas do planeta. Por esta razão, não podem ser usados para benefício próprio, de forma egoísta, mas devem ser distribuídos para que continuem jorrando no poço da vida com maior abundância, a fim de mais servir.

Ainda na recepção, o Mestre alertava àquele que desejava ser iniciado:

"Irmão, não deveis querer a companhia da Casa para ter senhorias nem riquezas, nem gozo do vosso corpo, nem honras. Mas deveis pedir para três coisas: uma para evitar o pecado nesse mundo; a outra para fazer o serviço de nosso Senhor; e a terceira para ser pobre e fazer penitência nesse século a fim de salvar a vossa alma; e essa deve ser a intenção para a qual deveis pedi-la." [22]

Depois daquele ritual, era novamente perguntado se desejava entrar na Ordem, e após os irmãos avaliarem o pedido do candidato, mandava-o entrar, e quando este entrava na Sala do Capítulo, o capelão recitava a Oração do Espírito Santo, e o Mestre fazia-lhe então seis perguntas, que ele deveria responder com a mão sobre o Evangelho de São João Batista, bem ao estilo dos antigos rituais egípcios de confissão negativa.

Após responder às perguntas, era novamente interrogado pelo Mestre sobre seu desejo de fazer os votos de obediência e, por fim, era recebido como irmão da Ordem, e era entoado o Salmo *Ecce quam bonum* e, logo a seguir, o Mestre lhe conferia o *ad vitam* (sopro vital) – o beijo da paz, na boca. Naquele ambiente mágico, de grande força energética, era entregue uma corda ao novo membro, a qual deveria usar na cintura por baixo das roupas. Esta corda representava o seu vínculo com a Ordem Templária, e também, tinha o efeito de conter as energias inferiores do seu 'eu animal', dando início, a partir daquele instante, a uma nova vida. [23]

Tudo isso que vos digo ultrapassou as muralhas do castelo e tornou-se público em diversos livros como o do próprio Paulo Alexandre.

Tomar conhecimento do ritual de iniciação representava compreender um pouco mais a respeito da Ordem Templária; ao mesmo tempo me fazia entender que não é necessário a busca de riquezas e poder, pois quando se age obedecendo os princípios fundamentais de elevação do homem, tudo flui em nossa direção, e sem que percebamos, tudo que desejamos chega até nós, e os bens se multiplicam como multiplicaram-se os bens dos nobres Cavaleiros de Cristo na Idade Média, pelo simples prazer de servir e de doar o melhor de si em busca do justo, do honrado e da elevação do ser humano.

Naquela sala, com aqueles dois personagens, envolvido por aquela atmosfera de magia, luz e esoterismo, pude aprender inúmeras lições que fortaleciam ainda mais os princípios e multiplicavam o desejo da busca pela elevação do ser.

Aprendera ali que o Caminho de Santiago se estendia por inúmeros outros caminhos. Isso quer dizer que onde quer que estejamos, ali será o caminho.

De alguma forma, sabia que algo me ligava à Ordem Templária, e não bastasse tomar conhecimento da filosofia empregue em sua existência, e dos princípios aplicados que ainda hoje, mesmo após a queda da Ordem com a morte do último Grão Mestre, Jacques de Molay, ecoam e servem de bússola de orientação para aqueles que buscam a luz do aprimoramento individual fundamentados nos princípios da Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Minhas ligações com a Ordem ultrapassam as barreiras do tempo, e ao término de minha jornada pela Europa compreenderia finalmente o porquê do Caminho ter me chamado.

Após sair da sala com Álvaro José e Rui, fui convidado para visitar outros locais do Castelo de Cristo que estavam fechados ao público. Enquanto percorríamos os longos corredores, em minha mente passava, como um filme, todos os instantes desde que embarcara do Brasil para Madrid, de lá para Pamplona, e, finalmente, para Roncesvalles, onde dei o primeiro passo na ‘Rota das Estrelas’.

Aquelas recordações davam o verdadeiro sentido do Caminho ao peregrino, ao mesmo tempo em que asseguravam que o peregrino que nascera no Caminho de Santiago jamais morreria, pois basta entrar na senda para que se continue andando na direção da ‘Luz da Existência’, a qual conduz à elevação do ser e seu aprimoramento como eterno espírito em evolução no vasto campo das constelações que compõem a magnitude do infinito Universo.

"Non Nobis, Domine, Non Nobis, Sed Nomini Tuo ad Gloriam" - Nada para nós, nada para nós Senhor, mas para glorificar o Teu nome.

Não sabia, no entanto, que outra surpresa me aguardaria ao fotografar a cúpula da charola central, momento em que constatei que o desenho da mesma é igual ao que, sem que o conhecesse, encontra-se no centro da sala em minha casa na Chácara Luz da Manhã, reforçando que o Caminho há muito já existia dentro de mim, me atirando a um insólito mergulho interior a questionar aquela constatação. Coincidência?...